

ITAGUAÇU PRIMEIRAS FAZENDAS DIAS ATUAIS

GENTÍLICO ITAGUAÇUENSE



REGINA MENEZES LOUREIRO

PESQUISA E AUTORIA
Regina Menezes Loureiro

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Edson Maltez Heringer
edsomaltez@gmail.com

REDAÇÃO E DIGITAÇÃO
A autora

IMPRESSÃO
GM Gráfica e Editora
gmgrafica@gmgrafica.com.br

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

1ª Edição - 500 exemplares

Todos os direitos reservados. A reprodução desta obra, sem autorização da autora, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação à Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sumário

Epígrafe

“Por mais que se queira explicar os fatos pela maior ou menor impressão que eles produziram, sempre resta alguma coisa que não se sujeita a esta medida arbitrária. Domine na poesia como na pintura o impressionismo; façam dele um ideal na arte, mas nunca poderão por este estalão medir o valor de um acontecimento”.

Affonso Cláudio

Dedicatória

*Se verso e rima traço
para ornar poemas e vitórias,
é com prazer que minhas histórias
desnudo e crio e recrio no meu espaço.
Se entre risos, afetos ou atos,
a saudação que faço
é por certo verdadeira.
Glorifico jubilosa
e alvissareira
a família que construí e tenho
- troféu meu a transbordar amores.*

Agradecimentos

*Nas páginas seguintes tentei
a história de Itaguaçu reviver.
Para escrever a pequenina memória
deste povo fulgurante de glória
muito trabalho a muita gente dei,
confesso, sem desvanecer.*

*Não fosse a paciência, o incentivo
e o esmero de anônimos colaboradores,
informações, documentos, entrevistas,
tudo que ilumina nossa história,
se perderia, culpa desta vida transitória.*

*É com prazer que a todos agradeço
e a imagem que fica impressa
e me leva aos Píncaros da Glória,
é a importância dos auxílios que recebi.*

*Aos amigos, que comentaram e corrigiram
capítulos escritos em momentos distintos, ofereço
minha gratidão com o gosto precioso de vitória.
Eis a homenagem que faço à humanidade inteira.*

Minhas homenagens

Ao iniciar o meu trabalho, tinha a certeza de que se tratava de um projeto exclusivamente meu. Ledo engano! Jamais teria conseguido escrever este texto sozinha, e portanto, devo agradecer a todo o povo de Itaguaçu, todas as famílias representadas aqui, especialmente:

Zila de Penha Lopes Roncon

Ser humano incrível é pessoa simples, comerciante, reside em Itaguaçu. É capaz de grande determinação quando deseja realizar melhorias no lugar onde mora. É guerreira, é exemplo de grandes feitos. Quando o assunto é a História de Itaguaçu ou a publicação da Revista de Itaguaçu, publicação que criou e publica anualmente, Zilá não descansa.

É memória viva da História de Itaguaçu, fonte que visitei inúmeras vezes para realizar este trabalho.



Família Caetano

Este meu trabalho foi muito gratificante, não apenas pelo resultado final mas, sobretudo, pelos amigos que fiz.

O casal, Dona Armanda do Sr. Clóvis retratam bem toda a minha enorme alegria.



Sr. Clóvis e Dona Armanda com a autora.

Sr. Clóvis

O Sr. Clóvis participou do desenvolvimento de Itaguaçu, conhece bem a história desta Terra Capixaba. Quando trabalhou no comércio de Itaguaçu, atendia os trabalhadores que chegavam das fazendas a procura do que precisavam para a sobrevivência. Ele era responsável pela empresa e tudo resolvia. Sempre atencioso, a todos atendia.

Naquela época, o dinheiro era pouco, era preciso vender fiado e receber quando a colheita viesse. Quando o freguês pagava uma conta com o dinheiro da última safra, já abria outro crédito para acertar quando chegasse o bom tempo da outra colheita.

Venda a vista só muito raro.

Assim acontecia com todo o comércio local da época. Quase todo fazendeiro tinha seu comércio e vendia fiado para seus colonos.

Os funcionários que trabalhavam nas lojas da região recebiam comissão pelas vendas que faziam e o pagamento do salário dependia do dinheiro que entrasse no mês. Mesmo assim, tudo era feito para beneficiar o povo sofrido que trabalhava na lavoura.

Além deste trabalho, o Sr. Clóvis colaborou muito com entidades filantrópicas do município, com as escolas, e com a sociedade em geral que muito apreciavam a sua música. Muitas vezes era chamado para prestigiar as festas escolares para tocar em eventos culturais.

Sempre solícito ele tocava o seu trompete. Nas festas do dia das crianças ele comprava balas biscoitos, bombons e outras iguarias na Fábrica Garoto para distribuir e alegrar os pimpolhos.

Participava de um Conjunto Musical e tocava também na Banda de Itaguaçu que abrilhantava os desfiles e os dias de festa. Fez várias vezes alvorada em Itarana.

Ama sua terra natal e sempre representou bem o seu município.

Dona Armanda

Dona Armanda foi professora dedicada e sempre trabalhou na rede pública de ensino em Itaguaçu. Profissional atuante foi, sem nenhuma dúvida, grande incentivadora da cultura local e contribuiu para educação e formação de muitos cidadãos itaguaçuenses, Era enérgica e gostava de ver o progresso de seus alunos. Amava muito todos eles.

Adepta da pedagogia da autonomia na educação, com seus pupilos primava pela liberdade do diálogo entre professor aluno. Sempre pronta para atendê-los, respondia a todos mesmo quando era abordada fora dos muros da escola. Quando o aluno precisava de reforço, não media esforços. Mesmo fora do horário das aulas ela os atendia. Mantinha sempre um clima alegre, gostava de ver todos sorrindo.

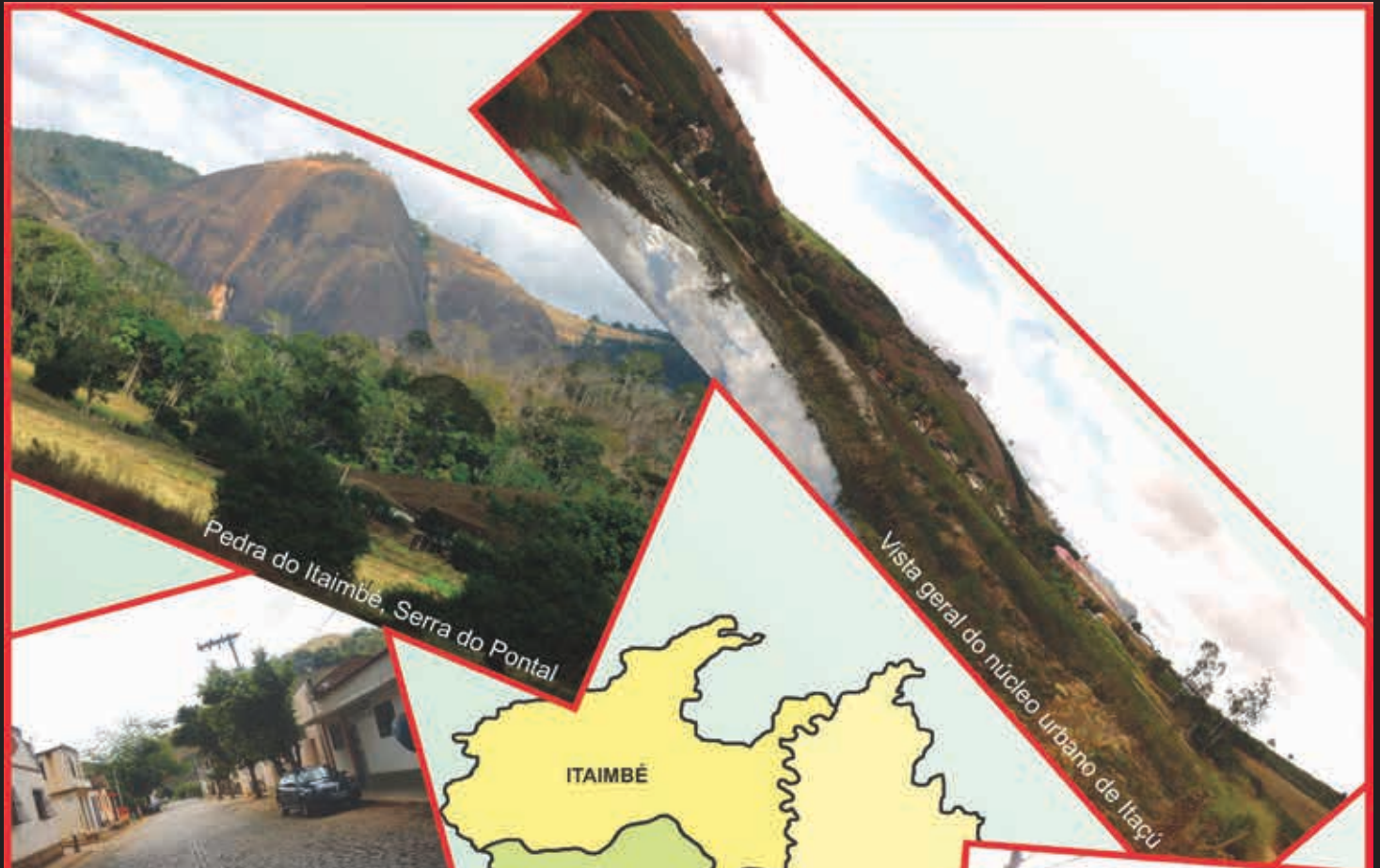
Com amor e carinho, conseguiu curar até a gagueira de alguns alunos.

Certa vez uma aluna chegou transferida da classe dos “excepcionais” e foi discriminada pela turma. Dona Armanda conversou muito com a turma que acabou aceitando a colega e até colaborou para que ela vencesse as suas dificuldades.

Cantava, gostava de recitar poesias em suas aulas para despertar neles o gosto pela leitura. As aulas de Moral e Civismo ensinava o conteúdo com músicas relativas ao tema estudado. Preparava os alunos para a Parada de 7 de setembro cantando com eles os hinos de louvor à Pátria que aprendera com sua professora primária.

Palestrante de fama conhecida, era sempre convidada para reuniões e eventos culturais. Nestes momentos enriquecia sua fala declamando poesias.

Realmente podemos afirmar que Dona Armanda e o Sr. Clóvis compartilharam e escreveram a história de Itaguaçu e colaboraram para o desenvolvimento econômico e cultural da cidade.



Apresentação

*Quando me lembro da fazenda de meus avós,
sinto saudade danada, de tudo que havia lá...
Sinto saudade da fazenda, com a vovó a costurar
e a fazer biscoitos e pães deliciosos.
Sinto saudade danada, de tudo que havia lá...
Água pura lá da bica, dia e noite sem parar,
fumaça da lamparina, fogão a lenha a crepitar,
polenta servida na mesa grande, de jacarandá.
E lá no moinho de pedra, milho virava fubá,
café pilado na hora, logo cheirava pra avisar.
A estrada, a poeira, o burro, a charrete
o sabiá na laranjeira, os porcos no chiqueiro,
as galinhas no poleiro, fim de tarde lá na venda.
Quando me lembro da fazenda de meus avós,
sinto saudade danada, de tudo que havia lá.*



Nossa história começa assim...

*O Espírito Santo registra
Fatos cheios de glória
De homens especiais
Que honram nossa história.*

*Theodoro, Martinho Barbosa,
E Porcina em memória
Coragem e fé cristã
Fizeram nossa história.*

*O imigrante chegou
Com espírito iluminado,
Deixou seu nome escrito
Na história de nosso Estado.*

*Itaguaçu – Esta é **Rota do Imigrante** que é formada por vários quilômetros de belezas naturais do Estado do Espírito Santo. Proporciona diversão e uma aula de cultura. Temos oportunidades de conhecer um pouco de nossas raízes e aprender mais sobre o estado. A rota Caminhos do Imigrante é formada pelas cidades de Cariacica, Santa Maria jequitibá, Santa Leopoldina, Itaguaçu, São Roque do Canaã.*

*Aqui em Itaguaçu
Berço de uma civilização
Existe sempre a natureza
Convite à descontração.*





*Pescadores do Santa Joana – O município de Itaguaçu é predominantemente caracterizado por pequenas propriedades rurais trabalhadas em regime de agricultura familiar, onde é destacado o trabalho em parcerias (meeiros) em lavouras de café.
Fonte: INCAPER/ELDR Itaguaçu 2010.*

*Protegida pela Virgem Maria,
Natureza de ouro e prata,
Itaguaçu hospitaleira,
Lhe sou eternamente grata.*

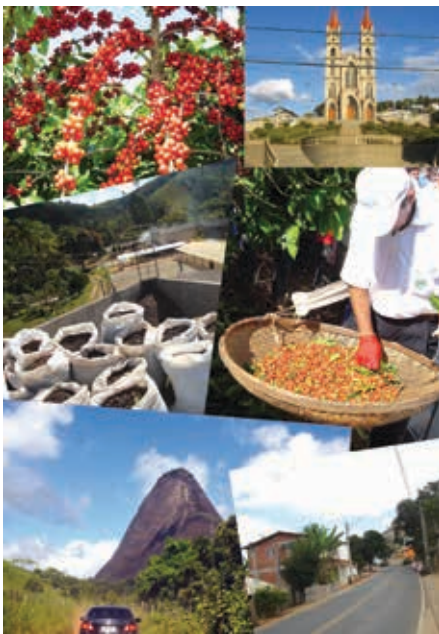
*O homem do campo trouxe
Fé, coragem e mansidão
Com a força do seu braço
Salvou esta nação.*

*Da querida panorama
Tempos muito gentis
Guardo lembranças.
Aqui vivi muito feliz*

*Pelas redes do destino
O imigrante surgiu
Lua a lua o povo crescia
No espaço da terra
Mais forte se conduzia.*



Cidade enfeitada para a festa das culturas – FITAC – Foto Frizzera



*Cidade mui querida
Foste o primeiro ventre
O primeiro abrigo
De um sêmen que gerou
Milhões de amores meus.*

*Nas trilhas do café
A terra se abriu em flor.
Aos olhos do mundo cresceu.
Seus filhos unidos
Assecuram o seu valor*



Vista antiga da Vila de Boa Família, hoje Itaguaçu. Antiga Capela de Nossa Sra. da Boa família. A primeira capela, tosca de taipá, confunde-se com a fundação do povoado, construída por volta de 1875 a 1880. Posteriormente, por fora da primeira Igreja N. S. Boa Família, foi construída a segunda, que durou até 1955. (arquivo de família).



*Nesta terra busquei raízes
Da infância uma vida
Das flores, dos pássaros,
Nas pessoas mui queridas.*

*Do baú tiro lembranças
De saudades mui doídas.
Vida plena de verdades
Fortalecem minha vida.*



O estilo é Gótico com vitrais em destaque e as duas torres com 48 metros de altura. No dia 16 de julho de 1951, foi lançada a pedra da monumental Igreja de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, antiga capela de Nossa Senhora da Boa Família. O estilo metros de altura. (APEES).

*Em plena vida rural
Um canto cheio de glória.
Fui construindo valores
Começo de uma história.*



Pedra Paulista – Estrada da Lajinha. Fonte: Equipe técnica Núcleo Cidades/FCAA).

A Pedra Paulista, com 800 metros de altitude, e o Pico do Caparaó, com 850m, são alguns dos pontos elevados do município de Itaguaçu. Um dos locais mais visitados é a região de Itaguçu, local bucólico, onde a primeira capelinha data de 1912.



*O município é formado
Por morros e colinas
O pico do Caparaó
Grande parte domina.*

*Os Cinco Pontões de pedra,
Um conjunto importante
Dos jesuítas e índios
Guarda histórias fascinantes.*



Pedra dos Cinco Pontões, Distrito Sede. Fonte: Equipe técnica Núcleo Cidades/FCAA). Legislação de proteção ao atrativo: CEC-Resolução 01/09, nº Processo 030/94. Local de boa conservação, sem entrada definida. As visitas são permanentes, o acesso é gratuito e sem autorização. Duração da subida é de horas. Contempla-se lindas paisagens e o local é próprio para atividades esportivas como rapel, voo livre e escalada. A formação rochosa pode ser vista a quilômetros de distância. Inventário da Oferta Turística do Município de Afonso Cláudio / 2005.

*Suas tão belas imagens
E ornada por ricos painéis
O povo sempre emocionado
Orando se curva a seus pés.*



Os amantes de ecoturismo não podem deixar de visitar a Cachoeira do Christófari – localidade de Sobreiro, distrito de Palmeira. Fonte: Equipe técnica Núcleo Cidades/FCAA).

*Em maio, mês mui festivo
De Itaguaçu, cidade vizinha
Sinto tantas saudades
Dos leilões, das ladainhas.*



Matriz de Nossa Senhora Medianeira de todas as graças

*A Matriz de Nossa Senhora
Medianeira de todas as Graças
Fica numa colina
Em frente, bonita praça.*

*No final deste mês de Maria
Em festa bem programada
Após solene procissão
Nossa Senhora era coroadada.*



Procissão – Festa Religiosa em homenagem a Nossa Senhora das Graças. À direita, a Professora Amanda Leite Cunha, à esquerda a Cadeia Pública ao lado do Ginásio de Itaguaçu em construção. Fonte – APEES

*Tudo feito com respeito
Louvando Nossa Senhora
Algo se perdeu no tempo
Igual não se faz agora*

*Itaguaçu também registra
Fatos cheios de glória
De homens corajosos
Que honram nossa história.*



São Roque do Canaã
Itaguacu
Itaúna
Santa Teresa
Fundão
Santa Maria do Estibá
Santa Leopoldina
Cariacica

9R

OB

Prefácio

*Em nossas veias lateja o sangue quente
Do negro africano, um dos pilares da boa Terra capixaba.
Em nossas veias também corre o sangue
Do português, do imigrante anônimo e do corajoso índio...
Bendito todo sangue que veio enriquecer
esta boa Terra capixaba.*

Minha pesquisa não revela tudo, mas foi o que encontrei. Muitos dados não existem mais. Visitei por muitas vezes o município de Itaguaçu e, para minha surpresa, cheguei a uma constatação: só encontrei dados datados a partir de 1940.

Na câmara as atas só de 1948.

A enchente de 2013 causou muitos estragos materiais, levou desespero às famílias e muitos documentos preciosos foram destruídos pelas águas.

Os decretos e leis, as fotos foram catalogados graças à dedicação e presteza de funcionários dos institutos Jones Santos Neves e Ceciliano Abel de Almeida, do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo e Biblioteca Pública do Estado do Espírito Santo. Encontramos mapas e fotos mas alguns documentos incompletos e, em alguns casos, de difícil leitura por causa do mau estado de conservação. Os depoimentos das famílias de Itaguaçu, muitas fotos e entrevistas ajudaram a compor o trabalho.

Não é minha pretensão a produção de uma obra completa. Desejo despertar olhares de profissionais locais e da imprensa em geral para o município que possui uma história de muitos povos que aqui chegaram e venceram para a glória do Estado de Espírito Santo.

Que venham novas pesquisas para completar e enriquecer o meu trabalho.

Não poderia deixar de citar a grande ajuda da amiga e companheira Zilá Caetano e suas valiosas publicações.

Este trabalho careceu, também de pesquisas na Bibliotecas Pública da UFES – Universidade Federal do Espírito Santo, em igrejas de Itarana e Baixo Guandu e em cartório da cidade estudada.

Conversas com pessoas, entrevistas e muitas viagens de estudo, porque acredito que toda história deve ser preservada pois é raiz, é razão onde os vivos buscam explicações para o seu viver.

História é conhecimento de tudo que aconteceu, são ensinamentos, é acúmulo de experiências, às vezes negativas, outras positivas, mas que nos permitem melhor viver o presente com forças e certeza de que para o futuro o passado nos dará maiores chances de sucesso.

Nasci nesta terra abençoada,
Terra de Nosso Senhor,
Boa Família era chamada e,
Afonso Cláudio era o gestor.

Muitos causos ouvi, você contou,
Mostrei o que a memória tinha.
Outros tantos festejei e revivi
E registrei como tudo começou.

O homem é o resultado de fatores que o acompanharam por toda sua vida. O homem não é somente ele: é também a região onde nasceu, a fazenda que o viu crescer ou o apartamento da cidade onde aprendeu a andar, fazer estripulias. Os brinquedos que colecionou, os esportes que praticou, as lendas que ouviu, tudo se condensa em luz, energia, amor para fazer o homem crescer como cidadão. As escolas que frequentou, os poetas que leu, a música que o embalou... todas essas coisas precisam ser sentidas para a formação integral do homem.

Discorro sobre a história de Itaguaçu imbuída dos mais altos propósitos. Quero homenagear este torrão e àqueles que, já nos tempos idos, nos legaram um passado de glórias e que no presente lutam por um Itaguaçu melhor e mais progressista.

O motivo maior de nosso trabalho é manter viva a memória de antepassados e homenagear os que tiveram coragem de deixar a sua terra natal em busca de uma vida melhor.

O maior desafio deste historiador foi assimilar fatos óbvios ou notórios e transformá-los em notícias surpreendentes, sem que a simplicidade da informação comprometesse a profundidade da obra, qualidades necessárias à compreensão de quem vai ler.

Estou feliz em poder continuar este projeto e recomeçar com a pesquisa HISTÓRIA DE ITAGUAÇU.

A história é bem simples. Comecei querendo apenas registrar minhas memórias adolescentes, minhas experiências na Itaguaçu querida. Seria somente um pedaço de vida que eu não quero esquecer. Veio primeiro a FAZENDA PORTELA – raízes, ritmos e rimas. Agora, eu pretendo resgatar o trabalho nas fazendas como primeira fonte de renda do município e base para o progresso que hoje conquistamos.

O estudo que apresento não é uma simples monografia destinada a assumir lugar na vasta série de trabalhos do gênero. Vai além. Quero resgatar memórias e compreender a terra e o homem neste Espírito Santo. Remetendo-me a diversos autores para conseguir a maior parte das informações históricas, reconheço ser o assunto demasiadamente complexo e merecer uma análise atenta, enfocando diversos ângulos e apoiada no maior número de dados.

Busquei documentos nas instituições, recebi apoio da Prefeitura e Câmara de Itaguaçu, adquiri livros e busquei relatos com moradores.

Confesso que o trabalho foi árduo, mas compensador.

O trabalho, **ITAGUAÇU – das primeiras fazendas aos dias atuais**, pode apresentar lacunas. Não é um livro de História e nem pode ser posto no mesmo patamar de outras obras de importantes historiadores capixabas. Não é um relato de viagem, não é coletânea de entrevistas. É o resultado de um estudo sobre alguns aspectos da colonização do município estudado. Na maioria das vezes apresento um quadro instantâneo dos fatos tentando explicá-los, se necessário. Aplico métodos de estudo indispensáveis a uma boa pesquisa, mas com relativa flexibilidade metodológica que me permite, às vezes, lançar mão de texto literário para descrever fatos que a história não revelou; contudo, sem perverter a verdade.

Estou ciente que história é uma ciência. Registra e transmite conhecimentos relativos à evolução e ao passado da humanidade com método. Tem compromisso com a verdade. Mas o historiador também trabalha com a literatura. Como toda forma de expressão, o texto histórico contém elementos de imaginação e de ficção.

Mas conduzimos a nossa pesquisa sobre o tema à luz de nossas conclusões e das nossas premissas, sem esquecer o que outros autores dizem a respeito. Com a opinião verdadeira de outros autores os dados se harmonizam.

Cabe ao leitor deleitar-se com os fatos descritos e ao historiador cabe verificar e ampliar a verdade dos fatos. A intenção é conhecer um determinado tipo de homem que viveu numa determinada data construindo a história de um povo.

Sempre que possível, evito as notas de rodapé para não sobrecarregar o texto. Uso recursos visuais: fotos, gráficos e mapas, pois acredito que tais recursos permitem ao leitor seguir ou retomar o caminho da narrativa para nova análise dos fatos apresentados.

Como dizer da nossa gratidão a todas as pessoas que me ajudaram, e enfim, a todos que nos receberam tão generosamente e não se recusaram a ofertar tantas e tão sólidas informações, a não ser muito obrigada?

Eu me esforcei perante o leitor. O material conseguido por mim, às vezes a custa de sacrifício de uma exposição coerente, representa o sentimento de um colecionador de dados que supõe, ser possível, ser útil a outros objetivos científicos, além daqueles que tem em mira.

Andei de vale em vale,
Ouvi todo povo que fala,
Fui a lugar abençoado,
Vi até gente que cala.

Ouvi cantar o galo,
O cão ladrar na aldeia,
Vi boi berrar pelos vales,
E montanhas em cadeia.

A comida na algibeira,
Na cintura o facão,
Caí na ribanceira,
E muita fé no coração.

Se agora esqueci detalhe
Peço ao leitor perdão:
- Complete nosso estudo,
Faça por mim um favor.

Quem é a autora?

Passo a passo

Passo a passo meu caminho traço.

Sem ajuda de ninguém...

Às vezes feliz, ou com amarguras risco ideias, sozinha...

Busco instantes, chego a delírios, atravesso pântanos e praças.

Forjo linguagens, permito-me devaneios e chego a românticos arrebatamentos.

Sinto as delicias do amor...

Deixo-me fluir, pensar, cantar sublimes momentos.

Solta, sem rumo, sem direção procuro palavras e não as encontro!

Quisera eu me transformar em verbo para burilar novas sensações, criar outras vidas e vestir de amor o baú de meus pesadelos.

Sonho ter asas de pássaros, me perder nos infinitos abraços de corpos nus e transformar instantes em mil deidades.

Surpreendo-me diante ao espelho de minha alma.

Sinto saudades!

Dos sonhos que não vivi, das paixões que não curti, da juventude que não volta jamais.

Como a folha seca que ao vento cai, estou a deriva, sem rumo, sem direção.

*Vem, vento, varre meus sonhos, alegre minha pobre vida...
Desperte, ó vento, a poesia que ferve em mim!
São tantos os versos que brotam sonhando felicidades que na
minha poesia o milagre do impossível se torna realidade e a
vida sonhada me escapa nesta arte vivida.
A palavra é leve como o vento, forte como a tempestade e
para Deus é oração. Preciso saber qual palavra usar com
inteligência de pensamentos, para fazer germinar em
rompantes, um poema que seja arte que ensina,
obra feita com arte.
Em minha vida vazia a poesia canta, canta e dança,
dança e canta... porque, mesmo sendo pequena,
é grande e efetiva em sua transcendência.
Crio arte que excita a alma. Crio arte em forma de poema.
Decanto em versos:
seios esferóides decifrados em decassílabos...
corpos torneados por palavras fortes,
sussurradas ao pé de ouvido...
canto sua boca ímpar, deliciosa incógnita, convidante a
outras texturas e a emocionantes leituras...
No meu poema canto o grande universo do amor...*



Regina Menezes Loureiro é pedagoga, advogada. Nasceu em Vitória é filha dos itaguaienses Ivan Barbosa de Menezes e Maria José Menezes. É membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Idealizadora e organizadora a I FEIRA LITERÁRIA CAPIXABA, maio de 2014.

Introdução

*Entre perigos de toda sorte
nas florestas cheias de feras,
abri caminhos com meu facão.
Mas perigos mesmo, até de morte
com cobras e lagartos na espera,
só enfrentei nas margens dos rios,
e nos alagados com o mosquito
levando doenças em seu ferrão.*

A história de Itaguaçu repete a história do Espírito Santo, considerando um atraso cronológico, principalmente se comparamos a evolução da economia e costumes da sociedade capixaba.

Pesquisando a história do Espírito Santo encontrei algumas informações sobre os primeiros habitantes de Itaguaçu, ou seja, dos períodos em que houve registros escritos sobre as atividades que colonizadores e os imigrantes desenvolveram em terras capixabas.

O Estado do Espírito Santo foi fundado oficialmente em 23 de maio de 1535, mas somente muito tempo depois, tomamos posse do nosso território e definimos nossas vocações. Mesmo com produção açucareira animadora que era desenvolvida nas fazendas do litoral a capitania não prosperou. A criação da Alfândega em Vitória, em 1550, para controle fiscal do triângulo comercial Portugal Angola, em nada ajudou a capitania.

Em 1585, somente as terras do litoral da capitania do Espírito Santo eram consideradas ricas em gado e com algumas culturas de cana e algodão. Com seis engenhos de

açúcar e muita madeira de cedros e paus de bálsamo, a vila de Nossa Senhora da Vitória já contava com mais de 150 vizinhos¹.

Mas ocupação de todo solo Espírito-santense foi uma das mais tardias na costa brasileira. Até meados do século XIX apenas uma pequena faixa costeira tinha sido tocada pela mão do homem. O restante era mata virgem

O Espírito Santo conheceu várias fases de depressão oferecendo a todos a visão que a capitania era realmente um verdadeiro desastre. Devido à incapacidade de conter o ataque dos índios e a má administração que não contribuía para a organização econômica da capitania, a produção de açúcar ficou reduzida, a navegação direta com a Metrópole foi suspensa.

A descoberta do ouro em grande escala nos fins do século XVII e início do XVIII constituiu enorme entrave ao desenvolvimento do Espírito Santo. Enquanto o ouro representava riqueza para a Coroa, o Espírito Santo só recebeu melhorias nas construções de fortificações, ampliação do destacamento militar e proibição de construção de estradas que ligassem o nosso litoral à riqueza das Minas Gerais. Estas medidas representaram ainda maior isolamento para a capitania.

Enquanto a Capitania do Espírito Santo funcionava como muralha protetora das minas de ouro, séculos se passaram e o nosso Espírito Santo sobreviveu ao mais completo abandono. Mesmo após 1786, quando foi permitido o intercâmbio com Minas Gerais e caminhos poderiam ser abertos, os efeitos da proibição permaneceram até a virada do século. Neste contexto, já em 1811, o comércio da capital só funcionava em pequena escala, a produção local era transportada em pequenas embarcações e as residências refletiam a miséria local. Além de Vitória, capital provincial, apenas algumas vilas litorâneas podiam se consideradas no Espírito Santo. Esta foi a causa do atraso econômico e o isolamento territorial da capitania com reflexos na vida socioeconômica da toda a província.

A produção açucareira e a proibição portuguesa mantiveram os espírito-santenses presos no litoral e uma imensidão de terras não eram colonizadas.

Eram consideradas terras desabitadas já que não consideravam os índios como proprietários do solo.

Em 1880, ainda não havia ocorrido a interiorização.²

A abertura do Rio Doce era considerada imperativa para o povoamento médio e alto vale do rio Doce.

As canoas, que singravam até então com soldados e munições, passaram a navegar com mantimentos, sal e querosene para atender aos que vinham do interior de outros estados.

Por outro lado quase nada foi registrado sobre os braços fortes dos valentes que lutaram nesta terra capixaba, principalmente nos rincões do Santa Joana.

*Não tinham bússola,
nem direção.
E o velho sonho?
guardado na algibeira
dava febre de emoção.*

¹ R. IHGES, Vitória, 62: 9-34, 2008

² MARTINUZZO, José Antonio. *Caminhada de Travessia – Os Primeiros do Novo Governo do Espírito Santo* / . 2003, Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, Superintendência de Comunicação. 120 p.: Il

*Caminhavam destemidos
combatendo feras, escorpião,
conquistando terras
confiantes na boa estrela,
caminhando de prontidão.*

Posso até imaginar: picadas feitas a facão, ranchos cobertos de palha de palmito, eternas lições de vida dos que construíram nossa história.

No Dicionário Histórico e Geográfico e Estatístico da Província do Espírito Santo:

“Em 1857 foi iniciada a derrubada de matas na barra do Guandu (1.000x200) braças destinadas a nacionais vindo de Minas – os prazos distribuídos a um pequeno número de mineiros, que solicitaram, foram deixados ao abandono.”

Em 1860, por aviso de 06 de outubro desse ano, mandou o Governo Imperial (Lei de 14 de setembro de 1859) se desse a cada um dos ex-praças de linha um lote de terra de 22.500 braças quadradas, o que não se realizou visto que nem um se apresentou fazendo valer o seu direito.

Em 1866, o Major José Vieira de Carvalho Milagres, conhecido como Major, vem ao Espírito Santo para reconhecimento das terras do rio Doce.

Somente mais tarde, em 1886, após a chegada do Major que se instalara na foz do Guandu, é que os fluminenses iniciaram o périplo de norte para o sul no intento de desbravar terras e explorar os rios da região. Chegaram então ao Santa Joana. Depois de desbravarem as terras às margens do maior afluente do rio Doce no Espírito Santo, os pioneiros de Cantagalo (RJ) – os Milagres – chegaram ao médio Santa Joana. O Major José Vieira de Carvalho Milagres, passando por picadas abertas na mata por onde passavam as comitivas no lombo de animais de carga, veio até aí com sua escravatura, seus bens e o filho seu homônimo. Sediou-se próximo ao rio Sobreiro. Encontrou sinais de ocupação, possivelmente quartéis, segundo SBARDELOTTI, Aristeu José em CANAÃ de Figueira de Santa Joana, 1986- IHGES).

Quando os Carvalhos chegaram no Guandu, os índios botocudos ainda povoavam a região que era ponto obrigatório nas comunicações entre as colônias emergentes, por isso foi provida de forças armadas, protetoras dos transeuntes e dos futuros colonizadores, contra o aborígene. Para conseguir manter a comunicação com a região, criaram-se ‘quartéis’, como o de ‘Porto do Souza’ (uma légua abaixo da foz do Guandu).

Os colonizadores fluminenses contavam que, visitando o antigo ‘quartel’ pela primeira vez, se viram à frente das minas de antigas construções, e muita capoeira ao redor delas. À beira rio encontraram ingazeiros feridos em suas cascas pelas correntes das canoas procedentes de Linhares e, ainda, rastros, acentuadamente recentes, das onças vadias e vorazes, as mesmas a que eles, futuramente, ofereceriam sério combate.



Fonte: <citybrazil.uol.com.br/es/itaguacu/historia-da-cidade> em 01/12/10.

Em 1871, Francisco Vieira de Carvalho Milagres, irmão do Major, veio de Cantagalo para Guandu. Veio para encontrar-se com o Major para fixar seus negócios em terras capixabas.

Em 1872, Francisco chega com sua família e escravos.

O Major José Vieira de Carvalho Milagres, era casado com Porcina Angélica de Santa Rosa, era filho do Capitão Francisco Antonio de Carvalho e Cunha, português de Telões (Santo André), que era filho de Agostinho de Carvalho Faria e Josefa Maria Soares, tronco dos Vieiras de Carvalho, senhores da fazenda da Conceição do Rio Negro e o fundador do Porto Velho do Cunha.

Quando o português José Vieira de Carvalho Milagres, o Major, iniciou sua primeira viagem ao Estado do Espírito Santo com seu filho José, não havia estradas para ligar o sertão à capital e a população do Espírito Santo era de aproximadamente 300 000 almas, espalhadas ao longo da orla marinha. Bem pouco progresso se tinha alcançado até então. Não existia a divisão profissional do trabalho e os ataques dos índios dificultavam a vida dos colonizadores. A maior parte da população vivia dispersas em unidades familiares formando pequenas colônias onde se cultivava a cana de açúcar, o milho e em alguns lugares o algodão, mas sempre instaladas próximo ao litoral.

A agricultura era de subsistência até então sustentada pelo trabalho escravo ou pela dedicação dos membros da família.

Os irmãos José, o Major, e Francisco Vieira de Carvalho Milagres foram os pioneiros em Guandu e posteriormente em Itaguaçu. Desenvolveram suas atividades com poucos recursos e sustentados pela mão de obra família. A princípio e depois com o sucesso da empreitada, procuraram explorar o rio Doce para escoar os produtos da região. Suas conquistas representaram grande progresso para o Espírito Santo. Como nesta época não existia estrada de rodagem nem ferrovias, os Vieira de Carvalho criaram o transporte pelo rio Doce.

Como vimos, o Major José Vieira de Carvalho Milagres veio de Cantagalo, Rio de Janeiro, para o Espírito Santo, em companhia de seu irmão Francisco Vieira de Carvalho Milagres, para reconhecimento das terras do Rio Doce³. Fixaram na foz do Rio Guandu. Reconhecendo a importância da navegação do Rio Doce como indispensável para o desenvolvimento econômico da empreitada os irmãos Vieira de Carvalho estabeleceram o sonhado intercâmbio com Vitória usando, embarcações de sua propriedade.

O vapor Mascarenhas iniciou o transporte pelo rio Doce e criou novas perspectivas à economia da região e interligou a vila do Guandu a já existente navegação de cabotagem que, desde o século XVIII, interligava o Espírito Santo ao Rio de Janeiro e Bahia.

Em 1888, a princesa Teresa da Baviera, que nos visitou, não compreendia o desejo dos moradores ribeirinhos de disporem da navegação a vapor com o rio tão baixo.

Mais tarde, Senhor Fortunato Barbosa de Menezes, já instalado na fazenda Portela, apresentou projeto para encurtar a comunicação entre Baixo Guandu e Santa Teresa, passando pelo baixo Timbui.

Citando Sbardelotti, em Canaã de Figueira de Santa Joana:

Em 1885/7, o governo investe no know how alemão no ramo. Peças made in Germany montam aqui o vaporzinho "Rio Doce". Este foi inaugurado a 21 de fevereiro de 1879. Rebocado pelo Ana Clara, segue para o rio Doce. Além de autoridades, também uma caravana de Cantagalo, RJ, com a família de Fortunato Barbosa de Menezes e outros que embarcou em Vitória, (mais precisamente na angra de Vila Velha) com destino à fazenda dos Milagres de quem eram parentes.

Com a instalação de Fortunato na fazenda Portela, José Vieira de Carvalho Milagres, sogro de Fortunato, invadiu terras às margens do rio Santa Joana, formou uma nova fazenda no lugar onde é hoje o distrito de Palmeira.

José Vieira viveu pouco tempo no lugar. Após sua morte sua família voltou para o Rio de Janeiro. Seu irmão Paulo Vieira de Carvalho Milagres e seu filho Romualdo vieram para Palmeira, administrar a fazenda da família.

Mais ao sul, José Theodoro de Andrade, concunhado de José Vieira, fundaria logo a seguir, o Arraial de Boa Família (idos de 1888?) numa época em que o engenheiro Emílio da Costa fazia medições no rio Doce. Estava quase raiando a alforria negra, muito indócil já.

José Theodoro formou outras fazendas e deixava seus genros para administrá-las. Alguns parentes também ficaram em suas terras. José Theodoro doou terras ao município. Segundo documentos do APEES foram doadas as terras onde se instalou a sede o município e outra de suas fazendas deu origem ao distrito de Itaçu.

O transporte dos produtos da região continuava precário. As mercadorias eram levadas em lombo de animais até Santa Leopoldina, Afonso Cláudio ou Santa Teresa para depois seguir para Vitória. A madeira descia o Santa Joana até Itapina no Rio Doce.

A estrada e o caminhão só tempos depois.

Desde 1853 a produção de café suplantava a açucareira no Espírito Santo. Mas somente com a chegada dos Vieira de Carvalho na Portela é que esta cultura chegou ao oeste do

³ LOUREIRO, Regina Menezes. FAZENDA PORTELA – raízes, ritmos e rimas. 2010

Estado. Foram estes fluminenses que, a partir das últimas décadas do século XIX, fizeram florescer a economia regional com o café que era cultivado e secado em terreiro como era costume das fazendas do Rio de Janeiro.

Mas o café pode demorar até seis anos para florescer. Para frutificar exige condições especiais. Em Itaguaçu, principalmente nas regiões elevadas, é que o arbusto encontrou solo e clima ideais.

Mesmo com a economia voltada para a produção de café, sobravam espaços nas fazendas para a agricultura de subsistência cujos excedentes eram comercializados. Utilizavam o rio Doce como corredor de escoamento de mercadorias por excelência, preferível à estrada de Santa Teresa: chegavam a exportar 346.680 Kg de café, além de toucinho e fumo. Também era usado o porto de Santa Leopoldina, no rio Santa Maria.

Nesta mesma época Carvalho Mascarenhas atraía gente para Guandu enquanto crescia a passagem de mercadorias pelo rio Guandu. Mercadorias vinda por via fluvial e por terra vindas de Caratinga e zona do alto Manhuaçu, Carvalho Milagres se esforçava por atendê-los criando a primeira casa de comércio porque o Guandu já se apresentava como posto intermediário de grande significado da economia do Estado. Substituiu, mais tarde, a firma individual por uma de seu filho Francisco Junior que se estabeleceu primeiramente em Porto do Souza e mais tarde transferida para Porto Tatu.

A administração metropolitana continuava incentivando a abertura de estradas mas o Rio Doce ainda se impunha lentamente como meio natural de ligação da região com a metrópole favorecendo o desenvolvimento da pequena vila de Baixo Guandu. As poucas vilas existentes no Estado ainda só se comunicavam através da pequena navegação de cabotagem, pelos rios e litoral e por caminhos ou trilhas deixadas pelos índios. O transporte de mercadorias só era possível a pé ou em lombo de animais. Por causa da falta de comunicação a população local permanecia alheia às notícias e manifestações políticas.

Na foz do rio Guandu, as magníficas condições naturais da terra, tanto pelo clima como pelo solo, foram incentivo para a implantação de fazendas de cana e de café que representavam riquezas valiosas para o comércio da província. Os lucros da produção do café levaram os pequenos lavradores ao plantio do café em novas propriedades abertas na mata e até a se descuidarem até mesmo da agricultura de subsistência. Como consequência do grande desenvolvimento da cafeicultura na região, a vila do Guandu foi se desenvolvendo sendo necessário construir estradas e desbravar florestas e, conseqüentemente, explorar novas regiões fronteiriças.

Em Itaguaçu, a economia que era de subsistência começou a sentir esperanças com a chegada do café. Mas não havia dinheiro para pagar escravos e toda família trabalhava na lavoura. Quando o café chegou a economia do lugar cresceu.

A proporção que a produção de café crescia, um grande problema surgiu em com o desenvolvimento da região. Fazendas de café sentiam a carência de mão de obra, apesar do Espírito Santo já estar recebendo imigrantes estrangeiros como já faziam as grandes fazendas de São Paulo e Rio de Janeiro, a região carecia desta mão de obra. A necessidade de vencer as terras montanhosas do interior capixaba espantava o trabalhador livre e o desprezo do governo central da capitania aliada ainda à pobre economia da vila, afastava do Guandu a mão-de-obra salariada necessária ao seu desenvolvimento.

O aumento das fazendas e a necessidade de novas terras para a formação de novas fazendas para o café empurraram os desbravadores para a exploração do rio Doce e de seus afluentes como via de transporte para o reconhecimento das terras circunvizinhas.

Enquanto ampliava os seus domínios para expansão de suas lavouras de café, milho e cana-de-açúcar, o Major José Vieira de Carvalho Milagres empreendeu viagens de exploração em vários rios na região, principalmente no rio Lage e no rio Santa Joana.

Reconhecendo as excelentes condições naturais da bacia do rio Santa Joana, o Major enviou mensageiros ao Rio de Janeiro e Minas Gerais em busca de mão-de-obra. Vieram com José Vieira de Carvalho Junior inclusive José Theodoro de Andrade.

Conforme situação da época, todas as terras da região oeste do Espírito Santo eram terras devolutas e foram invadidas pelos fluminenses sob o comando do Major. Os fluminenses se tornaram posseiros e cultivaram roçado, construíram suas moradias e se estabeleceram com suas famílias.

Segundo o art. nº 08 do Decreto nº 20 de 30 de janeiro de 1893, as famílias nestas condições (em posse criminosa) eram obrigadas a legalizar a situação irregular e compraram do governo o pedaço da terra por eles trabalhada. O processo consistia em auto de autuação, requerimento solicitando a compra do terreno, posterior demarcação, avaliação e medição para compra do mesmo.

A fazenda Portela também foi assim constituída. A definição da palavra portela já define, em parte, a razão do nome Fazenda Portela. Portela quer dizer sítio localizado entre montanhas com acesso por estreita passagem normalmente com encruzilhada.

Formada por terras adquiridas da União e localizada próxima às margens dos rios da bacia do Rio Santa Joana, hoje distrito de Palmeira em Itaguaçu, a Fazenda Portela cresceu e produziu excelentes resultados.

Só após a instalação da república em 1889, mesmo enfrentando o desinteresse do poder central, o Espírito Santo iniciou a construção de estradas. As dificuldades encontradas aprofundaram as relações econômicas entre o Espírito Santo e Minas Gerais que firmaram o Pacto de Aliança Econômica para a construção de estradas de rodagem e ferrovias.

No governo de Florentino Avidos (1924 – 1928) foi possível ao estado investir nos bondes e nas estradas de ferro. Mas somente nos governos seguintes novos investimentos para a construção das estradas entre São Mateus e o núcleo de Santa Leopoldina, Fundão e Santa Teresa, foram feitos possibilitando o tráfico de caminhões pelo interior, mas o sistema rodoviário do Estado ainda não era integrado.

Hoje o município de Itaguaçu é servido por boas estradas de rodagem. Usa-se a BR 101 até Fundão e depois a ES 261 até Itaguaçu e Colatina e pela ES-184 chega-se a Baixo Guandu.

Itaguaçu e seus habitantes

*Imigrante! Imigrante!
Se não medimos o tempo que passa
nem medimos também o que virá depois
o que não sabe ainda?
Se vem da terra onde o povo padece,
você carrega no peito as lembranças
do país que deixou e não volta mais,
e do pai que não veio e não virá jamais.
Longe dos seus, sofre a recordar.
Seu sangue, seu nome jamais esquecerá.
Com trabalho e fé em Deus há de ficar
e com inteligência e muita decisão
na Terra Brasilis sempre viverá.*

Na primeira metade do século XIX, o Espírito Santo era constituído de uma franja litorânea pouco habitada e com o rio Doce a dividi-la ao meio. Até meados deste século, os portugueses e seus descendentes se sentiam impotentes para desbravar os vales dos rios, penetrar na zona montanhosa protegida por imensas extensões de floresta que continuavam a ser refúgio de animais perigosos e dos índios aimorés e botocudos, cujas temidas flechas afastavam qualquer aventureiro que se atrevesse a enfrentá-los.

Com a chegada dos imigrantes as fazendas de café da região tomou fôlego.

A colonização italiana é bem marcada na cidade de Itaguaçu. E lá, todo mundo é primo! Engraçado. Binda, Coser, Becalli, Zanotti, Martinelli, Carnelli. Um vai casando com outro e no final das contas, todo mundo é parente de alguma forma. O Sr Jacob Binda mora há mais de 100 anos na mesma casa que nasceu, em Laginha. Ele mora na mesma casa desde que nasceu e dorme até hoje, na cama onde nasceu! Olha que coisa legal.

O professor Carlos Henrique Aurich em *Introdução à História de Itaguaçu*, editada em 1957:

Quando os italianos, na sua faina de fugir às terras frias do altiplano de Santa Teresa, avançaram para o noroeste, encontraram um certo vazio desde a região conhecida por Caldeirão, Baixo Guandu e Afonso Cláudio. Esta zona, fronteira com o Estado de Minas Gerais, já estava semidesbravada com auspiciosa perspectiva, projetada por corajosa e empreendedora família fluminense: José Vieira de Carvalho Milagres, conhecido por Major, abastado agricultor de Cantagalo, que fora atraído pela propaganda que se fazia das terras tributárias do rio Doce.



Prosseguindo na ânsia de boas terras, os italianos foram-se alastrando ao redor das fazendas Portela e Palmeiras, fundadas pelos herdeiros dos Vieira de Carvalho Milagres. Em 1884 aparecem as famílias Gobbo, Sigolen, Esberti, Carpani e Zocca, que se localizam na região onde os primitivos proprietários haviam erigido pequena capela e patrimônio à Nossa Senhora da Penha. E assim surgiu o arraial de Palmeira de Santa Joana. Péssimo costume o de substituir os nomes primitivos. Todos os distritos de Itaguaçu sofreram essa metamorfose. Por que substituir Boa Família por Itaguaçu?

Em Itaçu – ex Queira Deus ou Paraju – estiveram os Belotti, Gaspezzo e Sacalzer – João Frechiani como primeiros italianos. Os municípios de Itarana e Itaguaçu, apesar de terem sido fundados, a bem dizer, por fluminenses e mineiros, devem sua prosperidade aos imigrantes que se

deslocaram de Santa Teresa – Colnago, Frechiani, Zanotti, Guadagnini, Scárdua, Toniato, Coser e tantos outros que seria fastidioso numerar.
<http://www.estacaocapixaba.com.br/temas/imigracao/os-italianos-no-estado-do-espirito-santo-2/11/>

Os índios foram os habitantes naturais da terra. A princípio os índios aceitavam a amizade oferecida pelos colonizadores. Eles ficavam revoltados quando eram escravizados ou mortos pelos portugueses. Por vingança atacavam vilas e fazendas dos brancos, gerando intermináveis lutas.

Os índios lutaram por seus direitos, mas os colonizadores resistiram e eles fugiram até serem eliminados.

Alguns grupos de índios do Espírito Santo eram caçadores e coletores, conhecendo técnicas rudimentares de agricultura. Eram nômades devido necessidade de encontrar novas regiões onde a caça e a pesca eram abundantes.

Nas artes, os índios do Espírito Santo desenvolveram notável técnica de cerâmica e plumária. No trançado produziam cestos, peneiras, esteiras e redes. Conheceram vários instrumentos musicais como a flauta, o tambor e o maracá.

Em suas guerras empregavam o machado de pedra, arco e flecha.

O trabalho era dividido, cabendo às mulheres as tarefas mais leves.

Moravam em casa de palha, ou sapê chamadas ocas.

Os índios botocudos se fixaram na bacia do rio Doce.

Ao longo dos séculos, a convivência entre os nativos e os colonizadores foi conflituosa. Os confrontos entre colonizadores e nativos eram frequentes. O conflito mais sério ocorreu a partir de 1808, quando os botocudos atacaram Porto de Souza, que foi abandonado.



Porto do Souza – o “Quartel do Porto do Souza” já em 30 de setembro de 1813 sofrera um dos mais sérios ataques dos aborígenes. Os colonizadores fluminenses contavam que viram minas de antigas construções e muita capoeira ao redor delas. A beira do rio encontraram ingazeiros feridos em suas cascas pelas correntes das canoas procedentes de Linhares.

Os índios destruíram também Coutins e Regência Augusta. Diante de tais fatos, a Coroa autorizou a “guerra justa” contra os botocudos, que só vieram a ser pacificados em 1813, por Francisco Alberto Rubim.

O massacre dos botocudos ocorreu nos primeiros decênios do século XX. Até então, protegidos pelas florestas do rio Doce e ao noroeste do Espírito Santo. A ação genocida dos madeireiros exterminou a nação dos botocudos.

Somente no final do século XIX que se iniciou o povoamento da região montanhosa no sudoeste do Estado quando os fluminenses começaram a ultrapassar as fronteiras do Rio de Janeiro e chegaram ao Estado do Espírito Santo até alcançarem ao rio Doce.

Para estudar o processo de desenvolvimento do Município de Itaguaçu é preciso considerar seus rios e as duas correntes: a. dos fluminenses e a dos imigrantes estrangeiros que chegaram seguindo os rios da região.

Os fluminenses iniciaram a colonização do território de Boa Família na segunda metade do século XIX. A Fazenda Portela, primeira fazenda dos fluminenses exploradores representou poderoso núcleo de colonização da Terra Capixaba. A Fazenda Portela era toda a sesmaria, desde o Guandu se estendendo por toda a bacia do rio Santa Joana e seus afluentes. Foi desmembrada para ser colonizada por José Vieira de Carvalho Milagres Junior e posteriormente seus descendentes. Fortunato Barbosa de Menezes era casado com Porcina Vieira de Carvalho Milagres, filha de José Vieira de Carvalho Junior. Fortunato e Porcina assumiram a liderança da fazenda Portela e fez dela uma propriedade produtiva e de grande valor econômico.



Sempre ouvi dizer que por volta de 1888, Itaguaçu era terra quase desabitada com poucos habitantes que se aglomeravam nas sedes das poucas fazendas existentes. A maioria era analfabeta e alguns nem o português falavam. Por esta época a Princesa Teresa da Baviera aqui esteve entre os meses de agosto e setembro e até pernitoou, com sua comitiva, na fazenda Portela. Ela deixou um relato importante, rico em detalhes com registros de informações sobre a flora, a fauna, topografia e os indígenas da região.

Pelos relatos concluímos que a região, naquela época, ainda possuía grande floresta com árvores altas e corpulentas. Algumas até gigantescas, que abrigavam em seus galhos aves e pequenos animais. Muitos arvoredos completavam a paisagem.

*Arvoredos em profusão e, como espíritos debruçados
os galhos se davam as mãos enlaçando a paisagem.
Entre ramos floridos, saguis enamorados
construíam ninhos, faziam amor em algazarra,
lá na mata os bugios alvoroçados
gritavam assustados na escuridão da mata.
e os bem-te-vis, tudo assistiam:
- bem-te-vi....bem-te-vi! É uma miragem?
É o brilho silencioso do passado que não volta mais.*

Mais tarde, os fluminenses Francisco da Silva Coutinho, Antônio Gonçalves Ferreira e José Teodoro de Andrade se juntaram a José Vieira de Carvalho Milagres Junior e fundaram, às margens do rio Santa Joana, uma pequena vila, o primeiro núcleo populacional da região.



José Theodoro era natural do Rio de Janeiro. Faleceu às 4 horas da tarde do dia 19 setembro de 1905, na fazenda Sobreiro, em consequência de hydropesia. Tinha 75 anos e era casado em segundas núpcias com Maria Rosa da Fraga. Não tiveram filhos e seus retos mortais encontram-se no cemitério antigo de Itaguaçu.

De seu primeiro casamento, José Theodoro teve, pelo menos, três filhas: Deratheria Agda Leal que era casada com Dario Barbosa Senna, e Isabel Theodora Leal, casada com Antonio Martinho Barbosa, conforme certidões de casamento. A terceira filha de José Theodoro, a qual não conseguimos o nome, era casa com Augusto Coelho da Silva.

Em 1875/1880, José Theodoro abre a fazenda Boa Sorte, no córrego Sobreiro.

Antônio Coelho, cunhado de Theodoro, ficou com a fazenda Boa Sorte, no córrego Sobreiro, afluente do Santa Joana.

Francisco José da Silva veio do Rio de Janeiro em companhia José Theodoro.

João Bertoldo, filho de José Theodoro, se estabeleceu com boa casa comercial em Itaguaçu.

A história de Itaguaçu, no portal da PMI assim resume a história de José Theodoro:

A comunidade de Boa Família, atual Itaguaçu, iniciou seu processo de formação por volta de 1875 a 1880, com a expansão de propriedades agrícolas e, contou como primeiros desbravadores o português José Theodoro de Andrade, que se localizou como proprietário em Sobreiro, atual fazenda Boa Sorte e, Francisco José da Silva Coutinho que adquiriu uma propriedade no local chamado Passagem, às margens do Rio Santa

Joana, bem próxima da atual cidade de Itaguaçu. Posteriormente, José Theodoro deslocou-se do Sobreiro até as margens do referido rio, onde mandou construir um pequeno e tosco casebre e uma igrejinha, na qual introduziu um imagem esculpida em madeira, representando Nossa Senhora do Menino Jesus. Estava assim iniciado um povoado que deu origem à atual cidade que nesta ocasião pertencia ao atual Município de Afonso Cláudio

O povoado recebeu o seu primeiro nome: Vila de Nossa Senhora do Menino Jesus. Mais tarde, José Teodoro comprou parte da sesmaria Fazenda Palmeira e criou, às margens do rio Santa Joana, o núcleo que recebeu o nome do rio Santa Joana, e mais tarde ficou conhecido como Boa Família.

Carlos Henrique Aurich em, INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DE ITAGUAÇU:

Por volta de 1875 a 1880, José Theodoro de Andrade abriu a fazenda Boa Sorte, no Córrego Sobreiro, afluente do Rio Santa Joana, distrito de Itaimbé. Abriu pouco depois, uma picada até uma derribada, abandonada, que se presume ter sido feita por Henrique Martinelli. Construiu uma ponte sobre o Rio Santa Joana, e uma casinha, dando início à um povoado, origem da cidade de "Itaguaçu". Construiu uma capelinha, onde foi introduzida uma imagem esculpida em madeira, representando "Nossa Senhora do Menino Jesus".

Nesta época a economia ia perdendo a mão de obra escrava.

Enquanto durou o tráfico de escravos, a emigração europeia era muito difícil porque o trabalho livre não podia concorrer com o trabalho escravo.



Negros no fundo do porão de navio (1835) – Litografia de J. M. Rugendas.

O negro trabalhou na agricultura e por cerca de 300 anos sustentou a economia do País.

Os portugueses que aqui chegaram trouxeram alguns escravos. Logo quando Itaguaçu começou a ser povoado a Princesa Isabel assinava a Lei Áurea que acabava com a escravidão no Brasil.

Depois dos fluminenses, chegaram os imigrantes que desciam de Santa Maria e Santa Teresa.

Quando a região já possuía algumas fazendas produzindo café e assinada a lei que proibia o trabalho escravo, houve necessidade de sair em busca de mão de obra assalariada.

Os navios singravam o Oceano Atlântico. A vontade de construir um novo lar e a vontade de conseguir dias melhores, reanimaram as famílias que chegaram ao Novo Mundo.

A Itália (anos 1870) enfrentava enormes problemas de ordem financeira por causa das guerras constantes. Toda a Europa, por essa mesma época, sofria com o excesso de população que se transformava em problema para muitos países que não conseguiam produzir alimentos para tanta gente. Um excesso de população representa também dificuldade na procura de espaço para trabalhar e manter a vida.

O grande e verdadeiro sentimento que fez com que cidadãos italianos, que passavam por grande dificuldade na sua Itália, se arriscassem em nova terra, era o desejo de construir um futuro melhor para si e para aqueles que deles dependiam.

O Governo Imperial brasileiro entendeu necessário desenvolver e colonizar o território do Brasil e especialmente o Espírito Santo. Após a abolição da escravatura no Brasil, o governo brasileiro contratou um trentino para buscar italianos para trabalharem como assalariados nas fazendas de café. Grande propaganda foi realizada na região norte da Itália (trentino, veneto e lombardia) conseguindo trazer muitos imigrantes para o Brasil. .

Por meio de contratos, assinados pelos colonos ainda na Europa, o governo capixaba comprometia-se a lhes conceder:

1. Transporte;
2. Hospedagem provisória em Vitória e nas colônias;
3. Assistência médica por 2 anos;
4. Um lote de terras que chegava a 60 hectares;
5. Meios de subsistência por 6 meses;
6. Instrumentos de trabalho indispensáveis à lavoura: enxadas, foices, facões, e machados;
7. Sementes e mudas de milho, feijão, batata e abóbora;
8. Um casal de porcos, 2 galinhas e 1 galo.

A chegada dos imigrantes



A partir de 1866, mineiros e fluminenses chegaram a Baixo Guandu, na região de Mascarenhas. Mas só a partir de 1889, que aconteceu a onda pioneira com a chegada de italianos, alemães e poloneses, por iniciativa dos primeiros povoadores fluminenses, Os Carvalho Milagres, de Cantagalo, Estado do Rio de Janeiro. O povoamento do Vale do Rio Santa Joana, se deu por alemães e italianos. Em Itapina, na barra do Rio Lajes, ao sul do Rio Doce, os imigrantes eram alemães e italianos e brasileiros de Minas Gerais, como Osvaldo Costa e Antonio Felisberto. Em 1907 foi construída a Estação da Ferrovia mas o desenvolvimento do povoado, que se chamou "ita", se deu a partir de 1915, principalmente após a chegada do Coronel João Albuquerque, em 1919. Os pioneiros italianos foram os Binda, Castiglioni, Becalli, Pavan e Lauretti. <http://www.colatina.es.gov.br/acidade/?pagina=historia&item=3> em 17/07/2014

Algumas das promessas feitas com os imigrantes foram quebradas.

Oficialmente, a imigração teve início no Brasil com a chegada do navio “Rivadavia”, que aportou em 31 de maio de 1875, com 150 famílias italianas, encaminhadas para Santa Leopoldina, de onde seguiram para Timbuí e fundaram Santa Teresa, todas localidades situadas no Estado do Espírito Santo.

Em 1884, no Adria, vieram mil e setecentos passageiros. No Espírito Santo, foram para a fazenda Portela, de Fortunato Barbosa Menezes. Subiram o Rio Santa Maria da Vitória, em canoas, até Santa Leopoldina, depois, a pé, rumo Santa Teresa onde o fazendeiro Fortunato os aguardava para levá-los como colonos para a fazenda Portela.

A viagem durava 40 dias. Em 1879, várias famílias de San di Treviso, na Itália, resolveram imigrar para o Brasil. Vieram no veleiro La Valleja. Os imigrantes que chegaram em 21 de junho de 1879, desembarcaram em Santos, São Paulo, e de lá seguiram viagem para o Rio de Janeiro e o Cônsul Italiano forneceu as passagens para Vitória. A pé prosseguiram viagem para Santa Tereza e fixaram residência na mesma localidade.

Os problemas eram muitos: ausência de caminhos, isolamento por falta de estradas, doenças tropicais, relevo montanhoso que dificultava a prática da agricultura, terra fértil somente quando nova (logo após o desmatamento), diferença de clima e alimentação, os animais ferozes e a falta de apoio do governo foram algumas das dificuldades que os imigrantes tiveram que vencer.

Procedentes do Município de Santa Teresa, os emigrantes italianos chegaram em Itaguaçu, entre 1882 a 1884. As famílias foram: Battisti, Cestari, Deleprane, Ferrari, Fiorotti, Frizzera, Meneghel, e outras

Posteriormente, chegaram outras famílias, no período de 1886 a 1897. Estabeleceram-se em Laginha, Triunfo, Sossego, Sobreiro, Santa Joana etc. Foram: Becalli, Belotti, Binda, Boldatto, Bortolini, Dal Col, Damasceno, De Martin, Delboni, Demoner, Denardi, Fardin, Franchianini, Frhiani, Gasparezzo, Gatti, Gerlin, Gobbo, Briddi, Canseglieri, Casagrande, Castiglioni, Coan, Jacomini, Loriato, Loss Franzioni, Martineli, Matedi, Pagani, Passamani, Pesente, Prederigo, Rattini, Rizzo, Rosa, Rosi, Comper, Corona, Coser, Covre, Cristofori, Rossoni, Sarnaglia, Scalzer, Scardua, Sperandio, Stingal, Tomazzini, Toniato, Venturin, Victor, Zana, Zanotti, Zocca.

Os historiadores germânicos contam que a história dos alemães no Brasil começa com a descoberta da terra, pois sem a orientação de Mestre João (Meister Johann), Pedro Álvares Cabral dificilmente teria chegado a este país-continente.

O primeiro grupo de colonos alemães chegou ao Brasil em 1818, antes, portanto, da independência.

O vigor físico e a longevidade dos colonos alemães e mesmo de seus descendentes, no Espírito Santo, causou admiração e até pasmo a todos os estudiosos do assunto. A despeito do trabalho árduo, do clima, da alimentação desacostumada e das doenças tropicais, os colonos se multiplicavam espantosamente.

Ocuparam quase toda a “terra-fria” (a região no centro do Estado). Os próprios imigrantes e seus filhos desceram o rio Santa Joana, rumo ao Norte, até perto do rio Doce, no final do século XIX, início do século X. Concentraram-se principalmente em Palmeira, no município de Itaguaçu, mas espalharam-se igualmente em grupos menores no Córrego da Ponte, em Tancredo e em Santa Júlia, bem como na sede de Colatina.

Em sua maioria os alemães eram luteranos em sua pátria e aqui continuaram na mesma fé, com autorização expressa do imperador, já que a religião oficial do império era a católica romana.

<http://www.estacaocapixaba.com.br/temas/imigracao/colonizacao-alema-no-espirito-santo-2/> em 18/06/2014.



Mapa da imigração europeia – Miguel Kill, pág. 23.

Em Itaguaçu os imigrantes prosperaram e o município se desenvolveu.



A atividade pecuária desenvolvidas em todo o Espírito Santo ainda no final do século XIX, dependiam dos animais de carga que eram criados em Minas Gerais.

O transporte de pessoas também era feito no lombo de animais, principalmente, o burro por ser mais forte na subida com peso.



A charrete e o Moinho – Óleo sobre tela da autora.

Por muitos anos a charrete era o meio de transportes das pessoas mais abastadas.

Os portugueses que vieram do Rio de Janeiro e os imigrantes que vieram de Santa Tereza ou Santa Maria de Jequitibá chegaram em comitivas transportadas por animais.

Uma das dificuldades que os fazendeiros enfrentavam era realmente a questão dos transportes. Não havia ferrovias no Espírito Santo e as estradas de rodagem existentes não eram suficientes e não possuíam conservação.

O mar era o meio de transporte mais importante em todo o território. As tropas ou comboios de bestas carregavam mercadorais

Conta-se que a Porcina, quando veio para a Fazenda Portela, trouxe uma linda carruagem puxada por dois cavalos. Era muito rica, toda decorada com flores e filetes dourados. Tinha rendas nas janelas e rococós nas almofadas. Devido a irregularidades do terreno, a falta de estradas, Porcina nunca pode usar este meio de transporte e a carruagem ficou guardada no armazém da fazenda por muito tempo até se transformar em ninho de galinhas.

O café produzido na colônia chegava em Santa Leopoldina no lombo de burros e escoava pelo rio Santa Maria, transportado em canoas até o porto de Vitória.

Segundo pesquisas realizadas, os imigrantes, chegados a Itaguaçu, tratavam logo da agricultura e da pecuária. Pouco se dedicavam ao comércio. Muito lhes deve o município, quanto ao seu desenvolvimento, pois foram eles que se devotaram ao plantio de café, cana de açúcar e outras culturas. Desbravaram as terras, como sentinelas avançaram, conscientes da situação que apresentava desafios e perigos. Posteriormente desenvolveram indústrias, cuidaram da criação de gado e aproveitamento dos seus produtos e subprodutos. É do conhecimento de todos a importância deste ramo de atividades para o crescimento do município.

As atividades do colono ou meeiro, ao chegar à terra escolhida, era erigir no seu sítio, a moradia e os outros abrigos necessários à exploração agrícola. Era preciso encontrar madeira de lei resistente à podridão e aos insetos. Primeiro utilizam os troncos e galhos que restaram das queimadas, depois penetravam na floresta para encontrar o que precisavam.

Antes de começar as plantações o colono teve que derrubar a mata. Primeiro eram os arbustos que caíam ao corte do facão e da foice. Depois o machado e a serra davam conta das árvores maiores. Algumas árvores eram enormes e o colono precisava erguer um andaime em torno da árvore e a operação levava mais de um dia.

Após uns dez dias da derrubada, se o tempo estivesse seco, procedia-se a queimada. O fogo não era excessivamente forte para não destruir o húmus e tornar a terra endurecida. Após a colheita a terra precisa descansar por um ano.

José Zanotti foi um desses imigrantes. Transpôs a Serra Paulista e desbravou matas. Fixou-se no lugar atualmente ocupado pela igreja de Itaguaçu. Voltou, porém, para Santa Teresa. Mais tarde seu filho David, casado com Bárbara Dalleprane, compraria uma propriedade, em Boa Família, hoje Itaguaçu.

Velha Fazenda! Solidão! Ermo! A viagem durou dois dias, em lombo de animais. Uma tropa levava mantimentos, os pertences e os móveis para a nova habitação. Estavam a 28 de setembro 1915. O casal trabalhou, prosperou e venceu. Educou os filhos. Um herói ao lado de uma heroína: David Zanotti e Bárbara Dalleprane.

Nos relatórios recebidos, encontramos que Pietro Giuseppe Gobbo veio em 1884, no Adria, que transportava mil e setecentos passageiros. Uma borrasca estragou os alimentos. Tiveram os imigrantes ordem de usar salva-vidas! Mas, seguida ao pavor de um naufrágio, veio a alegria de se dirigirem à terra da promessa!

No Espírito Santo, foram para a fazenda do Sr. Fortunato Barbosa Menezes, subindo o rio Santa Maria da Vitória, em canoas, até Santa Leopoldina, depois, a pé, rumo a Santa Teresa onde o fazendeiro os aguardava.

Outra imigração de real importância foi a de Valério Coser e sua numerosa família. Onze filhos, nascidos em Santa Teresa. Vimos que chegou ao Espírito Santo, em 1897, e seguiu para Santa Teresa, a fim de trabalhar como meeiro, na propriedade do primo Frederico Coser, em Vargem Alegre, Depois de casado com Maria Loss, e desejoso de assegurar o futuro da família, comprou uma propriedade em Caldeirão, em 1905.

Em 1925, fez a transferência da família (doze filhos) para a fazenda União, na Vila de Boa Família, hoje Cidade de Itaguaçu. Aí, nasceram mais dois filhos, completando quatorze. E o admirável casal criou uma filha adotiva de nome Petrina⁴.

⁴ Disponível em < www.portalitalia.com.br/historia/es/itaguaçu.asp> Acesso em 12/mar/2010

A contribuição dos italianos é notada em todos os setores da vida dos itaguaçuenses principalmente na mudança sócio-econômica que os italianos deixaram no campo e na cidade. Podemos citar a mudança de estilo de vida que mudou profundamente influenciado pelo catolicismo, bem como introdução de novas técnicas agrícola e também nas artes, música e arquitetura.

A imigração alemã no Brasil foi o movimento migratório ocorrido nos [séculos XIX e XX](#). As causas deste processo podem ser encontradas nos frequentes problemas sociais que ocorriam na [Europa](#) e a fatura de terras no Brasil. Atualmente, estima-se que dezoito milhões ou 10% dos brasileiros têm ao menos um antepassado alemão.

Os alemães, atrás apenas dos [italianos](#), formam a principal [etnia](#) no solo capixaba. No [Espírito Santo](#), os principais imigrantes de origem germânica foram os [prussianos](#) e os [pomeranos](#) (provenientes de uma extinta nação entre a [Alemanha](#) e a [Polônia](#)), foram os primeiros imigrantes a chegar ao estado (quase 50 anos antes dos [italianos](#)), seus fluxos imigratórios se estenderam de 1846 até 1879. Eles se estabeleceram principalmente no [Centro-Sul](#) do Estado. A primeira colônia fundada foi a de *Santa Isabel*, cuja sede, denominada pelos primeiros alemães de Campinho, foi construída a primeira igreja luterana da América do Sul.

Os [pomeranos](#), originários de uma extinta nação entre a [Alemanha](#) e a [Polônia](#), começaram a chegar no estado no ano de 1859. Os pomeranos estabeleceram suas colônias em total isolamento do resto do Estado, preservando muito de sua cultura e hábitos, como por exemplo o idioma. Por causa de tal isolamento e diferenças culturais com o resto do Estado, os pomeranos lutaram pela integração na sociedade.

A mistura de imigrantes de diversas partes da Alemanha não criou conflitos e nem divergências. Com o passar do tempo, criou-se uma identidade [teuto-brasileira](#) compartilhada por todos. Apesar de não se considerarem alemães, os pomeranos acabaram sendo agrupados entre os alemães. .

Embora nascidos no Brasil, esses colonos mantinham laços culturais estreitos com a Alemanha natal: a língua alemã era falada pela maioria e os hábitos continuavam os mesmos. Quando o presidente [Getúlio Vargas](#) declarou guerra à Alemanha, proibiu o uso da [língua alemã](#) no Brasil. Isso afetou imediatamente as colônias alemãs em todo o País. Foi a partir desse momento que as colônias que ainda se mantinham isoladas no campo passaram a se abrir para a cultura brasileira e à [miscigenação](#) com outras etnias.

O vale do rio Doce foi decisivo para a instalação de um número sempre crescente de descendentes de imigrantes alemães também para o município de Itaguaçu. Estabeleceram-se em micro regiões de povoamento homogêneo às vezes do ponto de vista étnico, às vezes do ponto de vista religioso como forma de evitar a diluição dos grupos na heterogeneidade de uma região pioneira que atraía homens de toda origem.

Os colonos alemães, mesmo sendo os primeiros ocupantes de suas regiões não chegaram a criar uma paisagem original. Desmataram para plantar café como todos os agricultores do Estado.

As culturas de subsistência são intercaladas ou só aparecem depois da fase do café. Também observa-se desmatamentos para a imediata plantação de pastos.

Geralmente cada família possuía 10 cabeças de gado. A criação de gado progrediu devido ao clima seco da região. O leite era produzido quase exclusivamente para as necessidades caseiras e era consumido também sob a forma de queijos e manteiga feitos na fazenda. O soro e a qualhada serviam de alimento aos porcos. Somente mais tarde estes produtos começaram a chegar a Vitória.

Em algumas fazendas o bovino era empregado como animal de tração para mover as moenda de cana que produziam a rapadura.

Cada colono possuía de 20 a 40 porcos. Os animais eram alimentados com forragens. Algumas fazendas deixavam os animais pastarem livremente. Os porcos abatidos nas fazendas forneciam a carne e a banha para a alimentação de toda a comunidade. Na criação de animais a divisão de trabalho era notada. As galinhas e porcos eram alimentados pelas mulheres e meninos que também ordenhavam as vacas. Os homens cuidavam dos equinos.

Os colonos criavam gansos, perus, galinhas d'angola, patos, pombos. Os colonos realizavam todos os trabalhos da colônia apenas com o auxílio das pessoas da família e quando a família não podia arcar com todo o trabalho, os vizinhos auxiliavam. Todas as vezes que a mão de obra caseira não levava a cabo uma tarefa trabalhavam com os vizinhos, em mutirão. Trabalhavam alegres, gracejando e cantando e a noite era comemorada com dança.

São mais reconhecidos pela raridade de burgos sempre pequenos e pelas características de suas casas edificadas sobre pilastras, sem utilização do subsolo, a varanda geralmente central, os telhados de duas ou quatro águas. Também flores nas janelas da casa muito branca, um laranjal nas proximidades e o galpão para pequenas indústrias domésticas caracterizavam uma casa de alemães.

A homogeneidade da família como verdadeira célula que se caracteriza pela força que ela tem na formação dos jovens e na constituição de novas famílias. Certo é afirmar que os alemães incentivaram com sua energia colonizadora o progresso posterior do Estado e do município de Itaguaçu. Estavam acostumados a vencer as diversidades em sua terra natal. Acostumados a serviços pesados se distinguiram pela sobriedade, força de vontade e capacidade para o trabalho. Muitos já encontraram a terra desbravada, mas ainda plenamente explorável. Para o alemão foi um excelente ponto de partida para uma atividade agrícola mais intensa.

Os imigrantes alemães eram, em parte católicos, em parte protestantes. A verdade é que a importância da religião permanece fundamental, não somente pela força de tradição, mas sobretudo pelo fervor. O espetáculo de recolhimento de homens e mulheres que se comprimem na igreja e nos templos da zona rural aos domingos em que há missa é verdadeiramente impressionante. Nos distritos o catecismo era em alemão.

As comunidades evangélicas eram entidades que exerciam poder nas áreas por onde se estendiam.

A influência dos imigrantes deixou marcas em terras capixabas e manifesta-se em muitos setores da vida de Itaguaçu.

A princípio, cada família recebeu do governo uma parcela de 50 hectares de terra para o cultivo, além de uma ajuda de custo; não era uma doação, mas um empréstimo a ser pago a prazo. Após a demarcação das terras, cada família construiu uma primeira casa, de barro e folhas de palmeiras⁵.

Mesmo não encontrando registro na historiografia capixaba, podemos dizer que duas colônias alemãs se instalaram no vale do rio Doce: uma no norte e outra no sul.

A Comunidade Evangélica de Confissão Luterana, no município de Itaguaçu, está presente nas comunidades de Palmeira, Pontal, Sobreiro, Paraju, Lajinha do Laje, Trinfo,

⁵ Disponível em < www.brasilalemanha.com.br/portal/index.php?...get/D > Acesso em 13/mar/2010

Itaguaçu. Ligada à vinda de grupos de imigrantes alemães que começaram a chegar ao Brasil, em maior quantidade, no início do século XIX. Na virada do século, estes imigrantes que se instalaram nas regiões altas do Espírito Santo, iniciaram a migração interna, deixando as terras altas e instalando-se em quentes do Estado. Foi aí que os primeiros grupos chegaram a Itaguaçu.

Em 1902, em Palmeira de Santa Joana, houve a primeira movimentação para a formação da comunidade evangélico luterana⁶.

A piedade fervorosa dos alemães e a preocupação com a instrução levaram os habitantes a darem ao ministro de seu culto e ao mestre escola uma moradia mais confortável.

Os templos que alteiam acima da verdura das matas circundantes, suas torres góticas, “exóticas” são características da colonização alemã em Itaguaçu, especialmente em Palmeiras.

A exploração da terra que era o principal objetivo da colonização, efetuou-se exclusivamente no quadro da pequena propriedade e deu bons resultados. Café era cultivado, naturalmente, na região. O produto cultivado nas fazendas, que se transformavam em pequenas vilas, possuindo além das dependências senhoriais, casas para colonos, olaria, serraria, venda, capela e, às vezes, escola.

Depois do século XIX adotou-se o sistema de meação. O sistema de meação entrou em crise devido o baixo rendimento, a plantações cafeeiras, a lavoura branca ou a criação de gado. O cansaço do solo que não era mantido e nem reconstituído, condenou os colonos à estagnação ou a emigração.

O imigrante sempre que possível procurava escapar ao sistema de meação empregado na lavoura de café, vindo a construir a sua propriedade, ainda que pequena.

O principal produto era o café e o sistema de plantio, colheita e secagem obedecia a mesma técnica que foi herdada dos flumunenses. Colhia-se os grãos no pé. Quando eram apanhados no chão era posto em água corrente para limpeza e separação de corpos estranhos. As bagas boiam e a sujeira imergem. Os grãos eram recolhido em peneiras e amontoados com os não lavados, colhidos no pé. Só então o café era espalhado no terreiro e exposto ao sol, a fim de que os invólucros fiquem secos e quebradiços. Se chovia os colonos juntavam o café com pás de madeira para serem cobertos com lona ou levados para o barracão. As fazendas mais progressistas possuíam um sítio chamado carro de café, um vagão de secagem com pequenas rodas que deslisavam sobre trilhos que eram levados para debaixo de um alpendre destinado a proteger o café.

Principal produto e única produção para exportação foi a principal atividade do colono. Imprimia direção a toda a comunidade que se via na dependência econômica do produto. Cultivava-se o café “bourbon” que amadurece rápido e floresce na região mais alta nos meses de outubro a janeiro e o café crioulo cujo rendimento anual era mais regular nos meses de janeiro a março.

As possíveis culturas associada aos cafezais são o milho (de raízes superficiais), o cará, a taioba e a mandioca cujas raízes penetram no solo e encerram reservas nutritivas para as necessidades futuras dos cafeeiros. A batata doce e os demais tubérculos são prejudiciais aos cafezais porque brotam por toda parte e ao serem arrancados podem danificar as raízes do cafeeiro.

⁶ Pronunciamento do Pastor Valvemar Gaede, in Itaguaçu em revista, jul/ago/1988.

As florestas poucas agora, apenas em algumas montanhas porque até nas terras elevadas já se planta, mesmo que para isso seja preciso irrigar com a água do Santa Joana.

Quantos anos ainda serão necessários para haver outros jequitibás? Outros pau-d'alho? E as plantas aquáticas que escondiam as margens do Santa Joana?

Era assim: plantas aquáticas escondiam o Santa Joana ainda largo e caudalosos, depois vinham as árvores cobertas de parasitas em flor. Os cipós que caíam até ao chão serviam de escadas por onde subiam e desciam famílias de saguis.

Eu me lembro.

Era uma profusão de cores, barulhos e sensações... tudo bem aceso de saudade que guardo no baú de minhas recordações.

E os ninhos de guache todos feitos de palito, pendurado que nem coador de café na janela da fazenda. O ninho em forma de bolsa pendurada ficavam agrupados em galhos baixos sobre a água.

Como eram cantadores! Possuíam uma gama de sons e até podem imitar outras aves. Onde estão? Onde estão os guaches?

As anotações e ilustrações do livro **Uma comunidade na Selva do Espírito Santo**, em alemão, do arquivo da autora, foram traduzidos por *Ubaldo Wandelino Bremenkamp**.

Igreja de Pontal

Nas virada do século XX, começou a colonização da planície do Espírito Santo. Em grande parte, eram filhos de imigrantes da década de 1870, da Pomerânia, da região do Reno, do Hunsrick, da Saxônia e suíços-alemães, que deixaram as montanhas "terra fria" habitadas pelos pais. No interior da selva ao longo do rio Santa Joana e seus afluentes se atreveram a um novo começo.

Trouxeram consigo dedicação, resistência e um coração contentes e estas virtudes fizeram com que não sucumbissem nas planícies quentes (terra quente). O que também trouxeram foi a sua propensão para a igreja. A Bíblia luterana, o pequeno catecismo e o seu hinário evangélico foram os livros que lhes conferiam força e os confortava.



* Grande colaboração foi a do Sr. **Ubaldo Wandelino Bremenkamp** que traduziu o livro **Uma comunidade na Selva do Espírito Santo** do Pastor Wüistner da Comunidade de Palmeira. Natural de Domingos Martins/ES, Ubaldo formou-se em Ciências Contábeis pela UFES e obteve certificação em MBA – Executivo em Finanças, conferida pelo IBMEC/RJ. Funcionário de carreira do BANESTES S/A – Banco do Estado do ES, onde foi contador e exerceu a função de gerente de departamento. Foi diretor da BANESES, entidade de previdência privada, bem como, superintendente da BANESCAIXA, entidade de assistência à saúde. Aposentado, um de seus hobbies, na condição de bisneto de imigrantes alemães, é o interesse pelo idioma de seus antepassados.

Abordagens para a criação de uma comunidade de igreja foram dadas, com a construção de uma escolinha, prevista para serviços da igreja, inaugurada em julho de 1899 pelo Pastor de Jequitibá que ficava distante 12 a 14 horas a cavalo dali.

A comunidade desejava um pastor próprio, mas o pedido era sempre negado. Alguns homens procuraram atendimento junto à comunidade de Rio Perdido, que se tornara independente.

Depois de muita espera, foi anunciada a vinda de um pastor para a comunidade. Novo ânimo e novos sacrifícios para a construção da comunidade. Na impossibilidade de contribuir financeiramente, compensava-se com a mão de obra. Alguns membros da igreja, já, entre 1901 e 1902, doaram cerca de 100 dias de trabalho.

Em dezembro de 1901, o tão aguardado pastor Philipp Peter, com a esposa, pisou em solo brasileiro.

Até a conclusão da moradia, ele morou juntamente com a família de Heinrich Bucher



O **Pastor Philipp Peter** nasceu em 30 de setembro de 1878, em Elsass. Teve sua formação no seminário de Kropp. Após conclusão da teologia, assumiu um posto como pregador auxiliar no Canadá. Lá recebeu o convite para vir para Santa Joana, Espírito Santo – Brasil. Foi ordenado pelo então presidente do Sínodo do Canadá, pastor Neudorfer, que anteriormente havia atuado em Santa Leopoldina – Espírito Santo. (1902-1908)



Morada do Pastor e Capela em Santa Joana.

A primeira reunião da comunidade em 28 de fevereiro de 1902. Estavam presentes à reunião: Benjamin Bartoesius, Bernhardi Fehlberg, Heinrich Bucher, Joh, August Fehlberg, August Manthen, Albert Schmidt, Franz Prisilius, Wilhelm Raasch, Albert Kohls, Heinrich Raasch, Gottlieb Peter, Wilhelm Manthen, Hermann Strelow, Wilhelm Ristow, Heinrich Tietz, Hermann Gude, Hermann Bup, Wilhelm Wernecke.

Aquele período foi para a comunidade e o seu pastor como o primeiro amor. Lutas conquistadas, penúrias e alegrias os uniram e criaram laços pessoais. O clima insalubre e trabalho extenuante consumiram rapidamente as forças do querido pastor. Assim, em março de 1908, ele viu-se obrigado a ir para uma nova paróquia na América do Norte e deixou escrito: 'naquele tempo éramos obrigados a levar a vida como possível. Às vezes faltava desde o mais elementar. Em compensação depositávamos nossa confiança em Deus e na lealdade dos membros da comunidade inicialmente sem ligação com a igreja ou apoio significativo. Somente mais tarde, fizemos uma união em igreja. Assim criamos os fundamentos para a existência da Comunidade ". O seu sucessor foi o Pastor Eghart Zylmann que já havia trabalhado como pastor auxiliar em Santa Joana.



Pastor Eghart Zylmann – 1908-1913 nasceu em 10 de abril de 1880 em Schwischenahn (Oldenburg) em Leer. A formação teológica obteve em Heemannsburg, após o serviço militar. Em 9 de junho de 1913, o Pastor deixa a comunidade.

Pastor Joh Weber, a partir de 01 de julho de 1913, passou a ser pastor na comunidade de Santa Joana, mais tarde Palmeira. Ele considerou como seu dever pastoral “preservar o bem-estar da Comunidade, o bem-estar e a salvação de cada um, finalmente a glória de Deus na Comunidade”.

Este foi um período de dúvidas e contratemplos. Apesar da vontade de construir a igreja, inesperadas dificuldades com a construção atrasaram a obra. Dúvidas sobre a durabilidade dos muros e questionamentos quanto ao pagamento ao mestre de obras levou a desentendimentos com alemães queixando de alemães no tribunal local. Enfim a comunidade voltou a trabalhar e a igreja foi inaugurada no dia 22 de abril de 1916.

Eclosão da Guerra Mundial, despertou aqui a alma alemã, que até então, especialmente a partir da segunda geração, estava adormecida. Muitas obras foram realizadas e o espírito alemão surgiu com força em nossa comunidade que colaborou com doações para a Cruz Vermelha.



Pastor Friedrich Bartelmann – 1918-1924

Pastor Bartelmann tentou, por todos os meios, reunir a força para lidar com o trabalho, até que simplesmente não mais foi possível. Quem o conhecia, percebia nele uma luta desesperada do idoso com o trabalho e o dever que ele colocou suas últimas forças a serviço da comunidade. No cemitério paroquial, entre os falecidos membros da comunidade encontrou sua última morada.



O **pastor Adolf Meyer** substituiu o Pastor Bartelmann. Neste meio tempo, uma capela foi construída no Sobreiro, inaugurada em 29 de novembro de 1925, pelo pastor Brick, de Guandu.

Também naquela época a comunidade manifestou que não estava satisfeita com apenas dois dias de aula por semana. O crescente progresso cultural do Estado, também teria que ter tal resultado na vida da comunidade. Com a construção da estrada – anteriormente só existiam caminhos para cavalgada – o colono se viu obrigado a se organizar no tráfego crescente de vida.

Uma escola bilíngue (além do Português como língua nacional, alemão como língua da igreja) foi o primeiro requisito.

Lápide/túmulo do Pastor Bartelmann – † 03 de dezembro de 1924.

Pastor Fr. Wiistner – 1920

A escola foi inaugurada no dia 26 de fevereiro de 1928.

A aquisição de um harmônio foi em 1930.

A introdução do ensino cristão foi em 1933 assim como a obrigatoriedade dos 5 dias de aula por semana.

Precisamos lembrar que Albert Bucher, membro da comunidade, desde a fundação de Palmeira, foi o fiel companheiro de todos os pastores de Santa Joana. Ele viveu variadas experiências com a comunidade em viagens, em conversas sérias e divertidas.



Anton Blaser citado como o Professor Blaser, era um verdadeiro líder. Fiel e firme permaneceu por mais de 40 anos a serviço da escola. Sua modéstia, combinada com boa formação, maturidade e com conduta extremamente nobre, garantiu-lhe a inteira confiança da comunidade.



Casa da Comunidade de Paraju, construída em 1931 e inaugurada na segunda feira após Pentecostes.



Pastores a caminho da Igreja



*Lápide/túmulo do Pastor Weber – † 26 de janeiro de 1917
“Eu vi surgir as necessidades das comunidades no Espírito Santo.
O desenvolvimento interno esteve em descompasso com o externo”.*

Primeiras Fazendas

As fazendas são um arquivo vivo do passado de nossa nação. Símbolo da ocupação do centro-oeste do Espírito, a casa das fazendas que eram construídas no início do século XX, traduzem muito da história do homem no território de Itaguaçu. Algumas construções ainda existem, outras estão abandonadas, mas todas são consideradas verdadeiros museus que guardam lembranças dos séculos passados.



Fazenda Vila Amparo - 1933

O conjunto arquitetônico é característico do estilo de vida e da produção local, de 150 anos atrás sendo possível visualizar ainda em algumas fazendas estruturas da produção de rapadura, de farinha e também instrumentos de trabalho daquele tempo, como o monjolo e a moenda.

As fazendas, geralmente implantadas às margens dos rios, tinham uma parte de baixada e outra em relevo suavemente ondulado.

As sedes das fazendas possuíam construções e equipamentos necessários à vida das fazendas. A casa ficava geralmente situada no centro de um terreiro sempre muito bem varrido. O terreiro servia para a secagem do café, facilitava o trânsito de pessoas e o carro de boi. Os trabalhadores também descansavam ali debaixo das árvores enquanto comiam ou chegavam da lida e paravam para uma prosa.



Casa da fazenda Kipper

A capela do santo de devoção do Senhor ficava em local próximo, geralmente mais elevado e de fácil acesso.

A casa de rapadura ficava um pouco mais distante lá mais no chapadão.

Nesta época a concessão de sesmarias foi o primeiro critério de distribuição de terras da colônia. O primeiro ordenamento jurídico do território seguia a norma reguladora do processo de distribuição de terras em Portugal, para os solos coloniais. É preciso lembrar que o interesse primordial do processo de colonização portuguesa estava aliado à exploração do território com o intuito de campear recursos minerais para a Coroa, principalmente o ouro.

As terras doadas desde o início da colonização, até 1821, em geral as sesmarias tinha três léguas de frente por seis léguas de fundos. As primeiras sesmarias no Brasil foram dadas, em 1532, a Martim Afonso de Souza. Em Minas Gerais foram dadas 5.100 sesmarias. No Espírito Santo, o Major José Vieira de Carvalho Milagres também recebeu a sesmaria que posteriormente seria Guandu e Itaguaçu.

No Brasil, a Constituição Brasileira de 1824 manteve os privilégios e injustiças em relação à posse de terras. Somente em 1850, com os primeiros sinais da abolição, a Lei de Terras (Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850), e das primeiras leis brasileiras, após a Independência do Brasil começamos a dispor sobre normas de acesso à terra e abolindo, em definitivo, o regime de sesmarias.

No Recenseamento do Brasil de 1920, segundo dados da Secretaria da Agricultura Indústria e Comércio do Espírito Santo – Diretoria Geral de Estatística, no município de Boa Família estão elencadas 589 propriedades rurais. Como Figueira de Santa Joana não aparece na relação, entende-se que estas fazendas estão hoje separadas entre os municípios de Itaguaçu e Itarana.

Foram selecionadas algumas fazendas para homenagear todos os povos formadores da comunidade itaguaçuense. Adotou-se o critério de seleção aleatória com a disponibilidade de informações que se tinha.

A união que sempre existiu entre Santa Joana a Figueira nos leva a crer que todas as fazendas foram importantes para o desenvolvimento de toda a região.

Como homenagem a todos os povos formadores da comunidade de Itaguaçu, brancos, negros ou índios, construí meu trabalho selecionando algumas fazendas. A seleção teve por base as fazendas Portela, Pontal e Progresso porque elas estão mencionadas no mapa rodoviário do DNER, de 1988. A partir delas citei algumas fazendas que com elas faziam limites.

No final do século XIX, a primeira fazenda começou a ser formada.

Foi depois da guerra do Paraguai (1864-1870), movimento que o Major José Vieira de Carvalho Milagres tomou parte como membro de Exército Brasileiro. O governo central incentivou o povoamento do oeste do Espírito Santo, distribuindo sesmarias a quem tivesse recursos para cultivar.

Segundo Luiz Serafim Derenzi em sua obra *Os italianos no Estado do Espírito Santo*, o Major José Vieira de Carvalho Milagres,

Chegou a esse sertão bruto e perigoso em 1866 caminhando pelo vale do José Pedro e Manhauçu. A família Carvalho Milagres é tronco de numerosa gente a quem o Estado do Espírito Santo deve relevantíssimo serviço de desbravamento, povoação e progresso de toda a faixa territorial compreendida entre o rio Guandu e o Santa Joana. Em 1889, após a abolição, Carvalho Milagres foi pessoalmente, por duas vezes à Itália e trouxe, às suas expensas, famílias italianas e espanholas. Entre as primeiras, aí estão os Salas, Morati, Canali, Carioli, Dal Col, Vicentini, Castriglioni, Pirola e dos bravos espanhóis Duque, Mudesto e Tápias. Pelo que nos consta, Carvalho Milagres foi dos poucos fazendeiros que tiveram a iniciativa de substituir o braço escravo por colonos livres (www.Famiglia casotti. kit. net/capítulo 10, em 12 de maio de 2011)

As viagens, naquela época, eram arriscadas e muitas vezes sangrentas. As expedições contavam com homens livres e escravos e alguns índios.

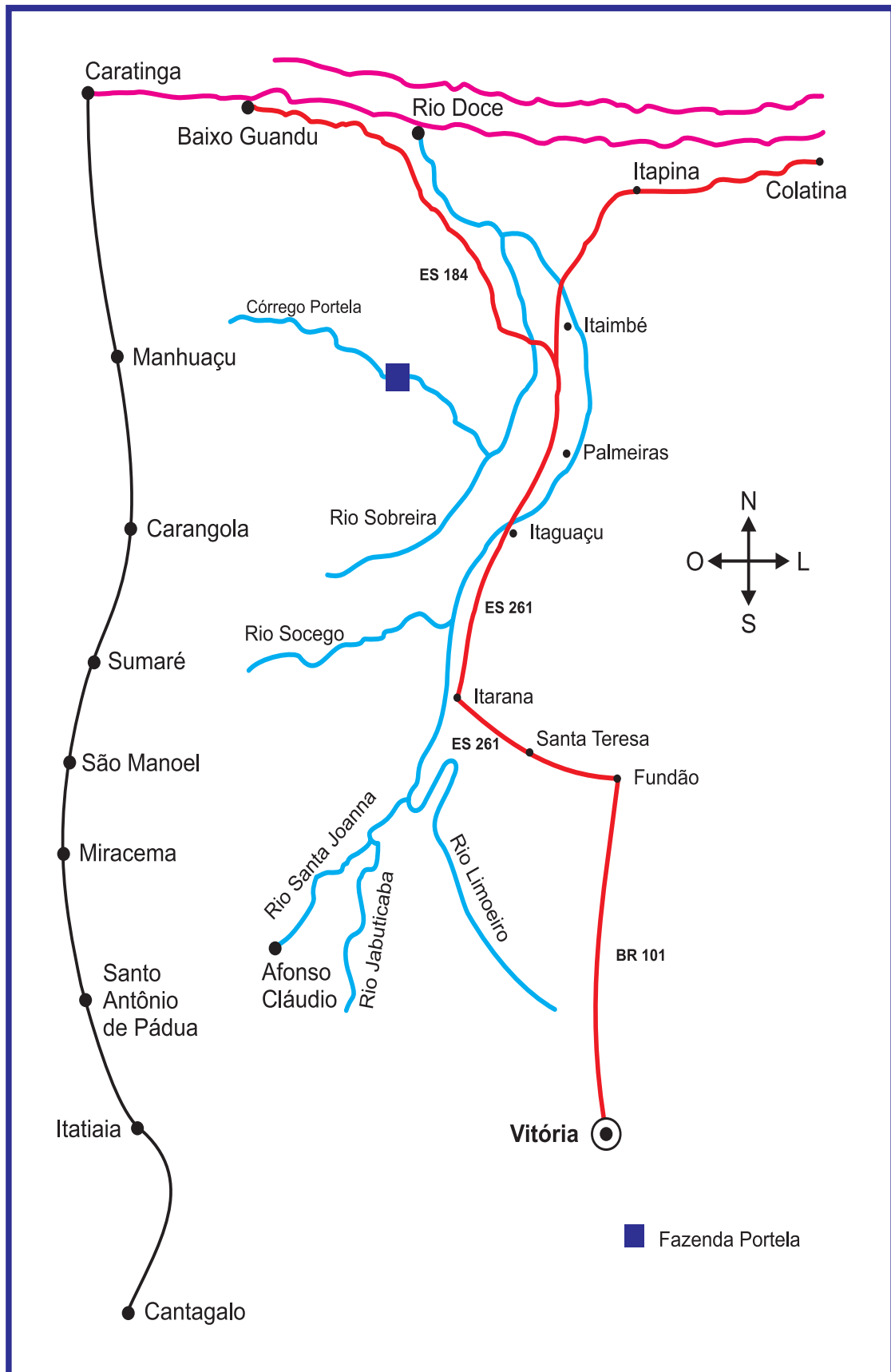
O arsenal dos viajantes daquela época era o arcabuz, uma espingarda carregada pela boca e que disparava bolas de ferro. Tinham ainda pistolas, facões, machados e facas.

Caçavam e pescavam e coletavam frutas. A comida era preparada em fogueiras.

O Major, o líder do grupo recrutou os integrantes e liderava o grupo que era composto por parentes e conhecidos de confiança.

Burros com cargas ajudavam a levar a carga.

Mas o também usavam como meio de transporte as canoas de fundo chato que podiam navegar em rios com pouca profundidade.



Seguindo o curso dos rios, chegaram ao rio Doce e depois ao Santa Joana.

Para iniciar o trabalho sobre as primeiras fazendas de Itaguaçu, a autora considerou também como ponto inicial o mapa do IBGE/1920 onde apareciam as fazendas Portela, no hoje distrito de Palmeira, Pontal no distrito de Itaimbé e Progresso na sede do município. A partir deste mapa foi construído esquemas considerando as outras fazenda que prosperaram no entorno das fazendas que serviram de ponto de partida.

Na segunda metade do século XIX, a fazenda Portela foi instalada por iniciativa particular com auxílio de escravos que vieram do Rio de Janeiro, com os Vieira de Carvalho Milagres.

A região era primitivamente coberta por imensa e soberba floresta nativa, onde o jequitibá predominava belo e majestoso. Foi nesse cenário natural onde alguns poucos índios ainda pescavam e caçavam, que Fortunato se estabeleceu, criou família e progrediu.

Quando Fortunato Barbosa de Menezes e sua esposa Porcina chegaram à Fazenda Portela, ali já havia abrigo para a família, para os criados e as primeiras culturas já começavam a produzir.

Fortunato Barbosa de Menezes era filho legítimo de João José Barbosa e de Anna Porcina Barbosa. Casou-se em 21 de junho de 1873, na Paróquia do Santíssimo Sacramento, em Cantagalo, Estado do Rio de Janeiro, com Porcina Vieira de Carvalho, filha do Capitão José Vieira de Carvalho Júnior e de Maria Lina de Souza.

Em Cantagalo, Fortunato tinha comércio de fazendas e molhados. Em 31 de dezembro de 1878, após liquidação de seus negócios em Cantagalo, Fortunato prepara-se para mudar com a família para a Fazenda Portela, chegando ao Espírito Santo em 27 de fevereiro de 1879, e com a família em 5 de março do mesmo ano.

Os índios, que ainda existiam por estas paragens, tinham simplesmente desaparecidos da região. Por algum tempo só as famílias pioneiras dos Vieira de Carvalho Milagres e seus descendentes, os Barbosa de Menezes, habitaram a região da Portela.

A libertação dos escravos pôs em risco o que se tinham alcançado de progresso. Todo o sistema de trabalho vigente ruiu e muitas explorações agrícolas decaíram. Os escravos libertos fugiram das fazendas e se espalharam pelas florestas. Muitos perambulavam pelas estradas.

Com a proibição do tráfico negreiro as plantações de cana de açúcar foram sendo substituído pela exploração cafeeira. A plantação de café trouxe grande progresso para todo o município. Ao lado da plantação cafeeira aparece uma extensa produção agrícola para satisfazer o consumo das fazendas.

Segundo documentos oficiais pesquisados no APEES, a Fazenda Portela se formou com a aquisição de pelo menos cinco lotes que Fortunato adquiriu em momentos diferentes e foi anexando à propriedade inicial. As terras foram legalizadas em momentos distintos. O que percebemos é que o primeiro quinhão, local da sede onde foi construído o casarão, não foi o primeiro a ser adquirido legalmente com registro que comprovasse a aquisição.

A fazenda Portela, primeira fazenda do município de Itaguaçu, se formou com a posse de terras devolutas, pertencente ao Estado do Espírito Santo e que posteriormente foram compradas por Fortunato. Sendo assim, a posse criminosa passa a ser definida como propriedade de direito. O trabalho da família nesta grande gleba de terra teve fundamental importância econômica para o desenvolvimento do Município de Itaguaçu. Não pairam dúvidas de que, até então, o legítimo proprietário era quem conseguisse tomar posse, cultivar e morar na terra.

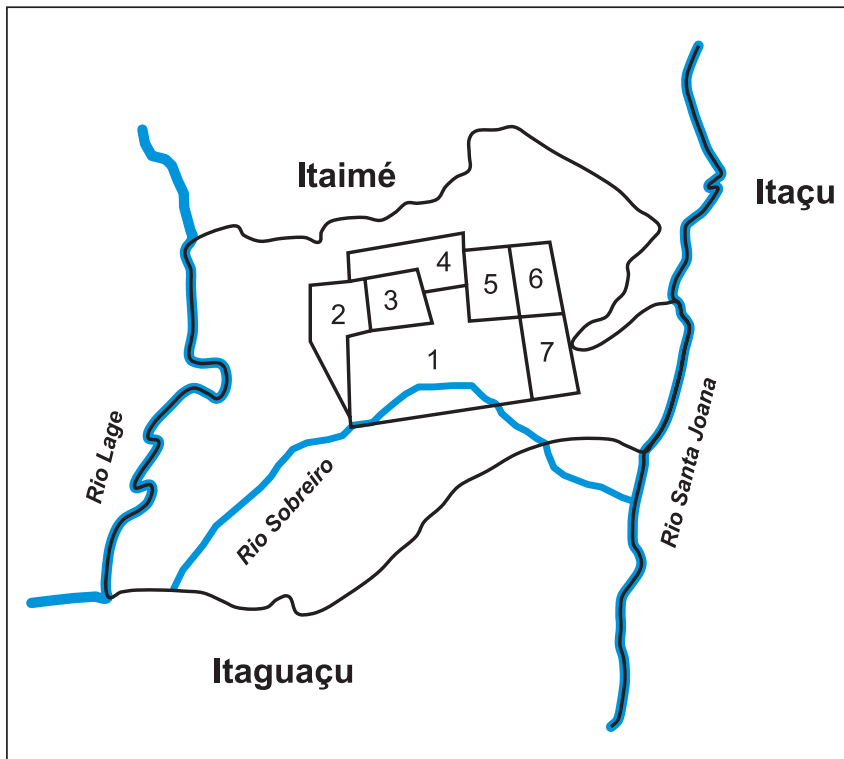
A Fazenda Portela foi a primeira fazenda da família Barbosa de Menezes. Está situada em Itaguaçu, no distrito hoje denominado Palmeira, próxima ao córrego Sobreiro.

Vários córregos da bacia do Sobreiro irrigam as terras das Fazendas dos Barbosa de Menezes

O córrego Sobreiro pertence a bacia hidrográfica do rio Santa Joana.

Os descendentes de Fortunato Barbosa de Menezes formaram outras fazendas no entorno da Fazenda Portela. Todas elas no distrito de Palmeira.

Distrito de Palmeira



Esquema da autora com base em mapas oficiais.

1. Fazenda Portela – Fortunato Barbosa de Menezes
2. Fazenda Esperança – João Barbosa de Menezes
3. Fazenda União – José Barbosa de Menezes
4. Fazenda – Luis Gobbo
5. Fazenda Panorama – Américo e Fortunato Barbosa de Menezes
6. Fazenda Não Pensei – Aristides Barbosa de Menezes
7. Fazenda Primavera – Anizio Barbosa de Menezes

Banhado pelo rio Santa Joana, Palmeira pertencia ao distrito de Itaimbé cuja sede – Boa Família – hoje Itaguaçu, que na época pertencia a Affonso Cláudio.

A fazenda Palmeira pertencia a José Vieira de Carvalho Milagres Junior. Quando ele faleceu sua esposa ele voltou para o Rio de Janeiro deixando as terras aos cuidados de Paulo Vieira de Carvalho, pai de Romualdo Vieira de Carvalho. Mais tarde o Cel. Romualdo Vieira de Carvalho, doou 3 a 4 ha para a igreja, com escritura passada na comarca de Guandu.

Em mapeamento do IBGE, em 1994, o município de Itaguaçu possui os seguintes distritos: sede, Itaçu e Itaimbé. A lei municipal nº 533 de 09/12/1991 cria o distrito de Palmeira anexado ao município de Itaguaçu.

Segundo relato escrito de próprio punho por morador de Palmeira e identificado como Sr. Geronymo, da Comunidade de Palmeira, endereçado a Célia datado de 1915, a história foi assim:

Povoado pertencente ao município de Itaguaçu, distrito de Itaimbé, localizado a 15 km da sede, à margem direita do rio Santa Joana.

Patrimônio privado pertencente à Igreja deste povoado, segundo consta que, uma área aproximadamente de 3 a 4 alqueires de terra legítima, foi doado pelo falecido cearense (fluminense) Coronel Romualdo Vieira de Carvalho, conforme escritura passada quando na época nossa sede se chamava Boa Família, tendo como Comarca Baixo Guandu e município de Afonso Cláudio.

Romualdo trouxe consigo uma imagem em que chamaram de N.S. da Palestina, em que, foi falado que o lugar, a área doada seria construído o povoado que se chamaria Palestina.

Porém a 01/03/1915, o Coronel Romualdo veio a falecer e a ideia, o pensamento da comunidade, apesar de ser reduzida, era ir em frente e construir a Igreja de N.S. da Palestina. Quando na época era o Sr. Pereira da Silva que era quem estava a frente com a finalidade de construir a tal desejada igreja.

Porém, os recursos da comunidade eram o mínimo pois tinha em média de 10 a 15 famílias na tal Palestina. Seus recursos eram poucos mal se vivia, plantavam o que lhes era necessário à alimentação: feijão, arroz, milho, cana, mandioca, café, este apesar de pouco era levado por animais até Lade, atual Itapina e quando em número reduzido, alguma extração de madeira que eram transportadas em toras, amarrados e levados pela água do Santa Joana até Pontal.

No ano de 1923 chega com seus familiares o Sr. José Clara Coelho que, em 1938 conseguiu terminar a Igreja e uma turbina, que apesar de fraca, passou a produzir eletricidade para sua propriedade e o povoado.

Nesta época já contava com algo mais além do que já vimos; a colaboração do Padre Paulo Fernando Melado com uma pequena farmácia. Anízio Frizzera sub-delegado e um comércio, Fritez Dumenico com um comércio e melhor comunicação com a sede.

Mais ou menos nesta época, que mandaram a imagem trazida pelo Sr. Romualdo a fim de ser limpa e dar uns retoques que estavam a desejar. Com tal ocorrência é que foram despertados que a tal imagem não era de N.S. da Palestina e sim de N.S. de Nazaré. Em uma dessas festas, quando terminaram a Igreja, ou quando retornou a imagem, ou mais ou menos, por aí, fizeram uma festa religiosa e os moradores resolveram colocar em uma lateral da rua, para quem desce do lado esquerdo da rua principal, colocaram pés de coco amarrados pela raiz a fim de que ornamentarem onde a imagem ia passar. E com tal circunstância que todos cumpriram e colocaram pés de coco na rua.

Vai que os cocos, colocados com raiz e com bom tempo, quer dizer, muita chuva. Poucos foram os coqueiros a não voltar a serem realmente pés-de-coco daí a origem do nome de Palmeira, pois ficou uma reta de coco-palmeira.

Cerca de 1935 a 1940, construíram a E.S. Prof. "Artur Conceiro"; um campo de futebol, mais dois comércios, um alambique, o café que era levado por animais para Itapina já eram levados com carros-de-bois e alguma... Atualmente conta com uma média de 60 a 100 famílias o mesmo G.E. Prof. Artur Conceiro, só que foi necessário sua ampliação, um colégio que completa o 1º Grau, uma agência postal, a população desfruta de água potável, talvez uma das melhores da sede, rede elétrica hidrelétrica da ESCELSA, estrada para a escoação de seus produtos agrícolas e agropecuários, uma vez que existe uma variedade de pequenos proprietários em Palmeira e circunvizinhos e ligação com a sua sede e seus municípios vizinhos e com a capital.

O distrito de Palmeira foi criado pela lei municipal nº 533 de 09/12/1991, alterado pela lei municipal nº 758 de 28/08/1997.

O art. 5º do decreto lei que delimita os perímetros urbanos dos distritos assim classifica:

O perímetro urbano da povoação de Palmeira será caracterizado pelo seguinte percurso:

Partindo da margem esquerda da estrada Itaguaçu-Itapina, seguindo a linha divisória da propriedade de Giussara Maria Barros Gomes de Lima, Valdemar e Lauro Pipper, atravessa a estrada acima referida acima, seguindo daí aos limites da propriedade de Américo Mattedi até encontrar a margem esquerda do rio Santa Joana e, subindo a margem esquerda do citado rio, segue depois os limites da propriedade de Demócrates Frizzera Coelho até encontrar a margem direita da estrada supra citada e que serviu de ponto de partida.

Palmeira tem pequeno comércio. A venda de Tio Octávio e a Casa de Pau, que ainda está aberta ao povo do lugar, são estabelecimentos comerciais e referência para o povo de Itaguaçu.



Venda tio Octavio ficava no bairro Niterói, em Itaguaçu, na cabeceira da ponte velha do Rio Santa Joana. Acervo amriasepulbecalli.jpg, enviado por Regina Salarolli



Casa de Pau – construída pelos irmãos Ivan, Criso e Jonas Barbosa de Menezes, é exemplo do comércio local desde segunda metade do século XX. Ainda hoje comercializa produtos locais para fazendeiros e meeiros da região oferecendo agora também produtos industrializados que chegam de várias partes do País. Está localizada em Palmeiras na antiga estrada de chão que liga Itaguaçu a Baixo Guandu.

I – FAZENDA PORTELA

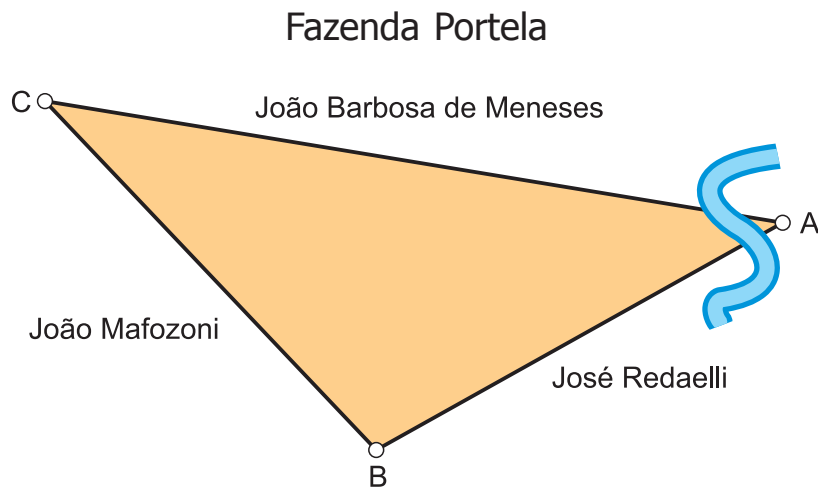
*Menino sapeca levado da breca
Passou por aqui em seu alazão.
Rostinho travesso e sempre sapeca
Cuidando das flores e da plantação.*

*Menino sapeca levado da breca
Onde está você, menino sapeca?
Fazendo histórias, explorando lugares
Das terras benditas do Santa Joana?*

*Volte menino, seu mundo é aqui,
Menino sapeca levado da breca,
Correndo, brincando, nas cachoeiras
Onde está você, menino sapeca?*



Fazenda Portela se estendeu até próximo ao córrego Sobreiro, em Itaguaçu, na região que hoje é o distrito de Palmeira.



Conforme costume da época, a Fazenda Portela se formou com a posse de terras devolutas, pertencentes À União e que, posteriormente foram compradas. Sendo assim, a posse criminosa, como era chamada na época, passa ao domínio privada mediante compra deste direito.

O trabalho da família teve fundamental importância para o desenvolvimento do Município de Itaguaçu.

Fortunato já possuía posse da propriedade, fixara residência habitual com sua família, plantou café, frutas, criou gado e tropas para o transporte dos produtos produzidos na fazenda e para o transporte de pessoas quando adquiriu este quinhão de terra.

O presente processo trata de concessão em virtude do artigo 41 da Lei nº 4 de 4 de junho de 1892 e de acordo com o artigo 8º do Decreto nº 20 de 30 de janeiro de 1893

Conforme documentos pesquisados no APEES, em processos de terras de número 173,179,182,199 e caixas 37 de 1895, Fortunato formou a Fazenda Portela adquirindo lotes em diferentes datas em terras devolutas do Estado.

Segundo documentos oficiais do APEES, a Fazenda Portela se formou com a aquisição de pelo menos cinco lotes adquiridos em diferentes momentos que foram anexados à propriedade inicial. As terras foram legalizadas em diferentes momentos. Também pudemos observar é que o primeiro quinhão, onde foi construído o casarão, não foi o primeiro a ser legalizado ou, provavelmente, não conseguimos localizar por causa de alguns arquivos em microfilmes não conseguimos ler.

Em dezembro de 1895, Fortunato Barbosa de Menezes, agricultor em Santa Joana, comarca de Guandu, na situação Laranjal requer uma porção de terras devolutas que afirma se achar por inteira deficiência de água, não podendo por isso serem colonizadas, pede seja concedido a ele por compra duzentos hectares unidos a sua linha divisória, cujo terreno deseja comprar por estar encostado a suas benfeitorias.

Em 31 de agosto de 1896, Fortunato Barbosa de Menezes pagou a quantia de 5\$000 referente a despesas processuais e em 01 de setembro do mesmo ano efetuou o pagamento de 2.600\$000 referente a compra do terreno.

Em documento de medição consta o pedido de Fortunato Barbosa de Menezes, para legalizar terreno devoluto concedido a ele no lugar denominado Experiência, nos termos do artigo 10 do decreto nº 20 de 31 de janeiro de 1893, consta que a área do terreno era 2.000.000m² e o perímetro: 6.000m

Limitava-se:

N. Raphael Augusto de Azevedo

S. pedreira

E. Emília Gobbo e Filho

O. Joaquim Pinheiro

Aos 5 dias do mês de setembro de 1894, concluiu-se a medição constante na caderneta nº 4, pag. 11 a 15 ficando o requerente Fortunato Barbosa de Menezes com um terreno de área de 2.000.000 m² suficiente ao desenvolvimento da força de que dispõe para lavoura. O terreno é em quase sua totalidade argilosilicioso. Presta para a cultura de café e mais todos os cereais próprios da zona. O terreno é geralmente montanhoso. Dista do rio Doce 5 léguas em péssima estrada.

A província não possuía estradas nem portos e o sistema comercial e financeiro não era desenvolvido. O capital era escasso e toda iniciativa de desenvolvimento partia de particulares que empregavam a força de braços humanos para realizar todo o trabalho nas fazendas.

As fazendas não mais empregavam escravos na produção cafeeira e os agricultores sofriam em termos econômicos. Passaram, então, a investir em imigrantes como trabalhadores assalariados, os colonos.

Segundo relatos, o nome Portela foi dado porque o sítio estava localizado entre montanhas e era cortado por uma picada que se iniciava em encruzilhada, tendo também recebido o nome de Portela o córrego que irriga a região.



Vista panorâmica da sede da fazenda Portela – Óleo sobre tela- autora o da Regina Loureiro

II – FAZENDA PORTELA

(APEES – processo de terras 179 sem mapa)

Aos 23 dias do mês de janeiro de 1902 foi apresentada a petição assinada por Fortunato Barbosa de Menezes para aquisição de terras para ele localizar seus filhos. Ele alega em documento que eles são muitos e todos são agricultores. Precisa colocar cada um em terras com água e que tendo constatado a linha divisória do terreno com terrenos devolutos, precisa que lhe seja concedido por compra 50 hectares a fim de poder produzir naquela localidade.

Ainda aos 23 dias do mês de janeiro de 1902, nos autos de medição de um terreno devoluto com 50.000m² e perímetro de 3.276, situado no lugar denominado Córrego Portela foi concedido, por compra, a Fortunato Barbosa de Menezes o terreno com os seguintes limites:

- N – terrenos devolutos;
- S – Pedro e Cesare Gobbo e do requerente;
- E – terrenos devolutos;
- O – terrenos devolutos

III – FAZENDA PORTELA

(APEES – processo de terras 173 sem mapa)

Em 26 de fevereiro de 1907, consta que Fortunato Barbosa de Menezes, por indispensável necessidade fez benfeitorias em terrenos devolutos anexos aos de sua propriedade com o fim de estabelecer membros de sua família e acolher provisoriamente colonos. Informa ainda que o referido terreno caracteriza-se sendo sobras entre a sesmaria Portela e um rochedo inacessível.

A referida área mede aproximadamente 103 hectares em mata.

Possui área 1.033.700m² e perímetro 4.880m.

Limites:

Ao Norte – terreno devoluto

Ao Sul – terreno devoluto e Joaquim Pinheiro de Carvalho

A Leste – Fortunato Barbosa de Menezes

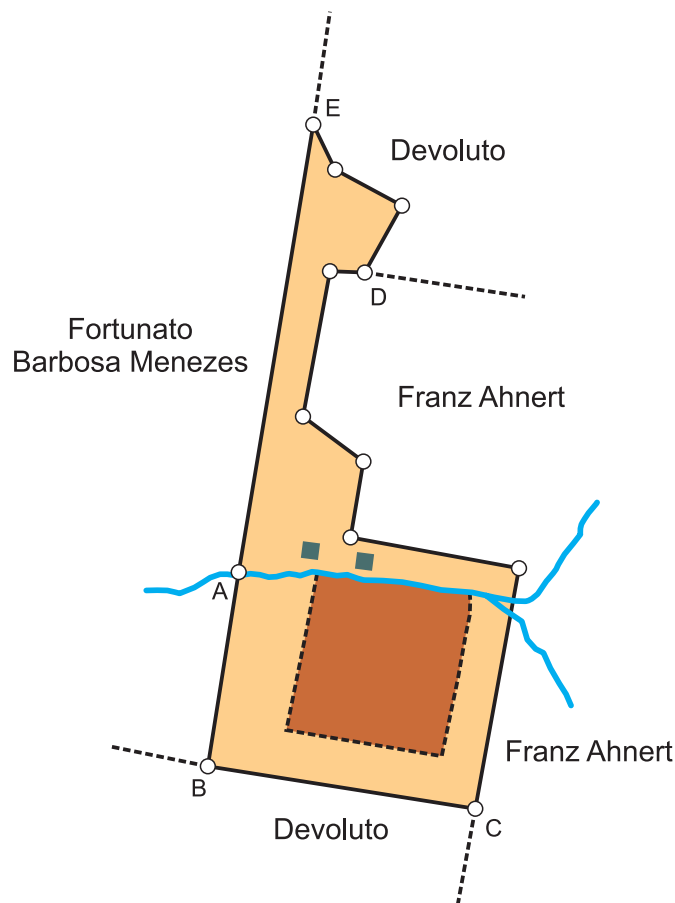
A Oeste – Romeiro

IV - FAZENDA PORTELA

(APEES – Processo de Terras 182)

Nova planta de área comprova a compra, por Fortunato Barbosa de Menezes, de área anexa ao local onde morava e trabalhava com a família.

Em documento expedido pelo 3º Distrito de Terras e Colonização em Termo de autuação de 3 de março de 1909, Fortunato Barbosa de Menezes, agricultor, residente em Affonso Cláudio, diz ter feito benfeitorias em um pequeno sítio de terras devolutas no lugar denominado Portela. E tendo filhos ele expressa vontade de comprar o referido terreno, fazendo saber a todos os interessados que a medição do terreno foi marcada para o dia 13 de março de 1909, às 9 horas.



O requerente tem no terreno que se vai medir cultura efetiva, tendo morada habitual nos quais a constam de casa de morada, paiol, cafezal e pasto.

Fortunato Barbosa de Menezes é casado e tem dez filhos, sendo oito maiores de 21 anos e casados.

Bens móveis mencionados no termo de medição, foram assim avaliados:

1 casa valendo 300.000

1 paiol valendo 150.000

Cafezal com 3.000 pés, valendo 300.000

Pasto valendo 200.000

O termo de encerramento de medição, em 14 de março de 1909, declarou que o terreno de que se trata é de formação montanhosa e em geral argiloso. Possui área de 17 hectares sendo em cultura 9 hectares e o resto em mata.

Área total demarcada é de 178.700m² e o perímetro é 2.485m.

O terreno vale 01 real por metro quadrado de acordo com tabela da região. O Memorial de Medição registra que o terreno localiza-se em águas do córrego Portela, afluente do ribeirão Sobreiro.

Tem como limites:

N – terrenos devolutos

S – terrenos devolutos

E – terrenos devolutos e Franz Ahnert

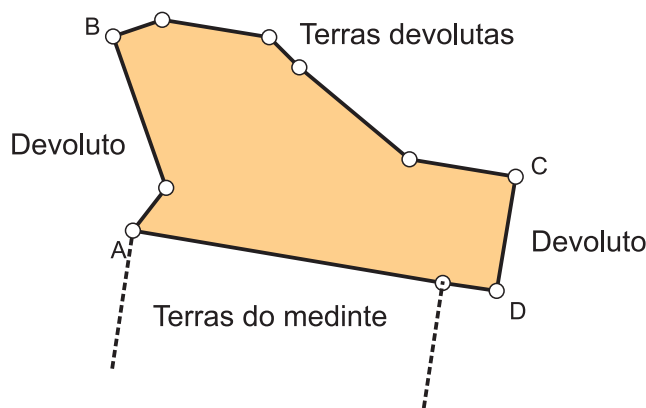
O – Fortunato Barbosa de Menezes.

Fortunato recebeu o termo de outuação em vinte e nove de abril de mil novecentos e dez para comprovar o propriedade do terreno, conforme consta em documento da primeira Secção da Diretoria de Terras do Estado do Espírito Santo – Comissariado Central de Terras Públicas do Estado do Espírito Santo, Município de Affonso Cláudio – Comarca do Guandu.

O terreno era no lugar denominado Aperfeiçoamento e foi medido e demarcado a pedido de Fortunato Barbosa de Menezes. O terreno possuía área de 480.000m² e perímetro de 3.217m.

V – FAZENDA PORTELA

(APEES – processo de terras, 182)



Em documento recibo da Diretoria de Finanças do Estado do Espírito Santo de 21 de maio de 1910, Fortunato pagou cento e trinta e um mil reis pelo terreno.

Mas somente em 2 de março de 1907, Fortunato protocolou requerimento para a compra da propriedade. Em 21 de março de 1907, encerraram a demarcação e medição da propriedade que possuía área de 1.003.700m² e perímetro de 4.880m.

Uma nova propriedade agora em discussão foi adquirida do Estado por Fortunato Barbosa de Menezes, e fazia divisa com terras devolutas, onde as montanhas predominavam, ora com florestas e ora com campos verdes. Ao sul o terreno fazia divisa com terras do “medinte”, como o termo não é definido em dicionário da língua portuguesa, consideramos que poderia ser entendido como sendo terras do próprio Fortunato.

A cultura do café logo chegou à região e o terreiro de secagem, próximo ao casarão, se destacava de todo o conjunto. A atividade agrícola, direcionada para produtos comerciais como o café, incentivou o desenvolvimento da região. Também a religião sempre teve grande importância para manter a vida na colônia. A fundação de paróquias serve de marco à expansão da colonização. Agrupados ao redor de sua capela, os moradores se tornaram corajosos e enfrentaram os revezes da nova vida.

Tudo acontecia ao redor do casarão que encobria a senzala, agora desativada, mas construída no porão do casarão de frente para o riacho. Dada a necessidade de vigilância constante sobre os escravos, cujo preço ainda era maior que o preço da terra assim fora construído.

O leite veio como nova riqueza e a cana para a produção da rapadura, o açúcar mascavo para servir na alimentação.

Hoje a Fazenda Portela pertence aos descendentes de Fortunato.



Fortunato Barbosa de Menezes, proprietário da Fazenda Portela, atuou intensamente na política de emancipação política do Município e seu nome consta do abaixo assinado ao Presidente do Estado do Espírito Santo, em 05 de maio de 1900, exigindo o desmembramento de Afonso Cláudio.

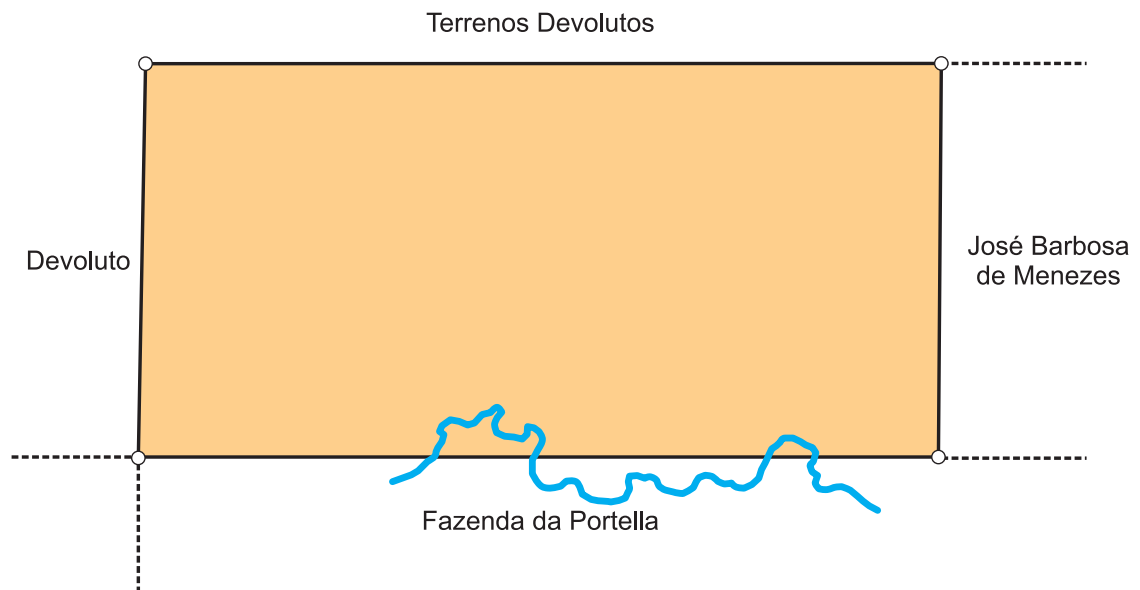
Nesta época os muares e os carros de boi eram os meios de transporte em toda região. Os tropeiros carregavam as mercadorias até Santa Leopoldina para chegar a Vitória nos vaporzinho que trafegava pelo Rio Santa Maria. Os afluentes meridionais do Rio Doce, o Guandu, o Santa Joana e o Santa Maria integrados ao curso superior do Jucu e do Rio Santa Maria da Vitória era o caminho que os produtos da região tinham que percorrer.

Outra vez Fortunato adquire gleba de terra. O requerimento por ele assinado, o terreno era de área de 500.000m² e perímetro de 3.276m, com os seguintes limites: ao norte fazia divisa com terras devolutas, ao sul com terras devolutas, a este com a família Gobbo e a oeste com terras devolutas, conforme planta do terreno que seria anexado à Fazenda Portela, APES, processo de terras, cx 117, processo 179, sem o mapa.

FAZENDA ESPERANÇA

(Planta do terreno)

Arquivo Público de Estado do Espírito Santo, Processo de terras, cx. 117.



Em 1895, aos quinze dias do mês de junho, João Barbosa de Menezes, filho de Fortunato Barbosa de Menezes e Porcina Vieira Barbosa de Menezes adquiriu, de acordo com o art. 8º do decreto nº 20 de 30 de janeiro de 1893, um terreno devoluto no lugar denominado Córrego Portela. O terreno com área de 500.000m² e perímetro de 2.653m fora registrado no cartório de registro de terras do município de Afonso Cláudio, comarca de Guandu. Tinha como limite ao norte, terrenos devolutos, ao sul, Fazenda Portela, a este, José Barbosa de Menezes e a oeste, terrenos devolutos.

A princípio, João Barbosa de Menezes trabalhou como agropecuarista de subsistência: plantou cana de açúcar, feijão, arroz, milho e formou pomar com frutas e plantou café. Foi a plantação de café que proporcionou grande progresso à região.

A criação de gado leiteiro na fazenda Esperança fornecia animais para puxar carros de boi que levavam cana para o engenho e também a carne abastecia a casa grande e colonos. Cuidar do rebanho era função do colono vaqueiro.

A chegada de imigrantes foi muito importante porque trouxeram novas técnicas de manejo da terra e de criação de gado. A criação de suínos e gado bovino na Fazenda Esperança foi muito importante para o desenvolvimento da região e João Barbosa sempre investiu na seleção de raças mais fortes e novos reprodutores para melhorar o rebanho.



Currais da Fazenda Esperança de João Barbosa de Menezes – arquivo de família

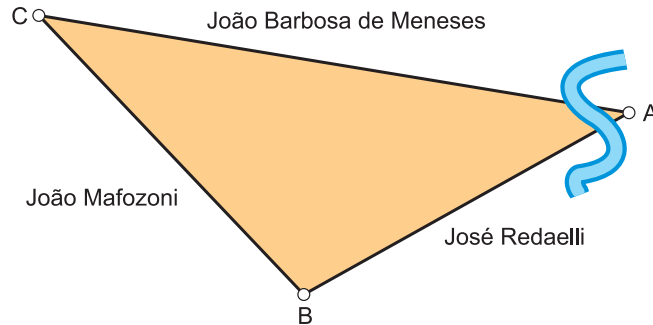
Cresceu fundada na cafeicultura e no trabalho familiar com poucos recursos técnicos reproduzindo o quadro verificado em quase todo o Espírito Santo.

João Barbosa de Menezes nasceu em 4 de junho de 1874 e casou-se com Laudelina Ferreira Barbosa de Menezes. Seus filhos são:

- Isolina Barbosa de Menezes
- Licínio Barbosa de Menezes
- Nila Barbosa de Menezes
- Hercília Barbosa de Menezes
- Euclides Barbosa de Menezes
- Eurico Barbosa de Menezes
- Edith Barbosa de Menezes
- Rui Barbosa de Menezes
- Durval Barbosa de Menezes
- Darci Barbosa de Menezes
- Dulce Barbosa de Menezes

Mais tarde, João Barbosa adquiriu um terreno na sesmaria “Boa Sorte” havido (em permuta) com José Redaelli. O referido terreno limitava-se ao norte com João Barbosa de Menezes, ao sul e a este com José Redaelli e a oeste com João Mafozoni.

Tomando por base o moirão do batente da porteira de entrada da Fazenda Portela, ponto A da planta abaixo:

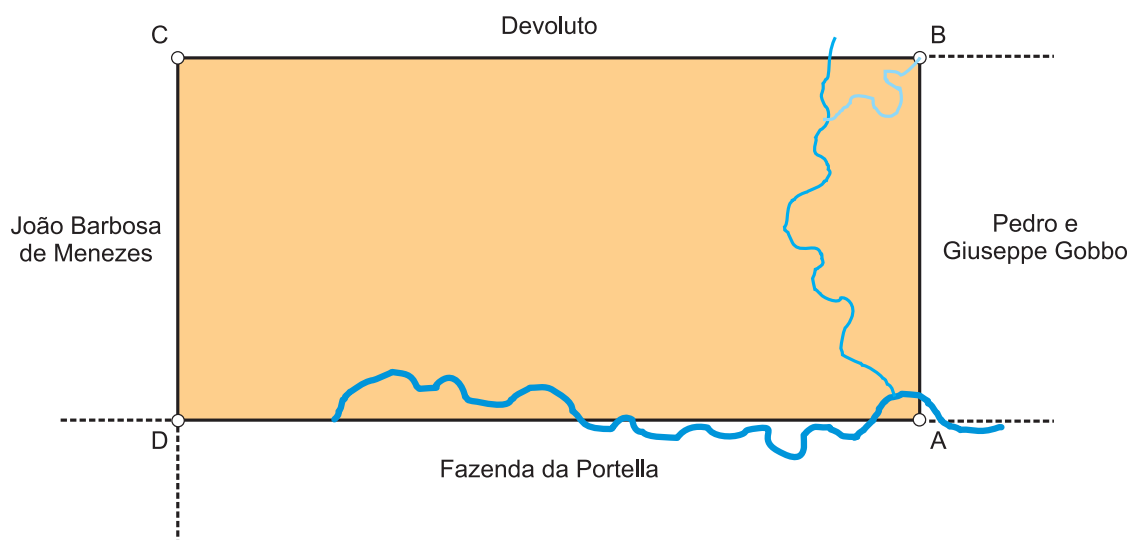


O terreno possuía inclinação 12:30 a oeste, área de 166.600 m² e perímetro 2170m.

Topografia do terreno: em várzea até o ribeirão Sobreiro afastando para S.S. seguindo até outra curva do ribeirão até o caminho subindo pelo mato até onde se fixa o ponto B. Segue pela chapada do Espigão até encontrar a linha da sesmaria da Boa Sorte em divisa com João Barbosa de Menezes, ponto C da planta. Por essa linha segue até o marco de madeira das sesmarias Portela, Boa Sorte e Belo Joana. Seguindo até o Sobreiro, atravessando e seguindo até o ponto A da planta.

Dos bens deixados pelo finado Fortunato Barbosa de Menezes (espólio) consta às folhas 208 do Livro 3-A, registrada em 08 de dezembro de 1938, a escritura de um imóvel em Itaguaçu, em nome de João Barbosa de Menezes, casado, proprietário residente no município. A certidão de partilha extraída dos autos de inventário em 08 de agosto de 1914, serviu de título, sendo atribuído o valor de seis contos, cento e noventa e nove mil, setecentos e cinquenta reis. São estas as características e confrontações do imóvel: 57 alqueires de terras legítimas, situadas no lugar denominado Fortaleza, no município de Itaguaçu, confrontando-se com terrenos devolutos.

FAZENDA UNIÃO – José Barbosa de Menezes

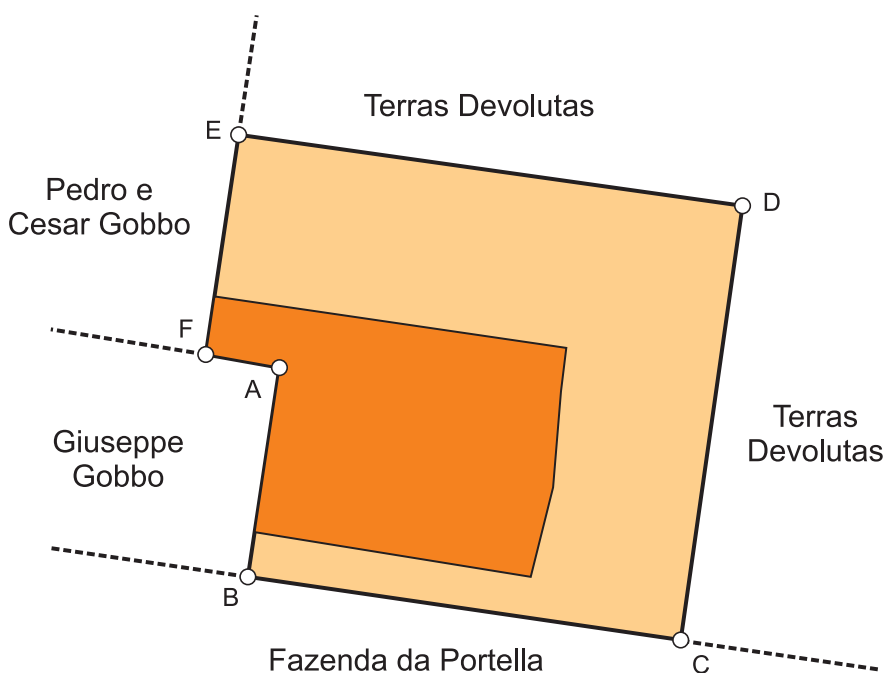


Planta do terreno – dados oficiais do APEES, Processo de terras, cx. 68.

Em 15 de junho de 1895, consta os autos de medição e demarcação de um terreno no lugar denominado “Córrego Portela” cedido a José Barbosa de Menezes, brasileiro, natural do Rio de Janeiro, residente neste estado do Espírito Santo. Desejando estabelecer-se com lavoura e possuindo terreno algum vem pedir seja concedido 100 hectares de terras junto à Fazenda Portela. A concessão sob número 2662 de Registro Competentes, ficou registrado que o terreno de área com 500.000 m², perímetro de 3.000 m com o seguintes limites: ao norte, terras devolutas; ao sul, sesmaria Portela; ao este, Guiseppe Gobbo e a oeste, João Barbosa de Menezes.

Procedida a medição, verificou-se que a área do terreno era de 500.000m² e o perímetro media 3.000m.

FAZENDA PANORAMA – Américo Barbosa de Menezes



Inicialmente, e segundo dados oficiais, a fazenda Panorama pertencia a Américo Barbosa de Menezes e Fortunato Barbosa de Menezes Jr. brasileiros, que tendo se estabelecido no lugar denominado Panorama, possuindo residência habitual, cultivo de lavoura efetivo no lugar, em 01/05/1903, requereram a medição do terreno com a finalidade de compra.

O processo de medição e descrição da posse teve início. A propriedade situada no município de Affonso Cláudio, Comarca do Guandu denominada Panorama possuía área de 1.085.000m² tendo perímetro de 4.443m.

Limites: ao norte, terras devolutas, ao sul, Giuseppe e Cesare Gobbo e José Barbosa de Menezes, a este, terrenos devolutos e a Fazenda Portela, e a oeste, terrenos devolutos.

Foi lavrado o débito de 976500 reis relativo ao custo das terras.

A estrada antiga que liga Itaguaçu a Baixo Guandu separa a fazenda Panorama da Fazenda Portela e das demais fazendas do seu entorno a sul e leste



A Fazenda Panorama pertenceu a Américo Barbosa de Menezes, filho de Porcina e Fortunato Barbosa de Menezes. Ainda Solteiro, Américo construiu uma pequena morada em terras devolutas do Estado que faziam limites com a Fazenda Portela e ali passou a residir. Iniciou logo pequena cultura para sua subsistência. A propriedade recebeu o nome de panorama porque de suas terras visualiza-se toda a bela Fazenda Portela, todo o entorno até as montanhas da Terra Fria.

A casa grande da Fazenda Panorama foi construída próxima a um ribeirão, elevada do chão. Um varandão artisticamente talhado que se estendia por toda a frente do prédio. Larga escada, uma de cada lado do varandão, dava acesso à confortável residência. Um pomar frutificava no terreno bem em frente. Bem ao centro do pomar foi construído o prédio de Escola Panorama onde sua filha Zezé deu aulas. Também muitas outras professoras vieram depois para dar aulas aos filhos de fazendeiros e colonos da região.

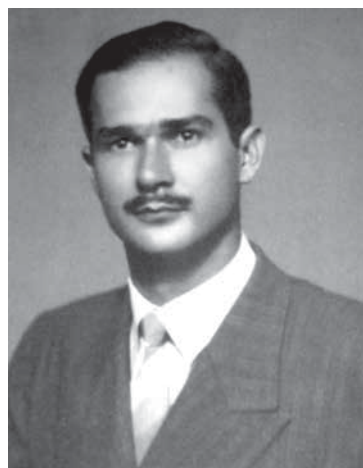
Entendemos que a área, que a princípio pertencia aos dois irmãos, tenha sido dividida entre eles por documento particular de compra e venda.

A parte que coube a Fortunato, Natinho como era chamado, ainda hoje está em mãos de seus descendentes. Esta gleba de terra é conhecida como fazenda Aliança.

Por ocasião do falecimento de Américo, a parte que lhe coubera foi vendida ao Sr. Ailton Tovar. Hoje a fazenda Panorama pertence ao Sr Adolfo Covre.



Américo Menezes, professor catedrático, escritor capixaba com fama nacional, é exemplo a ser seguido incentivador das Letras e das artes.. Nasceu em Itaguaçu. Itaguaçuense de grande prestígio no meio acadêmico e filho de Américo Barbosa de Menezes e Ana Mascarenhas de Menezes Saiu muito cedo para estudar em Vitória. Muito estudioso é pesquisador e tem vários livros publicados.



FAZENDA PRIMAVERA



Lembranças

*Os resíduos do tempo são visões que se misturam em imagens,
recordações de sonhos de verdade cobertos de canela.
Com escoriações disfarçadas, aparecem as fantasias
com visões de biscoitos quentinhos saídos do forno.
Aprecio.*

*Pensamentos agradáveis, suspiros e beijinhos
doces imagens de fotos do passado.
Da cama limpinha, macia e tão gostosa
vejo a lamparina a iluminar o quarto
Ouço sons de clarim e tambores.
Sentencio:*

- o ranger as escadas escorregadias
 Invenção do meu coração
 Brincadeiras de crianças no cocho
 Com água gelada caindo da bica
 serras que mais parecem fortalezas
 o mugir do gado leiteiro, a ordenha
 os cajueiro, o fruta-pão, as mangueiras
 o imenso terreiro, os armazéns,
 a lamparina ...
 Silencio...

O formação da Fazenda Primavera de Anísio Barbosa de Menezes, situado no distrito de Palmeira, se deu primeiro com o cultivo de um terreno devoluto que, posteriormente, foi comprado do Estado.

Mais tarde Anísio comprou mais uma gleba de terra que anexou ao terreno que já possuía. Segundo consta, o terreno

não tinha nenhum ocupante e só era de interesse do promitente comprador em virtude do referido terreno não possuir água permanente, limitando-se com a sua propriedade. Era coberto de mata nativa.

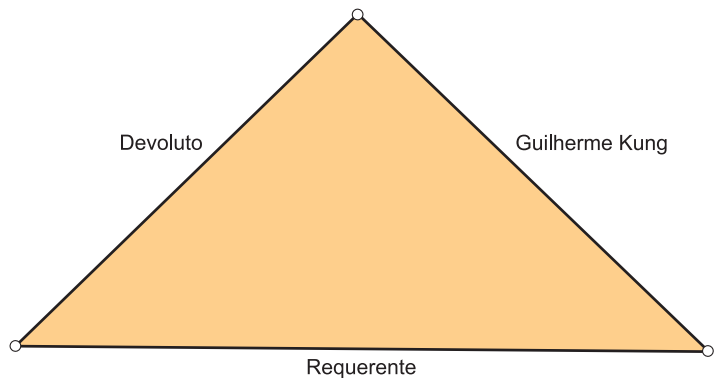
Em 3 de outubro de 1917, Anísio pagou à Secretaria de Agricultura Terras e Obras, cento e quarenta mil reis relativo ao pagamento de suas novas terras, conforme processo respectivo, de acordo com a lei em vigor.

Em obediência à Lei 1148, art. 12, foi feita a medição e no Memorial da medição do terreno consta que no lugar chamado Fazenda Primavera, atendendo solicitação do Sr. Anísio Barbosa de Menezes. Ficou assentado que o terreno media de área 224.500m² e seu perímetro era de 2.166m. Ponto de partida foi o marco no ângulo dos terrenos de Guilherme Kung Limitava-se ao norte e a oeste com terrenos devolutos, ao sul com o requerente e a este como o Sr. Guilherme Kung, ponto A da planta.

A medida foi feita com bússola, inclinação da agulha 14°,59" a Oeste (Processo de Terras cx 013, nº 765. Pg. 05 – APEES).

A fazenda Primavera é cortada pela antiga estrada Itaguaçu a Baixo Guandu.

Hoje a Fazenda Primavera pertence aos descendentes de Anísio Barbosa de Menezes.



José Criso Barbosa de Menezes, nasceu em Itaguaçu. Filho de Anísio Barbosa de Menezes e Alvina Mascarenhas de Menezes viveu sempre em Itaguaçu onde tinha muitos amigos. Destemido pracinha lutou pela Pátria na segunda Grande Guerra. Voltando à Terra Natal se estabeleceu como comerciante. Trabalhou muitos anos com seu irmão José Jonas Barbosa de Menezes como sócio e, mais tarde, se estabeleceu em Palmeira, município de Itaguaçu. Casado com Ilza Gobbo de Menezes, deixou três filhas: Criusa, Irene e Marineusa. Nossa homenagem.

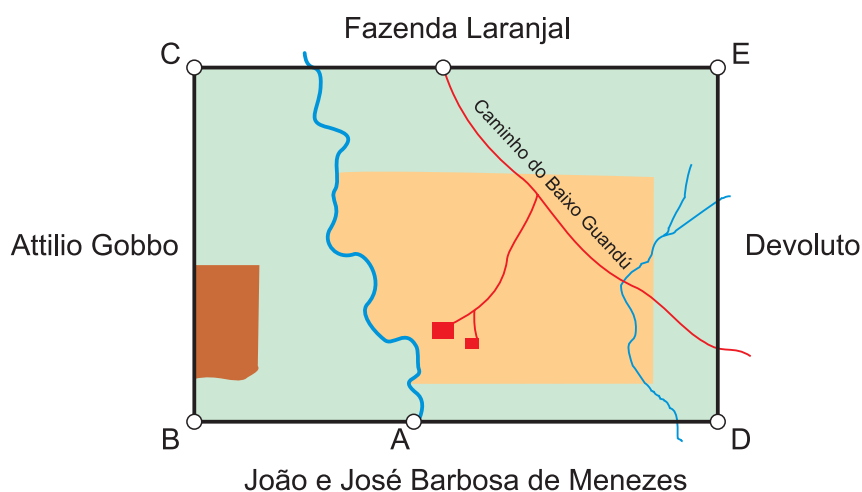
FAZENDA PEDRO GIUSEPPE GOBBO

Fazenda de Luiz Gobbo está localizada em Itaguaçu, distrito de Palmeira. Faz limites com a fazenda de João e José Barbosa de Menezes.

Logo que chegaram na localidade, trabalharam como colonos de Fortunato Barbosa de Menezes, o Nato da Portela.

A chegada da família Gobbo ao Espírito Santo está registrada no livro 342 do APEES, consta que em 1892 foi registrada a chegada desta família no Espírito Santo.

Estado do Espírito Santo, Comissariado Geral de Terras – Município de Baixo Guandu, consta a medição e demarcação de um terreno denominado Esperança, ocupado e requerido por Pedro Giuseppe Gobbo e Cesare Gobbo, requerido em 12 de outubro de 1896. Com área de 1.000.000m² e perímetro de 4.080m. o terreno requerido pelos irmãos Gobbo foi registrado sob n° 3809 no Registro Geral.



Antônio Gobbo, nasceu a 24 de maio de 1851, casado com Antonia Piron nascida em Voltabrussegana, do casamento deles em Padova, na Itália em 16 de novembro de 1873, nasceram 14 filhos, dentre estes cinco já haviam morrido antes da partida para a América.

Seu pai era Gaspare Gobbo, nasceu em Altichiero, Padova em 20 de março de 1813 e faleceu em 2 de fevereiro de 1897 com 84 anos. Sua mulher se chamava Maria Zago, nasceu em Chiesanuova em 15 de outubro de 1823 e faleceu em 24 de novembro de 1897. Casados em 26 de abril de 1843.

Antônio Gobbo chegou ao Brasil em 24 de maio de 1892, no navio Mayrink, após escala no Rio de Janeiro. A viagem durou seis meses devido às calmarias. A população do navio quase foi dizimada pela falta de mantimentos e pelas doenças.

Desembarcando no Porto de Vitória, Espírito Santo, se hospedaram na Hospedaria dos Imigrantes, antiga Hospedaria Pedra D'água trazendo consigo a esposa Antonia Piron e oito filhos: Atílio (2 anos), Cesare (3 anos) Lúgia (5 anos), Teresa (7 anos), David (10 anos), Elcia (12 anos), Luigi (14 anos) Carlo (17 anos). Fizeram baldeação em Vitória, na Ilha das Flores. Utilizando uma via fluvial seguiram de canoa até o porto de Cachoeira de Santa Leopoldina através do rio Santa Maria da Vitória. Nesta época já existia uma picada no meio do mato feito anteriormente por Henrique Martineli e posteriormente concluído por José Theodoro de Andrade, isto por volta de 1875/1880, passando por Afonso Cláudio

e indo até o local que hoje é Itaguaçu. Seguiram finalmente para a Fazenda Portela, em Santa Joana onde se instalaram tendo como patrão o Senhor Fortunato Barbosa de Menezes.

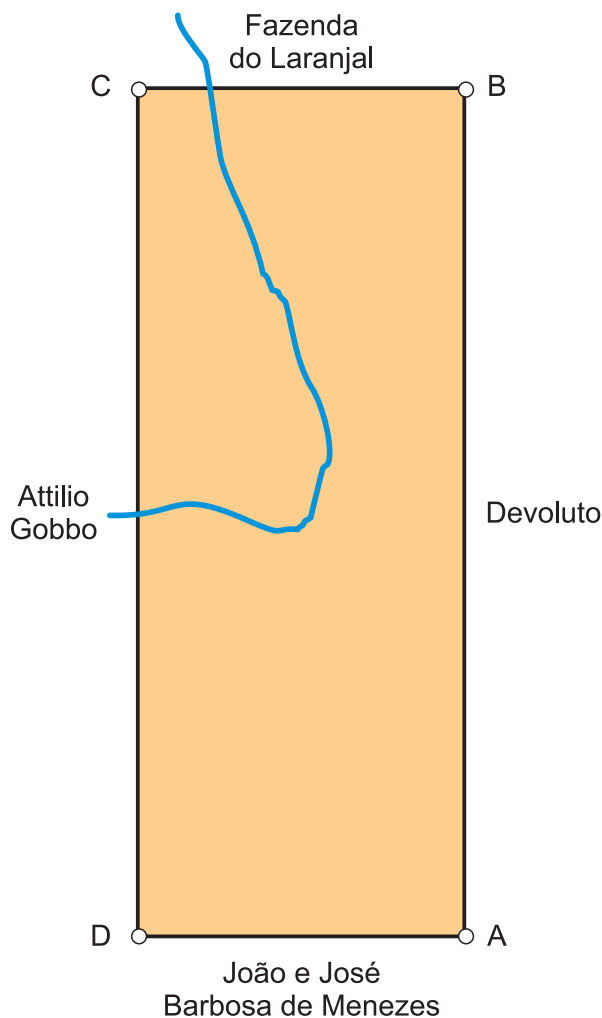
A família Gobbo começou seu trabalho e prosperou lentamente sempre com muita dificuldade e a mercê de doenças e condição de vida de muita pobreza.

Com a morte dos dois filhos mais velhos a família sofreu muito, pois a ajuda que eles poderiam ter dado aos pais era importante para o crescimento e prosperidade de todos.



A compra da Fazenda da família Gobbo foi confirmada pelo decreto nº 20 de 30 de janeiro de 1893 e possuía os seguintes limites: ao norte Fazenda do Laranjal, ao sul José e João Barbosa de Menezes, a este terreno devoluto e a oeste Atílio Gobbo.

Em novos documentos do APEES, processo de terras, caixa 100, planta p. 11, Luis Gobbo adquiriu nova gleba.



(Mapa da fazenda)

APEES, processo de terras, cx. 100, planta p. 11

Quando a fazenda começou a produzir café os únicos animais que conseguiam resistir com carga e percorrer grandes distâncias por caminhos por vezes intransitáveis, eram as mulas.

O grupo de animais partiam reunidos. Eram as tropas. Os tropeiros os responsáveis e davam a direção à tropa.

As tropas passavam trotando por picadas, percorrendo fazendas ao som estridente do sino que a mula guia tinha no pescoço.

ITAÇU

Situado no noroeste do município de Itaguaçu, Itaçu confronta-se com os municípios de São Roque de Canaã e Colatina.

Sua colonização em 1900, começou às margens do córrego Queira Deus, recebeu influência italiana e alemã e até hoje conserva as tradições e os costumes destes povos.

Em 1912, foi construída a primeira capelinha e a santa padroeira é Sant'Ana por isso surgiu o nome da localidade de Sant'Ana de Queira Deus, em 05 de janeiro de 1907.

Em 11 de novembro de 1938 foi aclamado Vila. Com o nome de Itaçu, foi o primeiro distrito do município.

A economia gira em torno da agricultura, sendo seu principal produto o café.

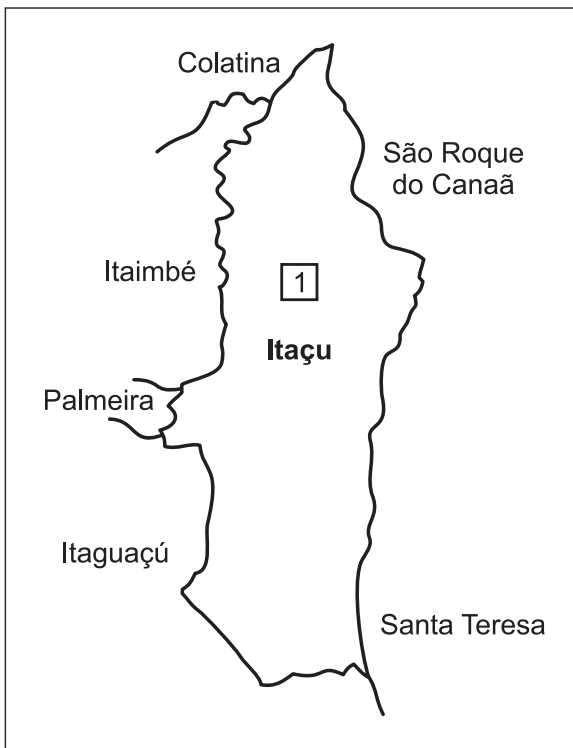
Segundo mapeamento IBGE, em 1994, o município de Itaguaçu, as seguintes comunidades, assim distribuídas por distritos:

Distrito Itaçu:

- a) Comunidade urbana: Itaçu,
- b) Comunidades rurais: Paraju, Preguiçosa, Palmeira (comunidades fracionadas por limites distritais), Beira Rio, Santo Baixo Itaçu, Fazenda Pontal.

Itaçu, na língua indígena, quer dizer pedra grande.

Em 1875/1880, José Theodoro (ou Teodoro) de Andrade após abrir a fazenda Boa Sorte, no Córrego Sobreiro, afluente do Santa Joana, deixa seu cunhado Antonio Coelho para administrá-la.



FAZENDA JOSÉ THEODORO

Uma nova fazenda de José Teodoro de Andrade que aparece nos registros oficiais, foi doada à Câmara de Vereadores de Itaguaçu e deu origem ao atual distrito de Itaçu. O nome de Itaçu era Queira Deus.

Segundo relato oral do Sr. Raimundo das Neves, antigo morador da localidade, a história é a seguinte:

Quando da chegada dos primeiros imigrantes ao local, a se afastarem do rio Santa Joana e adentrarem floresta a dentro, subir montanhas e descer encostas e já cansados da penosa caminhada, uma senhora exclamou:

– Queira Deus que tenha água.

Daí a origem do nome da atual Itaçu.

Segundo Carlos Henrique Aurich,

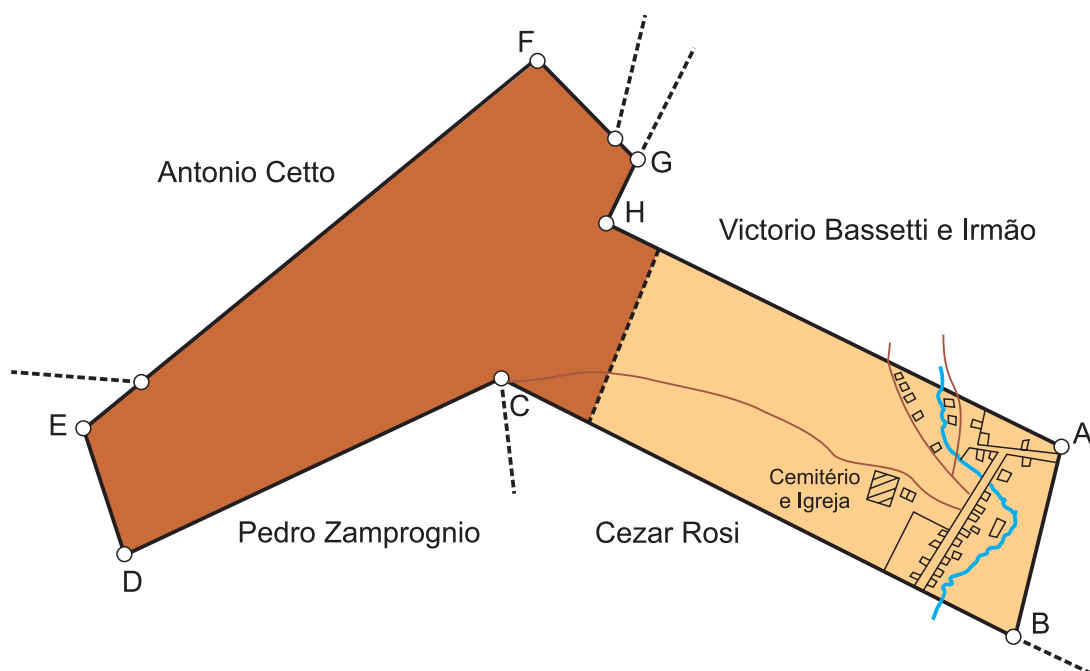
O distrito de Itaçu, antigo “Santana do Queira Deus” ou “Santana do Paraju”, está situado no noroeste do Município de Itaguaçu e confronta-se com os Municípios de Colatina e Santa Teresa.

A colonização de Itaçu recebeu influência de imigrantes italianos e alemães.entre os nomes dos primeiros colonizadores constam os seguintes: Albert, Brunow, Bins, Dettmann, Schulz, Fehlber,Rossow, Hackbart, Sttelow, Tietz, Fontana, Frechiani e Pipper.surgiram depois ainda: Belloti, Gazperazzo, Scalzer e outros. Entre os nomes de outras origens, encontra-se os seguintes: Pereira do Espírito Santo, Borges, Ramos, Pinto, Passos Jesus e Barcelos.

Segundo o decreto lei que delimita os perímetros urbanos dos distritos de Itaguaçu, em seu art. 3º,

O perímetro urbano da Vila de Itaçu será caracterizado pelo seguinte percurso:

Partindo da margem direita da estrada Itaguaçu-Itapina, seguindo a linha divisória da propriedade de João e Frederico Gasperazzo, Abílio Almerino Gasperazzo, e Sociedade de Educação e Cultura, encontrando novamente os limites da propriedade de Abílio Almerino Gasperazzo, atravessando a estrada Itaçu-Baixo Guandu, continuando com a linha divisória da propriedade de Abílio Almerino Gasperazzo, seguindo depois as linhas divisórias com Elvídio Sperandio, atravessa a estrada Itaçu-Santas Tereza, seguindo depois os limites da propriedade de José Raymundo Sperandio, Silvio Corona e novamente João e Frederico Gasperazzo, até encontrar a margem direita da estrada Itaguaçu-Itaçu e que serviu de ponto de partida.



Outra fazenda José Theodoro formou. Esta gleba de terra estava situada às margens do rio Santa Joana, no local onde é hoje a sede do município de Itaguaçu. foi doada ao município. É hoje a sede do município de Itaguaçu.

Área: 700.000m²

Perímetro 4.005m

Em Itaçu contamos com a Fazenda Pontal da família de Ricardo Bucher.

Muitas outras famílias construíram e povoaram Itaguaçu. A elas reverenciamos nossos antepassados e cumprimentamos seus descendentes.

Em conversa com o Sr. Darcy Gasperazzo conhecemos muitas outras famílias através de documentos que ele nos forneceu: Binda, Belotti, Bacetti, Broseguini, Castiglioni, Ceto, Caser, Costa, Corteletti, Cornaquinini, Costalonga, Delcomo, Demoner, Ferrari, Felicio, Felix, Fontana, Gava, Galetti, Gasperazzo, Lambertti, Machado, Montibeller, Martineli, Nepomoceno, Pauli, Pedrotti, Piffer, Rosi, Sperandio, Salviato, Valandro, Valt, Vulpi, Zonta, Zunti, Zorta, Zanetti.



IGREJA DE SANTO ANTÔNIO DE ITAÇU – Cantoria – 15 de abril de 1949. Arquivo do Sr. Darcy Gasperazzo.

1ª fila – Dário Gasperazzo, Jácomo Valt, Balin Corona, Benvindo Gasperazzo, Maximiliano Gasperazzo, Pe. Henrique, Romeo Paoli, Joanin Gasperazzo, Gentil Gasperazzo, Maximino Gasperazzo e Luis Corona.

2ª fila – Inezita Corona, Dolinda Zortea, Mariquinha Gasperazzo, Dalila Gasperazzo e Clarinha Zortea.

3ª fila – Carmen Gasperazzo, Santinha Gasperazzo e Iraci Corona.

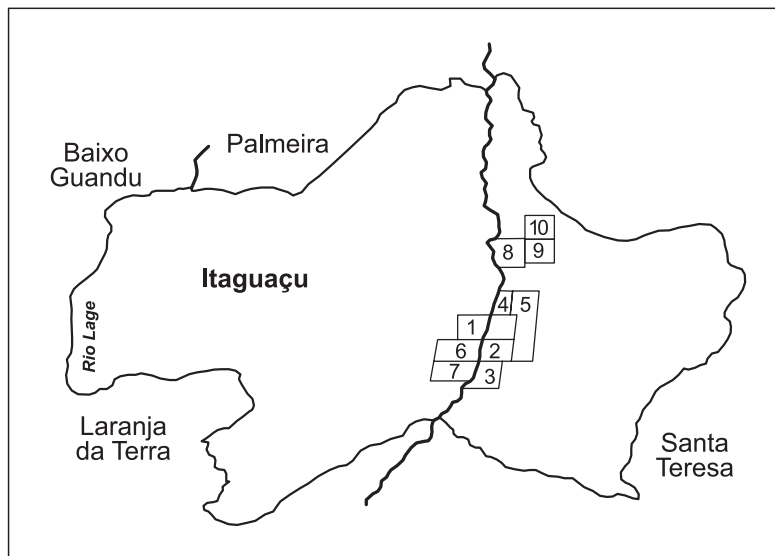
A família Gasperazzo tem registro da entrada de Domênico Gasperazzo no Espírito Santo. Domênico era filho de Andrea Gasperazzo e Catterina Gasperazzo, nascido no dia 13 de maio de 1839, no distrito de Novaledo, província de Trento, região de Trentino-alto Adige, Itália. Embarcou no porto de Havre em 17 de abril de 1875, no navio Rivadávia e desembarcou no porto de Vitória em 02 de junho de 1875, do navio Bahia, escala Rio de Janeiro. Foi morar no distrito de Nova Valsugana, Santa Teresa, e ajudou a fundar a primeira cidade fundada por imigrantes italianos no Brasil.

ITAGUAÇU – sede

Segundo mapeamento IBGE, em 1994, o município de Itaguaçu, as seguintes comunidades, assim distribuídas por distritos:

Distrito sede:

- a) Comunidades urbanas: Centro I, Centro II, COAB, Niterói e Florêncio Herzog;
- b) Comunidades rurais: Santa Rosa, Alto Bom Destino, Córrego Cristal, Barra do Triunfo, Lajinha II, Lajinha I, Fazenda Progresso, Caetano, Cafundó, São Sebastião, Córrego Grande, Caatinga, Sobreiro. Caparaó, Alto Sobreiro, Mata Pau.



1. José Theodoro doada à Prefeitura de Itaguaçu
2. Theodoro Herzog
3. João Manthey
4. Camilo Frizzera
5. Augusto Coelho da Silva
6. Valentino Schimit
7. Roberto Krugger
8. Hermínio Krugger
9. Henrique Bucher
10. Eduardo Bucher

1 – APEES, processo de terra, 2ª série – 18850 (sem planta)

Limites:

Ao Norte – Augusto da Silva e Camilo Frizzera

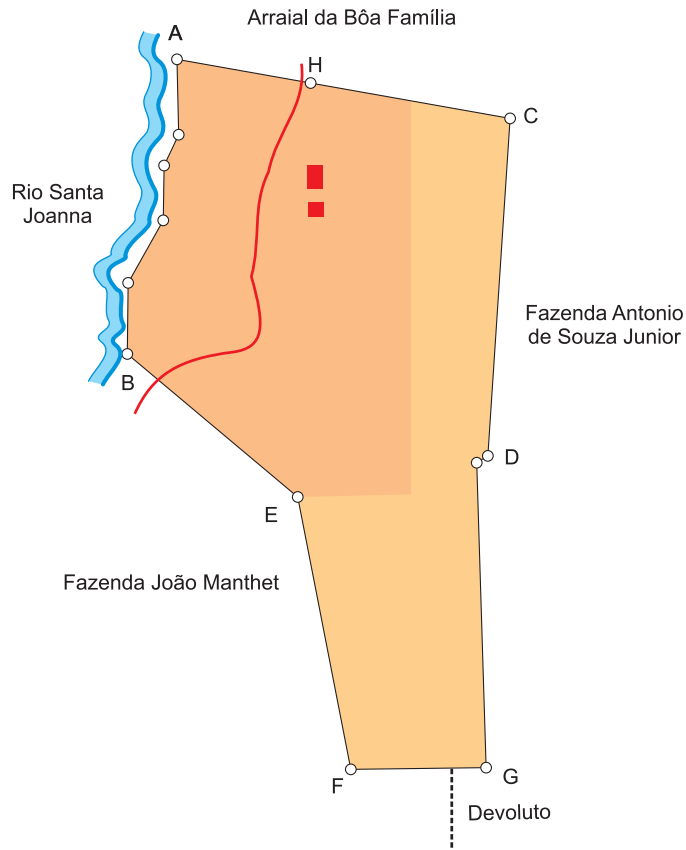
Ao Sul – Theodoro Herzog

A Leste – Augusto Coelho da Silva

A Oeste – Rio Santa Joana e Valentino Schimitti

Aos 18 dias do mês de novembro de 1915, lavrou-se o processo de terreno na Prefeitura Municipal de Itaguaçu.

FAZENDA THEODORO HERZOG



O que seria do Espírito sem os destemidos colonizadores?

Os portugueses que vieram de terras fluminenses e os imigrantes que chegaram de Santa Teresa e Santa Maria povoaram Itaguaçu.

Pelos relatos que conseguimos levantar, a região possuía grande floresta que foi devastada para formação de pastos e criação de gado.

Depois a devastação se deu para a plantação do café.

O comércio era pequeno. O café era o único produto de valor comercial voltado para o comércio externo.

A divisão do trabalho era incipiente e produziam quase todos os bens necessários à sobrevivência.

O sistema de transporte era bastante deficiente e a produção do café era ecoada em lombo de burros.

Theodoro Herzog, alemão, casado, em 3 de novembro de 1894, requer terreno situado à margem direita do rio Santa Joana, no lugar chamado Tejo.

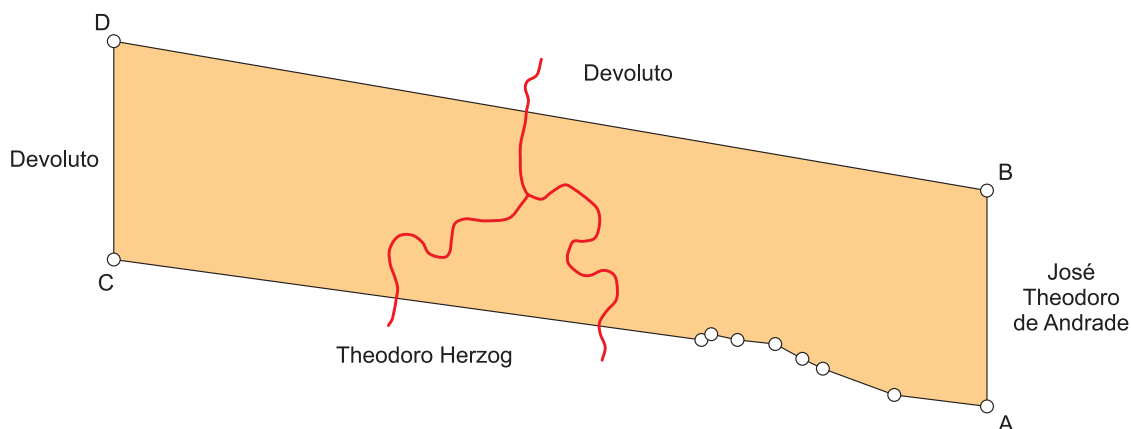
Área do terreno era de 371.050m² e o perímetro media 2.810m.

Com residência habitual e cultura efetiva onde reside com sua família, sendo uma casa térrea de madeira avaliada por 40usw000; um animal de sela por 300s, dois mil pés de café por 500s000, principiando cultura de frutigranjeiros, extensão de meio alqueire de pasto gramada por 100s000, dois capados já grandes avaliados em 1500s000 (bens móveis 600s000 e imóveis 1.000s000)

Limites:

N – Arraial da Boa Família; S – devolutas; L – Antonio de Souza Jr; O – Rio Santa Joana.

FAZENDA ALBERTO HERZOG



Não obstante todas as dificuldades, os fazendeiros ainda encontravam forças para construir as fazendas graças ao auxílio de parentes e amigos.

Sabedores dos riscos que corriam e a penúria que enfrentavam nos primeiros tempos, todos se ajudavam na construção de cada fazenda.

A precariedade do sistema de transporte contribuiu para o isolamento da região uma vez que não era possível realizar trocas comerciais com outras regiões.

Já em 1812 houve expansão do café nas lavouras às margens do rio Doce, mas somente no final do século XIX é que o café chegou à região do Santa Joana, por ser região pouco habitada.

A fazenda dedicava-se à agricultura, rudimentarmente praticada.

A colheita era feita sem nenhuma arte e para o transporte usavam o carro de bois, bestas, cavalos e canoas.

Os instrumentos empregados pelos lavradores eram a enxada, a foice e o machado.

Para a cultura do arroz usavam as terras baixas e alagadiças. O matovirgem deixavam para a mandioca.

Quanto às demais plantações, qualquer terreno era considerado bom.

Em 12 de julho de 1894, Alberto Herzog, brasileiro, solteiro, lavrador, não tendo terreno para cultivar, pede 25 hectares de terras devolutas deste Estado do Espírito Santo, onde as houver, correndo as despesas por conta do requerente.

Em 14 de junho de 1896, foi expedido edital de convocação aos interessados para ciência e manifestação e comparecimento ao local, às 9 horas da manhã.

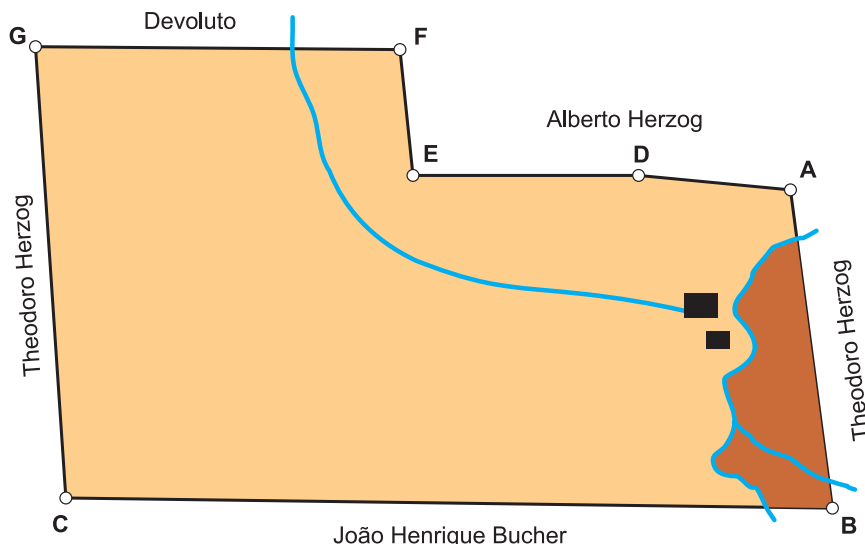
Em agosto de 1896, foi paga a importância de 375\$200 pelo respectivo título de proprietário, de acordo com a tabela e ao Regulamento que baixou com o Decreto nº 20 de 30 de janeiro de 1893, o metro quadrado valendo 0,5 real.

Em documento Comissariado Geral de Terras do Estado do Espírito Santo, 15 de maio de 1897, consta Autos de medição e demarcação de um terreno no lugar denominado Santa Joana, "concedido" a Alberto Herzog com área de 250.000m² e perímetro de 2.549m, registrado sob nº 3864.

Limites:

N – devoluto; S – Theodoro Herzog; L – José Theodoro de Andrade; O – devoluto.

BERNARDO HERZOG



Em 26 de fevereiro de 1896, Bernardo Herzog, brasileiro, solteiro, tendo se estabelecido com lavoura num dos afluentes do Santa Joana, em terreno do Estado onde tem morada habitual e cultura efetiva pede para que se efetue a medição e demarcação do dito terreno a fim de efetuar a compra do mesmo.

Em fevereiro de 1920, foi lavrado Autos de medição e demarcação de um terreno no lugar denominado Bom Repouso, no município e comarca do Guandu com área de 770.210m² e perímetro de 3.843m, ocupado e requerido por Bernardo Herzog.

Limites:

N – devoluto e Alberto Herzog; S – João Henrique Bucher; L – Theodoro Herzog; O – Theodoro Herzog

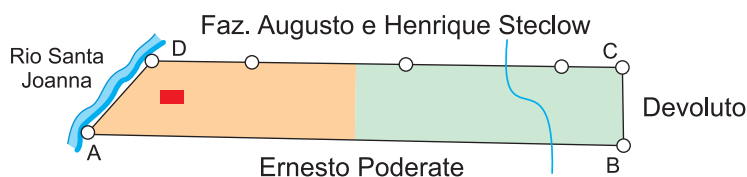
Conforme a tabela do Regulamento que taxa e com o Decreto nº 20 de 20 de janeiro de 1893, vale o metro quadrado 0,8real.

O terreno é geralmente montanhoso, em quase a sua totalidade argilosilicioso, prestando para a cultura de café e mais cereais próprios da zona.

Consta que em 1923, Francisco Herzog adquire o referido terreno de Bernardo Herzog e solicita que seja expedido em nome do requerente a respectiva escritura de propriedade.

FAZENDA AUGUSTO MANTHEY

Cada família que chegava procurava um local perto de uma nascente ou rio, separava uma gleba de terra e começava sua fazenda. Construía abrigo para a família, começava o roçado para a lavoura, e a criação. Quando a família tinha poucas posses era ajudada pelos parentes que davam presentes para começar a criação: algumas frangas e um galo, um porquinho para engordar e às vezes uma vaquinha com bezerro para garantir o leite das crianças.

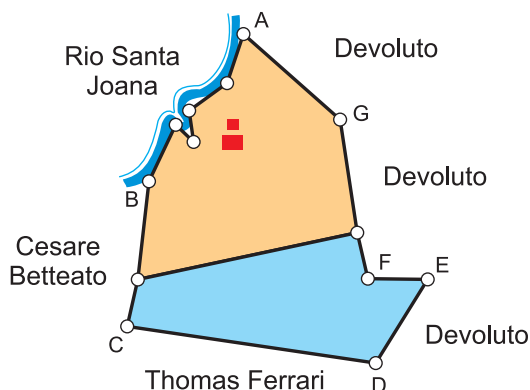


Augusto Manthey, brasileiro, adotivo, casado, lavrador, tendo se estabelecido com cultura em terreno do Estado, onde reside tendo morada habitual. A casa é de madeira roliça coberta de tabuinhas, contendo uma área aberta de 15 hectares sendo parte em café plantados recentemente. O termo de verificação de morada habitual e plantação em 28/10/1896.

Limites:

N – Franz, Augusto e Henrique Strelow; S – Ernesto Poderatz; L – devoluto; O – Rio Santa Joana.

FAZENDA JOÃO MANTHEY



João Manthey, alemão tendo os filhos Theodoro (14 anos), Luiza (8 anos), Alice (5 anos) nascidos no Brasil.

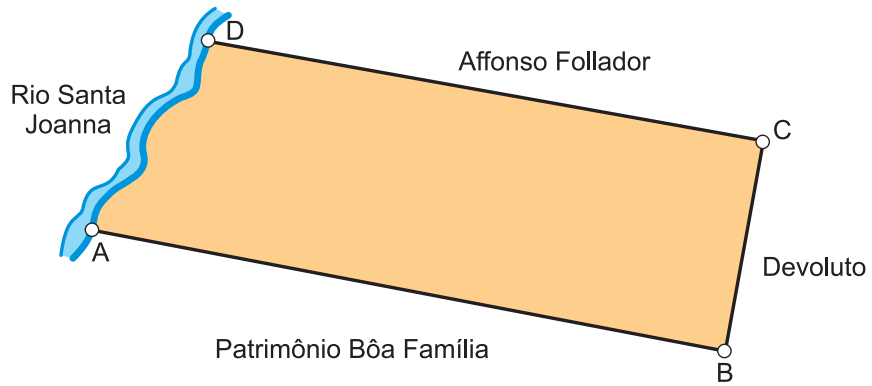
A sua fazenda tinha área de 355.700m² e perímetro 2.668m.

Limites:

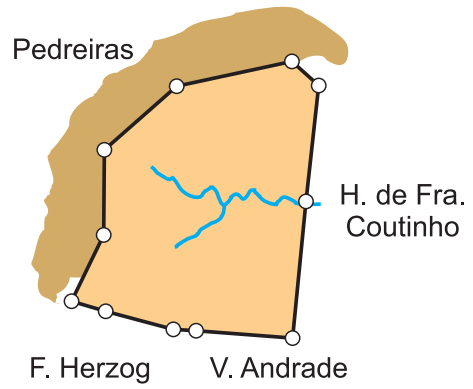
N – Theodore Herzog; S – Thomaz Ferrari; L – Theodoro Herzog e terrenos devolutos; O – Rio Santa Joana e Cezare Bertteato.

O termo de encerramento da fazenda está datado de 18/02/1894.

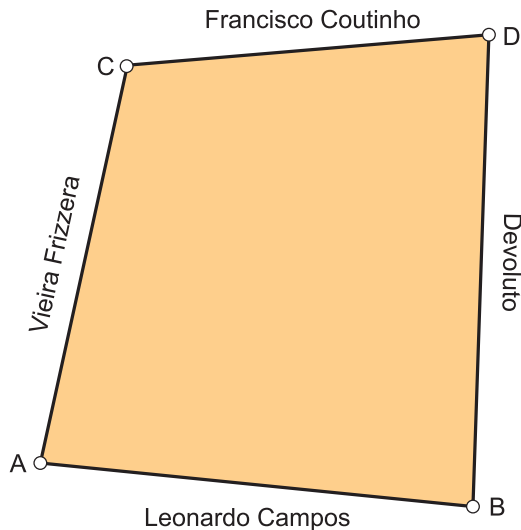
FAZENDAS CAMILO FRIZZERA



Camilo Frizzera e esposa.



FAZENDA HENRIQUE FRIZZERA



Aos cinco dias do mês de setembro do ano de um mil e oitocentos e noventa e oito, Henrique Frizzera, cidadão brasileiro com 24 anos de idade, tendo por morte de seu pai Ancelmo Frizzera assumido o encargo dos negócios de sua Família na qualidade de filho mais velho, solicitou a concessão de uma sobra de terras anexas às de seu finado pai. O referido terreno fica encravado entre as divisas de suas terras e os contrafortes das grandes pedreiras da Serra do Perdido, terreno este seco, porém de grande utilidade para o requerente que já investiu grande capital em maquinários movidos a água para o fabrico de açúcar

e aguardente. Tendo necessidade de estender sua lavoura para este lado o requerente solicita a área de aproximadamente 70 hectares. Em 5 de setembro de 1900, foram lavrados Autos de medição com a convocação dos confrontantes a fim de comparecerem no lugar às 9 horas da manhã para que se faça a medição.

Aos 14 dias do mês de junho de 1900, em audiência no local iniciou-se a medição, nada sendo requerido nem protestado no correr da medição. O terreno ficou registrado com área de 1.174.500m² e Perímetro de 4.440m, conforme APEES, processo de terras p.337 -16.396.

Limites:

N – Francisco Coutinho; S – Leonardo Campos; L – Devoluto; O – Vieira Frizzera

Fonte: IDAF

FAZENDA LIMOEIRO

Anselmo Frizzera, que se deslocou de Santa Teresa, fundou a fazenda Limoeiro, em Itaguaçu, na parte hoje pertencente a Itarana. Após sua morte, seus filhos Anselmo, David e Camilo desceram para as margens do Rio Santa Joana e fundaram as fazendas Laginha e União. Camilo Frizzera foi Agente do Correio, em Itaguaçu, primeiro Delegado de Polícia, além de Prefeito e Presidente da Câmara Municipal. Havia se naturalizado brasileiro, desde 1889.

A família Frizzera dedicou-se à lavoura e ao comércio. Entre seus membros, o Dr. Anselmo Frizzera (neto), advogado de mérito, ocupou o elevado cargo de Procurador do Estado do Espírito Santo.

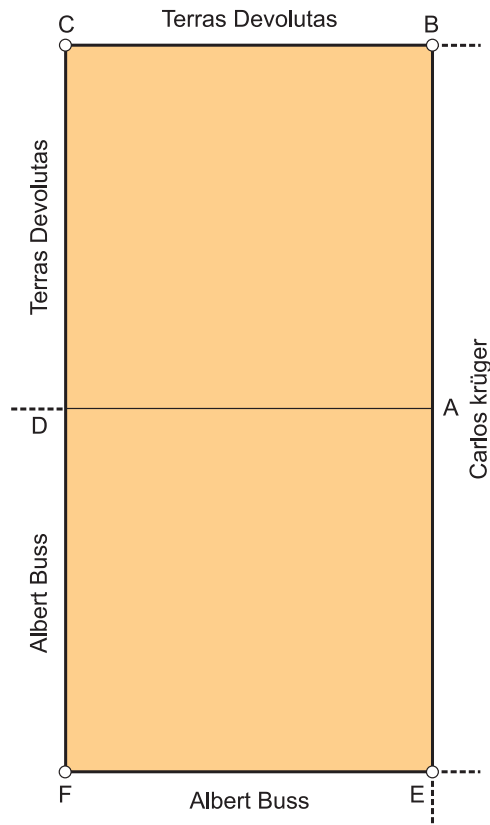
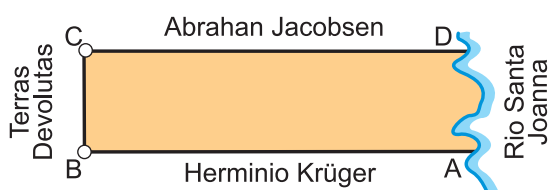


Em 1925, passou a residir na Fazenda União, na Vila de Boa Família, hoje Itaguaçu. Aí nasceram mais dois filhos, completando a prole de quatorze. O casal criou uma filha adotiva de nome Petrina.

FAMÍLIA KRUGGER

Roberto Kruger, casado, requer terreno no lugar denominado Santa Joana, em 1893.

O terreno possuía área de 250.000m² e seu perímetro media 2.480m.



FAZENDA HENRIQUE BUCHER

Orlando Alberto Coser

Nasceu em 27 de agosto de 1920 em Alto Caldeirão, Santa Teresa, filho de Maria Loss Coser e Valério Coser, imigrantes italianos radicados no Brasil. Aos 4 anos de idade a família se mudou para Itaguaçu, fixando residência na Fazenda União. Desde muito novo demonstrava intimidade com números e interesse pelo comércio, daí acompanhava e auxiliava o contador Norberto Sacht em visitas a comerciantes pelo interior de Itaguaçu e Santa Teresa. Acerca deste episódio o livro *Tutti insieme, Todos juntos: Memórias de imigrantes italianos*, registra: "O contador Norberto sentia-se orgulhoso do jovem acompanhante, tão inteligente, amigo e companheiro" (1).

Começou sua vida profissional em 1943, na Brasil Holanda, empresa de compra e venda de café sediada em Lagoa, próximo de Itarana, onde morou por 6 meses. Nesta localidade conheceu Delurde, com quem viria a se casar. No ano seguinte trabalhou em Itaguaçu, em sociedade com o irmão Egydio, numa padaria, logo depois vendida. Montaram então a Casa Brasil, que vendia secos e molhados, tecidos, calçados e comércio em geral, com uma loja na avenida central de Itaguaçu.

Casou-se em 27 de dezembro de 1947 com Delurde de Martin Coser. Tiveram sete filhos, Stelamaris, Stelamagda, Stélida Helena, Sther Lúcia, Orlando Alberto, Maria Angela,

Luís Paulo. Preocupado com a educação dos filhos em 1959 mudou-se com a família para Vitória.

Começou então a trabalhar na Fermaco, empresa do comércio de material de construção na qual entrou como sócio, junto com seu amigo Norberto Sacht. Pouco depois adquiriu a loja. Em 1966 expandiu a Fermaco, inaugurando uma filial em Jardim América.

Sempre muito envolvido com os negócios gerenciou sua empresa com afinco e satisfação, tendo trabalhado diariamente até 2010, com 90 anos. Zeloso com a família, durante toda a vida atribuiu grande importância à educação dos filhos.

Também teve grande empenho nos grupos sociais em que participava. Exemplo disso são sua ajuda na construção da Igreja de Itaguaçu, onde foi tesoureiro durante muitos anos, seu comprometimento na constituição da Acomac-ES, associação dos comerciantes de material de construção do Espírito Santo, em 1989.

Faleceu aos 92 anos, em 9 de maio de 2013. Rosalem, Jussara & Salaroli, Regina. *Tutti insieme, Todos juntos: Memórias de imigrantes italianos*. Vitória, 2012, p. 332.

Era conversador e muito amigo de seus fregueses. Inteligente, gostava de contar casos. Narrava casos da Itgaçu, ainda menina e ria, ria...

Certa vez ele assim se expressou:

A construção da igreja deu muito trabalho. Foram anos de muita dedicação e sacrifício. Todos colaboravam para arrecadar dinheiro para a construção. Cada tijolinho representava muito trabalho porque dinheiro era pouco. Muitos dias de trabalho cooperativo sem nenhuma remuneração. Passava-se nas casas de comércio, nos colonos, nos fazendeiros pedindo brinde para festas, rifas e leilões. Recebia-se de tudo: galinha assada com farofa pernil, cacho de banana, réstia de cebola, penca de coco verde.

Naquele ano a igreja recebeu um novilho para a rifa. A disputa ficou animada. A primeira pessoa comprou apenas um bilhete.

Estava lá um fazendeiro muito falante. Veio montado em seu cavalo alazão, de chapéu de couro branco, esporas de prata que brilhava e tilintava ao raspar a sola no chão de barro.

Foi anunciado que eram cem bilhetes apenas. E o fazendeiro com a sua arrogância comprou os 99 restantes para dar à mulher de presente.

No fim da festa foi feito o sorteio e a mulher com um só bilhete levou o novilho para a sua rocinha.



Orlando (então com 89 anos) e Delurde (84)



Orlando (então com 50 anos) e toda a família em sua casa no Parque Moscoso.

FAZENDA EDUARDO BUCHER

ITAIMBÉ

Segundo mapeamento do IBGE, em 1994, o município de Itaguaçu tinha as seguintes comunidades, assim distribuídas por distrito:

- a) Comunidades urbanas: Itaimbé (Vila) Palmeira (povoado);
- b) Comunidades rurais: Bela Vista, Itaimbé, Fazenda Pontal, Fazenda Panorama, Palmeira, Alto Laje, Sobreiro, Lajinha do Laje, Sete Voltas, Barra do Laranjal, Laranjal e São Luis.

Segundo a lei de limites (divisão territorial administrativa do Estado do Espírito Santo – municípios e distritos, lei nº1919/64, são divisas de Itaimbé:

- 1) Entre os distritos de Itaguaçu e Itaimbé: começa no rio Santa Joana, na foz do córrego Sobreiro; sobe por este até a foz do córrego Boa Sorte; sobe por este até as nascentes da serra do Sobreiro, no com o município de Baixo Guandu.
- 2) Entre Itaimbé e Itaçu: começa na foz do córrego Sobreiro no rio Santo Joana; segue até encontrar a divisa com o município de Colatina.

Pela lei municipal nº 533 de 09/12/1991, alterado pela lei municipal nº 708/1997, é criado o distrito de Palmeira e altera os limites de Itaimbé.

O primeiro nome de Itaimbé foi São Francisco por causa da imagem de São Francisco doada pela Sr^a Santina Maria Barbosa, esposa de Augusto Celestino Barbosa.

Em 6 de dezembro de 1913, foi criado, pelo decreto 933, o distrito de São Francisco e em 1938, o povoado foi elevado a vila.

Em 1943, a Vila de São Francisco teve seu nome modificado para Itaimbé, de origem tupi guarani e que significa “Pedra do Cipó”,

Itaimbé foi colonizado pelos primeiros desbravadores: José Vieira de Carvalho, José Vieira de Carvalho Junior e Romualdo Vieira de Carvalho, procedentes do Rio de Janeiro.

Carlos Henrique Aurich, em Introdução à História de Itaguaçu,

A primeira fazenda de Itaimbé foi iniciada por José Vieira de Carvalho e denominada Portela, Em 1879, seu filho José Vieira de Carvalho Junior, adquiriu a fazenda Portela e mais cinco “sesmarias” às margens do rio Santa Joana, que denominou “Palmeira”, onde surgiu mais tarde o povoado de “Palmeira de Santa Joana” Voltou ao Estado do Rio para buscar a mudança, passando a residir, de 1880 em diante, na propriedade às margens do rio.

Quando José Vieira de Carvalho Júnior faleceu, sua esposa vendeu a propriedade “Palmeira” para Romualdo Vieira de Carvalho. Na fazenda Portela ficou Fortunato Barbosa de Menezes (o Nato da Portela), casado com Porcina, filha de José Vieira de Carvalho Júnior.

Romualdo Vieira de Carvalho cumprindo uma promessa, doou uma área de terra a Nossa Senhora da Penha, que deu origem a povoação de “Palmeira”.

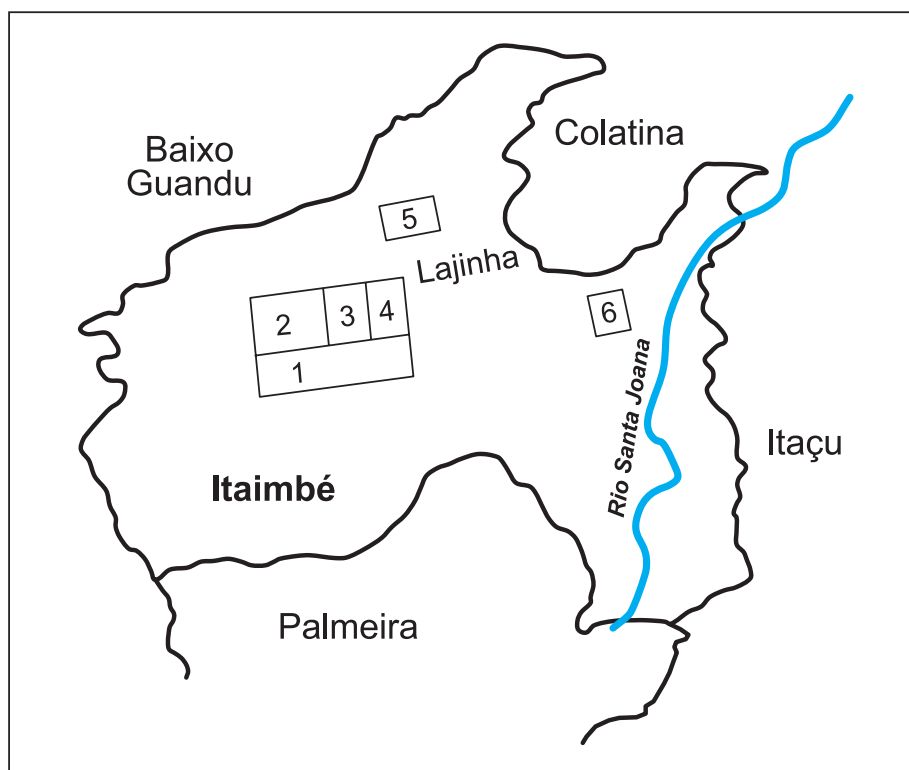
Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município de Itaguaçu é constituído de 3 distritos: Itaguaçu, Itaçu e Itaimbé.. Este documento esclarece porque a fazenda Portela aparece em Itaimbé.

Somente pela lei municipal nº 533 de 09/12/1991, alterado pela lei municipal nº 758, de 28/08/1997, que é criado o distrito de Palmeira desmembrado de Itaimbé e anexado ao município de Itaguaçu.

O projeto de lei que delimita os perímetros urbanos dos distritos de Itaguaçu, em seu art. 4º, prescreve,

Partindo da margem esquerda da estrada Itaguaçu-Itapina, limitando-se com os terrenos de propriedade de Santos Miranda Damasceno, Alcema Ramos Barbosa, João Lina, Adolfo Covre e Litzo Roberto Anheret e, novamente Santos Miranda Damasceno até encontrar a margem direita da estrada acima referida e que serviu de ponto de partida.

1. Salvador Binda
2. Giacomo Folador
3. Pedro Binda
4. Salvador e Pedro Binda
5. Ângelo Binda
6. Ricardo Bucher – Fazenda Pontal



A família de Ricardo Bucher formou a fazenda Pontal em Itaguaçu, no distrito de Itaimbé. A fazenda Pontal localiza-se mais próxima da foz do rio Santa Joana e esse rio atravessa as terras da fazenda que é dividida em duas partes: uma do lado direito do rio e outra do lado esquerdo.

FAZENDA PONTAL



Fazenda Pontal – Fonte: Equipe técnica Núcleo Cidades/FCAA



Escola Rural de Pontal – Fazenda Ricardo Bucher – APEES



Igreja Luterana de Pontal



Ricardo Bucher foi o primeiro presidente da Fundação “JOSÉ THEODORO DE ANDRADE”, mantenedora do Hospital de Itaguaçu.

A antiga fazenda Pontal de Santa Joana pertenceu a família de Ricardo Bucher por muitos anos. Logo após o casamento de Ricardo com Carlota ele comprou o terreno e com muito trabalho e esforço foram progredindo. A medida que progrediam aumentavam o número de empregados e cada família recebia uma casinha para morar.

A fazenda possuía, no início do século XX, máquina de pilar café e uma para beneficiar arroz. Logo depois instalou um dínamo e todas as casas possuíam luz elétrica.

No final de 1920 passou a ser servida de uma linha telefônica, coisa rara na região.

A fazenda Pontal recebia a visita periódica do representante da Química Bayer que vinha numa Kombi com um aparelho de cinema para passar filmes. Todos se divertiam.

Também o representante das Casas Pernambucanas vinha a cavalo puxando outro animal carregado de amostra de tecidos. Eram momentos de distração e encontro do povo com a civilização.

Logo após o seu casamento com Carlota Bucher, ele comprou o terreno e iniciou o trabalho na fazenda: fez plantações, construiu uma serraria, a máquina de pilar café e outra para descascar arroz.

Nesta época instalou também um dínamo que produzia energia elétrica para todos da fazenda.

Consta que a fazenda Pontal de Ricardo Bucher foi registrada no Município de Afonso Cláudio, Comarca de Guandu no lugar chamado Santa Joana. Cortada pelo rio Santa Joana, estendia-se pelos distritos de Itaimbé e Itaçu.

Em 25/07/1919, foi autuada uma petição de Ricardo Bucher. Ele afirma que comprova, com documentos, que adquiriu por escritura um terreno no lugar chamado Santa Joana e que por hora requer que seja lavrado a escritura a fim de que possa legalmente, se considerar proprietário.

Diante de tal afirmação, supomos que a fazenda Pontal teve outro dono ou que, como os proprietários de outras terras, teria sido formada em terras devolutas e que nesta época teria sido legalizada. Conforme lei da época, todo aquele que plantasse e residisse em terras do Estado poderia adquiri-las.

Limites:

N – Pedro Matheus Jacobsen; S – ; E – Santa Joana; O – .

Possuía área de 200.000m² e perímetro de 2.295m.

Hoje, a fazenda Pontal pertence a Angélico Belot

FAZENDA VIOLETA – ALBERTI BUCHER

Lugar: Santa Joana / Área: 250.000 m² / Perímetro: 2.472m / Data: 20/03/1896

Alberti Bucher, brasileiro, solteiro, não tendo recebido terreno do Estado e desejando se estabelecer como lavrador, pede que lhe seja concedido 25 hectares de terras onde as houver, na forma das leis em vigor, a fim de efetuar a compra.

Limites:

N – terrenos devolutos; S – Eduardo Bucher; O – terrenos devolutos; L – terrenos devolutos.

Em 22/04/1897, consta no termo de encerramento do referido processo que Alberti Bucher recebeu o terreno que pleiteara proporcionalmente à força que dispunha para lavrar a terra.

O terreno, em quase sua totalidade era argilosilicioso e presta para agricultura de café e mais a todos os cereais próprios da zona. O terreno é montanhoso e dista do arraial de Boa família 1Km de péssima estrada.

Foram pagos os seguintes valores:

Impostos da medição R\$ 197\$760

Imposto de compra do terreno: R\$ 125\$000

Cópia da planta R\$500\$000

FAZENDA ISAC JACOBSEN

*Imigrante, imigrante é triste viver assim?
Tenha fé, um dia tudo há de mudar
Veja árvores no quintal, a panela no fogão
O sol que brilha alto, as flores do jardim.
e as estrelas que no céu anunciam
que é tempo bom de plantar
Imigrante, imigrante é triste viver assim?
Ao chegar ao seu destino, tudo se ajustará.*

Enfrentando dificuldades de toda ordem e mesmo carentes de recursos com muito trabalho a fazenda prosperou.

A falta de braços para o trabalho na lavoura exigia esforço maior da família.

Após a derrubada da mata os colonizadores encontravam terras virgens, boas e férteis para uma colheita farta e pasto verde para o gado. Criavam uns poucos cavalos, burros, bestas e às vezes cabritos. Os porcos e as galinhas eram criados próximos da casa principal, muitas vezes soltos.

As galinhas dormiam empoleiradas nas árvores. Os criadores colocavam alguns paus encostados em galhos altos das árvores e elas subiam por eles até bem alto e assim ficavam protegidas do ataque de predadores noturnos.

As galinhas e os porcos eram alimentados pela manhã e à noite.

Quando alguma galinha chocava no mato e não se localizava o ninho, ela chocava os ovos e chegava com a ninhada.

1. Isac Jacobsen c/c Ita Dens

1. Isac Joaquim Jacobsen, Germano Jacobsen, Guilherme Jacobsen, Alberto Jacobsen, Ludovico Jacobsen, João Jacobsen, Henrique Jacobsen, Carlinhos Jacobsen, Matilde, Luiza e Maria.

1.1. Isac Joaquim Jacobsen c/c Maria Suzana Augusta Albertina Boone

1.1.1 Emílio Jacobsen, Alfredo Jacobsen, Ana Jacobsen, Ludovico Jacobsen, Luis Jacobsen, Hilda Amália Jacobsen, Juliana Maria Jacobsen e Carlota Jacobsen.

1.2. Germano Jacobsen c/c Ita Plaster

1.2.1. Rulda Jacobsen, Amália Jacobsen, Otília Jacobsen, Ita Jacobsen, Anília Jacobsen, Ludovico Jacobsen, Josué Jacobsen, Germaninho Jacobsen, Izaias Jacobsen e Leopoldo Jacobsen.

1.3. Guilherme Jacobsen c/c Maria Jones (1ª mulher)

1.3.1 Henrique Jacobsen, Augusto Jacobsen, Guilherme Jacobsen, Alberto Jacobsen, Carlinhos Jacobsen, Germaninho Jacobsen, Emílio Jacobsen, Marta Jacobsen, Mika Jacobsen, Ita Jacobsen, Flora Jacobsen, Alita Jacobsen e Otília Jacobsen.

Guilherme Jacobsen c/c Paulina Rook (2ª mulher) – não registrado filhos

1.4. Alberto Jacobsen c/c Augusta Groina

1.4.1 Otto Jacobsen, Isac Jacobsen, Samuel Jacobsen, Daniel Jacobsen, Maria Jacobsen, Alita Jacobsen, Elisa Jacobsen, Dolores Jacobsen, Lona Jacobsen e Londina Jacobsen.

- 1.5 Ludovico Jacobsen c/c Berta Shultz (1ª mulher) – não tiveram filhos.
- 1.5 Ludovico Jacobsen e Matilde Jacobsen (2ª mulher)
 - 1.5.1 Miguel Jacobsen, Isac Jacobsen, João Jacobsen, Simão Jacobsen, Maria Jacobsen, Matilde Jacobsen e Cecília Jacobsen.
- 1.6 João Jacobsen c/c Otília Pêssego
 - 1.6.1 Germano Jacobsen, Henrique Jacobsen, Guilherme Jacobsen, Joãozinho Jacobsen, Matilde Jacobsen, Emma Jacobsen, Elisa Jacobsen, Maria Jacobsen e Olga Jacobsen.
- 1.7 Henrique Jacobsen c/c Frederica Buss (1ª mulher) – faleceu
 - 1.7.1 Emília Jacobsen, João Jacobsen, Artur Jacobsen
- 1.8 Carlinhos Jacobsen
- 1.9 Matilde Jacobsen
- 1.10 Maria Jacobsen

João Jacobsen era casado com Petrolina Jacobsen. Lavradores, residentes no lugar Beira Rio, depois São Francisco, hoje Itaimbé. Eles eram possuidores de benfeitorias no lugar Santa Joana onde tinham cultura adquire por compra de Alberto Kurgger um terreno por escritura pública de permuta, em 14 de abril de 1913.

Limites:

Norte – terreno devoluto; Sul – terreno devoluto; Leste – Terreno devoluto; Oeste – Jacobsen Braw (APEES pasta 324).

Carlos Jacobsen adquire por compra do Estado um terreno no lugar denominado Santa Joana, com área de aproximadamente 25 hectares. O terreno possuía uma área de 268.356 m² e perímetro de 2.120m

Limites:

Norte – Augusto Froilig; Sul – Alberto Jacobsen; Leste – Augusto Froilig; Oeste – Tito Manoel de Ressurreição (APEES – pasta 9321).

Germano Jacobsen, com atestado de bom comportamento, sendo bom agricultor, tendo condições financeiras adquire área de 25 hectares no lugar denominado Santa Joana. (APEES, 9324)

Limites:

Norte – João Jacobsen; Sul – Ludovico Jacobsen Sobrinho; Leste – Guilherme Jacobsen; Oeste – Angelo Binda.

Jacobsen Jacobsen comprou terreno de Francisco Petter. O terreno possuía 250.000 m² e media 2,230m de perímetro. Limitava-se ao norte com posseiros cesrenses, ao sul com Ricardo Theodoro, a oeste com terrenos devolutos e a leste com Ernesto Petter. (APEES n° 891).

A FAZENDA BOA SORTE

Uma cerca de arame farpado limitava o quintal da casa. Nos fundos passava um córrego e os vizinhos mais próximos eram os Montagnares. Mais adiante residia D. Assunto que possuía pilões para beneficiar café. Os Matedi moravam mais acima, às margens do mesmo córrego.

Na frente da casa era o pasto e no alto do morro havia uma porteira que dava para um caminho com destino a Basílio Picigat e Guilherme De Gaspari. Lá adiante moravam os Moscon.

Além das atividades da lavoura, David Zanotti ensinava, à noite, cobrando um tostão por aula e por aluno. Tinha 15 discípulos e esta era a única Escola existente na região.

Aos domingos todos se reuniam na igreja para rezar a ladainha. Às vezes o Padre aparecia por lá e era dia de festa.

Bailes eram realizados de quando em vez. Os mais velhos bebiam e conversavam. As mulheres preparavam o café e pão de farinha de milho. As moças e rapazes dançavam, riam e namoravam. A orquestra era um sanfoneiro.

Em 1915, David Zanotti foi à busca de novas terras e comprou uma pequena propriedade abandonada, no município de Boa Família, no lugar denominado Sobreiro. Era a sede de uma fazenda de sesmarias cujo dono, José Teodoro, em meados do século XIX, possuía escravos.

O capoeirão dominava todo o terreno. Nenhum morador ocupava a fazenda. Tudo eram mato, solidão e esmo.

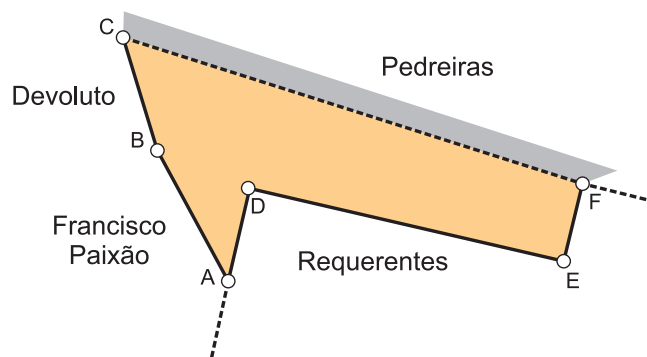
Com o dinheiro apurado com a venda das terras de Caldeirão e da venda do café, David Zanotti comprou os terrenos de Augusto Coelho, genro de José Teodoro, por seis mil réis.

A família Zanotti mudou-se para Boa Família numa manhã, bem cedo. A viagem feita em lombo de burro durou dois dias. Uma tropa de burro levava as coisas e os mantimentos. Pernoitaram na casa de Roque Dalleprane, tio de Bárbara, em Figueira de Santa Joana⁷.

Era 28 de setembro de 1915⁸. Chegaram à tardinha. Bárbara cozinhou a polenta e com linguiça que trouxera preparou o primeiro jantar na Fazenda Boa Sorte.

Um cafezal velho do tempo dos escravos, coberto de mato e erva daminha, foi roçado e capinado. Esta moita de café, situada na grota, garantiu o sustento da família até a produção do plantio novo.

A propriedade era bem servida de água. Um córrego maior chamado de Boa Sorte atravessava a fazenda de lado a lado, descendo da montanha. Dois córregos menores, o Melado e o Da Grota eram afluentes do córrego Boa Sorte que desembocavam num mesmo ponto, onde, posteriormente, foi construída a residência da família Zanotti.



⁷ Figueira de Santa Joana é hoje o município de Itarana.

⁸ Nesse mesmo ano foi criado o município de Boa Família, hoje, Itaguaçu.

Em 1917 os filhos do casal já crescidos ajudavam na lavoura e pescavam no rio Sobreiro que corria logo atrás de um morro próximo à divisa com Augusto Coelho. Nesta mesma época é construído o primeiro moinho da Fazenda Boa Sorte que faz fubá para os vizinhos.

A Fazenda Boa Sorte fica na encosta da Serra dos Campos, que divide Itaguaçu com o município de Baixo Guandu.

E os roçados de milho crescem. Promessa de colheita auspiciosa.

É iniciada a criação de suínos e de galinhas e se plantam as primeiras hortaliças.

Em 1918 foi iniciada a construção da nova casa que seria a sede definitiva da família Zanotti

Em 1921, organiza-se uma “orquestra”: João no bandolim, Olímpio no cavaquinho, Lourenço no violão e havia, ainda, uma flauta.

Em uma de suas viagens a Vitória, o pai trouxe um gramofone com seis discos. Veio da Casa Edson do Rio de Janeiro.

Instala-se na fazenda Boa Sorte o primeiro time de futebol.

Uma tropa de animais de carga foi adquirida.

Abre-se uma casa de comércio e João tomou conta do negócio.

Adquire-se o primeiro caminhão e Roberto é o motorista.



Primeiro caminhão da fazenda Boa Sorte.

Em 1927, a estrada de rodagem chegou a fazenda Boa Sorte e foi inaugurada a Igreja de São Roque. E em 1954, a Nova Igreja de São Roque é festivamente inaugurada.

É instalada a iluminação elétrica na Fazenda Boa Sorte.



David Zanotti nasceu aos 7 de maio de 1879 e faleceu aos 25 de janeiro de 1961 e sua mulher Barbara Delleprane nascida em 1º de agosto de 1881 e falecida 90 anos depois, aos 18 de fevereiro de 1971, ambos sepultados no cemitério de São Sebastião.

David Zanotti era pecuarista mas sempre exerceu funções a frente de entidades: Sindicato Rural Patronal de Itaguaçu, vice-presidente da Federação da Agricultura do Estado do Espírito Santo, membro de Lions Clube de Itaguaçu, vereador eleito em 1988 para o seu segundo mandato quando foi eleito Presidente da Câmara de Itaguaçu.



Fazenda Boa Sorte



A Fazenda Boa Sorte, de David Zanotti, é de 9 irmãos.

João Zanotti e Domênica Zanotti foi um casal de imigrantes italianos que veio para o Brasil em navio a vela, em 1872. Viviam em Baldano, Província de Trento. A travessia de Gênova a Vitória foi feita em 52 dias e a primeira filha do casal, nascida na Itália, teve por túmulo o mar onde foi lançada, com cerimônia simples e comovente

De Vitória, João e Domênica seguiram para Caldeirão, Santa Tereza, onde David Zanotti nasceu em 7 de maio de 1879. José, Tereza e Atilio eram os demais filhos de João e Domênica Zanotti.

João Zanotti transpôs a Serra e desbravou matas e deu início a colonização da região. Fixou-se no lugar atualmente ocupado pela igreja de Nossa Senhora das Graças, de Itaguaçu. Fez as primeiras plantações

A casa de João Zanotti era modesta. Tinha poucos vizinhos e o trabalho era árduo. Os centros comerciais ficavam distantes e os produtos da lavoura pouco valiam. Após as primeiras colheitas, voltou, porém, para Santa Teresa.

Mais tarde seu filho David, casado com Bárbara Dalleprane, compraria uma propriedade, em Boa Família, hoje Itaguaçu. Velha Fazenda! Solidão! Ermo! A viagem durou dois dias, em lombo de animais. Uma tropa levava mantimentos, os pertences e os móveis para a nova habitação. Estavam a 28 de setembro 1915. O casal trabalhou, prosperou e venceu. Educou os filhos. Um herói ao lado de uma heroína: David Zanotti e Bárbara Dalleprane.

Bárbara Delleprane nasceu em 01 de abril de 1881, no distrito de Treviso, na Itália, chegou ao Brasil com 14 anos. Era filha de Pedro e Augusta Delleprane. Que tiveram outros filhos: Antônio e Carlos. Vieram de Gênova para o Brasil em navio a vapor que trazia aproximadamente 2.000 emigrantes.

As famílias Zanotti e Delleprane viviam na localidade Caldeirão, Município de Santa Teresa.

David Zanotti e Bárbara Delleprane casaram-se em 1902. Em 1903 nasceu Helvécio, primeiro filho do casal e em 1905, nasceu o segundo filho do casal foi João. Roberto nasceu em 1907, Maria em 1909, Emílio em 1911, Isidoro em 1913, Augusta em 1915, Ana e Yolanda em 1925.

A casa da família de David Zanotti era simples e modesta com as características próprias da colonização italiana. Os moradores da região eram italianos ou filhos de italianos. Todos cultivavam a terra.

A Fazenda Boa Sorte foi adquirida de José Theodoro.

POVOAMENTO DO MUNICÍPIO

A imagem da Matriz de Nossa Senhora Medianeira de Todas Graças, refletida no Santa Joana, arquivo de família. Enviado por Regina Salaroli que assim escreveu na Revista de Itaguaçu, ano 28, junho 2010

A foto da igreja foi motivo de muita na cidade pelos itaguaçuenses que residem no Brasil e fora do Brasil. Realmente foi impressionante nos deparar com aquele cenário jamais visto em toda a nossa vida. Muita gente falou que foi montagem. Eu desafio quem não acredita de ir até a antiga olaria do Primo Sepulcri, atravessar o pasto e ir até a margem do rio Santa Joan. Só que tem de ser em janeiro, bem cedo, dia de sol, e a água do rio tem que estar limpa.



Localizado no vale do Rio Santa Joana, Itaguaçu começou a se formar por volta de 1875/1880, quando José Theodoro de Andrade abriu a fazenda Boa Sorte, no Córrego Sobreiro, afluente do rio Santa Joana, distrito de Itaimbé. A fazenda chegava até a Barra do Cafundó. Conta-se José Theodoro de Andrade nunca morou na fazenda que deixou com seu concunhado Antônio Coelho para administrá-la enquanto cuidava de seus outros negócios

José Theodoro de Andrade, vindo do Rio de Janeiro em companhia de Francisco José da Silva, adquiriu terras do seu cunhado José Vieira de Carvalho Milagres e abriu a fazenda Boa Sorte. José Theodoro mandou abrir uma picada⁹ até encontrar uma derribada já abandonada e situada às margens do rio Santa Joana. Construiu um pequeno pontilhão sobre o rio, uma pequena e tosca casinha e uma capelinha onde introduziu uma imagem esculpida em madeira, representando Nossa Senhora do Menino Jesus. Estava ali iniciando um povoado.

A primeira capela, uma construção de taipá, recebeu a imagem de Nossa Senhora com o menino Jesus, por volta de 1875 a 1880. É neste mesmo tempo, José Theodoro (Teodoro) de Andrade abre a fazenda Boa Sorte, no córrego Sobreiro, afluente do Santa Joana e deixa seu cunhado Antônio Coelho para administrá-la.

Em 1894, Francisco Vieira de Carvalho Milagres, irmão de José Vieira de Carvalho Milagres, fazendeiro no Guandu, faz sua primeira viagem a Europa em busca de braços para a manutenção de seus negócios. Chegou ao Rio no pacote Matteo Bruzzo junto com as famílias de Ângelo Binda, Ângelo Castiglioni, José Milani, Francesco Meneghi, Giovanni Marco Dal'Col, Gioachino Vicentini, José Milani, Francesco Meneghini, José Sala, que seguiram para o Guandu, transferindo-se muitas delas para o Santa Joana, ao redor das fazendas, onde o pasto era menos magro. Já nesta época José Theodoro, para contornar a falta de mão de obra, vai em busca dos italianos para trabalhar em suas lavouras, com a promessa de dias melhores. em 1891, José Theodoro de Andrade fora a Vitória para encontrar algum imigrante que entendesse de carpintaria. Achou-o na pessoa de Archangelo Cristofori que se instalou no Alto Sobreiro. Remeto o leitor à obra de Aristeu Sbardelotti, *Buona Famiglia*.

Sobreiro é árvore de grande valor comercial. Crescem em abundância nas vastas planícies alentejanas. Suas grossas cascas, depois de secas produzem a cortiça. Como os fluminenses pioneiros descendem de regiões alentejanas, é de crer que tenham eles batizados a região de Sobreiro devido a existência da citada árvore muito comum no Alentejo.

O povoamento desta região de terras quentes se deu primeiramente por migrações interiores principalmente fluminenses que vieram de Cantagalo. A expansão das fazendas ocupou vales e muitos descendentes dos primeiros migrantes espalharam-se pela periferia das antigas colônias, na vertente do rio Doce. Esta região de terra quente, muito mais vasta constituída pelos atuais municípios de Afonso Cláudio, Baixo Guandu, Itaguaçu recebeu mais tarde os germanos brasileiros que se encontraram no alto do vale do Santa Joana (Limeira, Jatiboca), depois rio abaixo (Palmeira, Itaimbé, Tancredinho) e os ítalo brasileiros que se estabeleceram no vale do rio Santa Maria, Ribeirão das Lages, baixo vale do Santa Joana (em direção de Itapina) e no vale médio (Itarana e Itaguaçu).

⁹ Picada é um atalho estreito, aberto no mato a golpes de facão.

Mais tarde, Anselmo Frizzera, imigrante italiano radicado na região, ao retornar de uma viagem que fez para visitar familiares que deixara na Itália, trouxe uma imagem de São José que doou para a capelinha do povoado. Em face da já existência de Nossa Senhora com Menino Jesus o povoado passou a ser chamado Nossa Senhora da Boa Família, depois Boa Família.



Vista antiga de Itaguaçu. Acervo amriasepulbecalli.jpg, enviado por Regina Salaroli

Em 13 de março de 1891, o distrito de Boa Família recebia os imigrantes que começaram a povoar a região.

Em 30 de dezembro de 1931, Boa Família passa a se chamar Itaguaçu e em 11 de novembro de 1938, em decorrência da Lei nº 938, Itaguaçu passa a ser considerada cidade.

Nesta época, a cidade de Itaguaçu foi descrita pelo Dicionário Geográfico e Histórico do Estado do Espírito Santo como uma cidade plana, sem calçamento servida por estrada de automóvel em todo o município, iluminada à eletricidade e possui água encanada.

A estação da Estrada de Ferro Vitória a Minas em Itapina é a estação mais próxima.

Em 1938, o Grupo Escolar Thiêrs Veloso tinha uma frequência média no ano de 1.234 alunos e em 24 escolas, a matrícula é de 2.212 alunos.

Itaguaçu é servido de uma agência de correios e o telefone estadual na comarca foi inaugurado em 16 de março de 1923 pela Lei nº 1363. a receita do município para o ano de 1920 foi fixada em 162:600\$000.

A primeira casa coberta de taboinhas lascadas pertenceu a João Bertoldo, filho de José Theodoro, que se estabeleceu com uma boa casa comercial.

Outras pessoas vieram para a nova povoação, construindo casa melhores: Sebastião Egydio Martins se estabeleceu com padaria e Trajano Ferreira foi o primeiro comerciante de secos e molhados.

Itaguaçu era distrito de Afonso Cláudio, mas estava ligado economicamente a Santa Leopoldina, devido ao escoamento da produção da região através do porto fluvial, aonde a mercadoria chegava por meio de tropeiros.

O distrito de Afonso Cláudio foi criado por lei provincial nº 24 de 17 de setembro de 1888 e pela Lei nº 01 de 16 de março de 1891, subordinado ao município de Santa Leopoldina.

Elevado à categoria de Vila com a denominação de Afonso Cláudio, pela lei estadual nº 53, de 20 de novembro de 1890, foi desmembrado de Cachoeiro de Santa Leopoldina.

O decreto nº 57 de 25 de novembro de 1890 (D.O. de 26/11/1890) que estabelece as sedes de novos municípios criados pelo artigo 8 das disposições transitórias da Constituição do Estado, cita o Município do Alto Guandu, que passará a se chamar Afonso Cláudio, constituído das freguesias do Guandu de cima e N. S. de Boa Família.

Pela lei municipal nº 01 de 16 de março de 1891, foram criados os distritos de Figueira e Boa Família anexados ao município de Afonso Cláudio.

Em 1893, o município de Afonso Cláudio era dividido em três distritos: Sede (Afonso Cláudio), Boa Família (hoje Itaguaçu) e Figueira de Santa Joana (hoje Itarana).

Pela lei estadual nº 978 de 28 de novembro de 1914, os distritos de Boa Família e Figueira são desmembrados do Município de Afonso Cláudio.

Como consequência do desenvolvimento econômico e o aumento da população, em 15 de março de 1890, foi criado o Distrito de Figueira de Santa Joana e em 16 de março de 1891, foi criado o Distrito de Boa Família.

Em 1921 passou a ser chamado de Itaguaçu¹⁰ que se deriva dos vocábulos *Ita* (pedra) *Guaçu* (grande) de origem tupi guarani e que se refere a uma grande pedreira próxima à Sede do Município.

A chegada dos pioneiros se deu em diferentes datas. Por toda parte onde se estabeleceram criaram nova paisagem. As regiões montanhosas do Espírito Santo que primeiro receberam os imigrantes: Domingos Martins e Santa Leopoldina.

De acordo com informações do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, os municípios com presença considerada de descendentes de imigrantes pomeranos são: Domingos Martins, Marechal Floriano, Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá, Afonso Cláudio, Laranja da Terra, Itarana, Itaguaçu, Santa Teresa, Baixo Guandu, Pancas, Vila Pavão, São Gabriel da Palha, Vila Valério, Nova Venécia, Colatina e Águia Branca.

A imigração italiana e alemã começou a partir de 1882. Os primeiros imigrantes italianos que vieram para o Município de Santa Teresa e os alemães que vieram para Santa Leopoldina passaram a povoar Itaguaçu escrevendo trajeto de crescimento do futuro município.

O Espírito Santo foi sacrificado para proteger as Minas Gerais dos inimigos de Portugal, por isso a ocupação do solo do Espírito Santo foi uma das mais tardias.

Porque a província ficava entre Salvador, a antiga capital, e o Rio de Janeiro, D. Pedro II achou por bem desenvolver também esta província com a chegada dos primeiros colonos alemães ao Brasil, fez criar a colônia de Santa Isabel e depois a Colônia Imperial de Santa Leopoldina

Em 1859, aportaram alguns milhares de pomeranos que, por se tornarem maioria absoluta entre os colonos, exerceu influência em toda a colônia de origem alemã no Estado, até a data de hoje. Ocuparam uma área que se estende da região serrana do estado até o norte chegando até Itaguaçu.

¹⁰ Foi encontrado também *pedra da Água Grande* como significado do vocábulo Itaguaçu

A cultura vai muito além da noiva de preto. Comidas típicas, mais mistérios sobre o casamento (que dura três dias), mandingas, tradições, história, verdades e mentiras sobre esse povo, tradição importantíssima para o desenvolvimento do Espírito Santo desde a chegada dos primeiros imigrantes, no século XIX.

Os Pomeranos são acusados de se isolarem, mas foram obrigados a isso durante a Campanha Nacionalista do Governo Vargas – 1938 a 1945, duramente perseguidos por serem considerados alemães.

Como consequência, enfrentaram a repressão ao uso da língua, fechamento de escolas, igrejas, alguns pastores foram presos, a proibição que o dialeto fosse falado em público, a pilhagem de bens materiais e a destruição das propriedades das famílias de descendentes, documentos destruídos, inscrições escritas em alemão apagadas nos epitáfios dos cemitérios.

Outras famílias povoaram o solo de Itaguaçu. Em documentos do Senhor Darcy Gasperazzo, encontramos:

Muitas outras famílias formaram o povo itaguaçuense: Binda, Brunow, Belotti, Broseghini, Castiglioni, Ceto, Corona, Caser, Costa, Corteletti, Cornaquiní, Costalonga, Dalcolmo, Demoner, Ferrari, Felício, Felix, Gasperazzo, Lambertti, Machado, Montibeller, Martinelli, Barbosa de Menezes, Nepomoceno, Pauli, Pedrotti, Piffer, Rosi, Sperandiu, Salviato, Valt, Vulpi, Zonta, Zunti, Zortea, Zanetti e os Zanotti.



Igreja de Santo Antonio de Itaqu – cantoria – 15/04/1949

1ª fila: Dário Gasperazzo, Jácomo Valt, Balin Corona, Benvindo Gasperazzo, Maximiliano Gasperazzo, Pe. Henrique, Romeo Paoli, Joanin Gasperazzo, Gentil Gasperazzo, Maximino Gasperazzo e Luiz Corona.

2ª fila: Inezita Corona, Dolinda Zortea, Mariquinha Gasperazzo, Dalila Gasperazzo e Clarinha Zortea.

3ª fila: Carmen Gasperazzo, Santinha Gasperazzo e Iraci Corona.

Em 1891 foi criado o Cartório de Registro Civil de Figueira de Santa Joana e em 29 de agosto de 1892 o de Boa Família e também as subdelegacias nos dois distritos. Em 14 de outubro do mesmo ano foi instalada a primeira Agência dos Correios de Boa Família.

Em 1877/1879, devido a grande estiagem que aconteceu no nordeste, milhares de cearenses invadiram o Espírito Santo. Foi um novo e grande problema para abrigá-los. A precariedade de instalações e das estradas aliadas a penúria dos irmãos cearenses, causaram grande preocupação aos governantes,

Penosa era a tarefa de recambiá-los para seus antigos lares mesmo depois de cessada a estiagem.

Alguns cearenses se instalaram nas imediações das fazendas que margeavam o Santa Joana e formaram núcleos que mais tarde seria batizado de São Francisco, hoje, Itaimbé.

Por volta de 1895, chegaram ao município de Itaguaçu os primeiros “luteranos”

Em 1902 foi fundada a Paróquia Evangélica Luterana de Palmeira¹¹, sempre ligada com a alfabetização do povo.

A criação do município de Itaguaçu¹² se deu através da Lei nº 978 de 28 de novembro de 1914.



No passado, exploradores e povoadores utilizavam rios como “caminhos naturais” ou “caminhos que andam”. Muitos rios tinham trechos bem navegáveis até por barcos a vapor, como o rio Doce. Hoje a navegação é feita praticamente só por canoas, devido estarem rasos e assoreados.

¹¹ O distrito de Palmeira teve início com a fazenda Palmeira de José Vieira de Carvalho Junior que faleceu em 20 de novembro de 1931 e foi sepultado em sua fazenda Palmeira. Jose Vieira de Carvalho Milagres Júnior fazendeiro em Cantagalo no Rio de Janeiro, era filho do Major José Vieira de Carvalho Milagres

¹² A denominação Itaguaçu surgiu no ano de 1921 e com ele veio a instalação da comarca, além da elevação da sede municipal à categoria de cidade.

Principais Festas¹³

*No meu tempo de mocinha
Eu não tinha ilusão
Morava na fazendinha
e vivia varrendo o chão.
Os bailes da redondeza
Eram a minha diversão.
A viola e o violeiro, certeza,
Alegravam a multidão.*

*Na igreja da cidade
Era a festa de São João
Dava mais felicidade.
Que o churrasco no galpão*

Itaguaçu foi formado por braços fortes de várias raças. Com ricas tradições e costumes variados. A herança do povo europeu está presente em danças italianas, costumes dos alemães que resistem e se renovam incorporadas aos costumes locais.

Na culinária uma variedade de pratos. Dos italianos temos: risotos, sopas e a famosa polenta; dos alemães podemos apreciar geleias, biscoitos caseiros, café colonial.

¹³ Disponível em < www.pm.es.gov.br/default.asp?pagina=7 > Acesso em 15/mar/2010

Por volta da década de 1940 muitos jovens estudavam fora. A moçada que estudava em Vitória voltava em férias para suas fazendas, em Itaguaçu e organizavam as confraternizações. A cidade ficava em festa. Cada fazenda recebia os amigos em reuniões:

Era jogo de futebol no fim de semana com comemoração das torcidas após a partida. Também muito concorrido o chorinho animava turma e levava todos ao arrasta-pé... Enquanto a sanfona gemia o povo cantava:

Abra a porta e a janela

Venha ver o que é que é...

Comia-se torresmo, biscoitos caseiros, e a tradicional broa de milho com café adoçado com rapadura, do bule do canto do fogão a lenha.

E a cantoria:

Meu bom dia, meu boa tarde

Ô de casa esteja a vontade...

Na casa do Darcílio ou na fazenda do Anízio sempre tinha festa.

Em todo baile de viola havia uma princesa escolhida que enfeitava casamento com rapazes das redondezas. Machucava corações mas os moços apaixonados não esqueciam a princesa até quando voltava para a cidade.

Naquele tempo chegaram as primeiras vitrolas com discos de vinil. Uma pessoa dava corda e a vitrola tocava. Apareceram as primeiras “bolachas” de Gardel.

As missas de domingo era festança na certa. Tinha leilão, barraquinhas e rifas.

Hoje, durante o inverno, é realizado o Concurso Leiteiro. No mês de setembro, é realizada a Feira Itaguaçuense das Culturas – FITAC, com a apresentação de manifestações culturais locais de influência indígena, africana, pomerana, alemã, italiana e portuguesa.

- Festa de Emancipação Política e Festa de São Braz, fevereiro
- Festa de São Bento, Março



Acervo amriasepulbecalli.jpg, enviado por Regina Salaroli



Itaguaçu, igreja antiga. Acervo amriasepulbecalli.jpg, enviado por Regina Salaroli

- Festa da Padroeira N. Sra. Medianeira de Todas as Graças, Maio

A coroação no mês de maio é uma solenidade da Igreja católica para homenagear a padroeira da cidade.

Os devotos da Virgem Medianeira de Todas as Graças fazem rezas, visitam outras paróquias, fazem carreatas revestidas de muita pompa. A novena é muito concorrida e termina com a Santa abençoando a cidade. Voltando para a Matriz encontra a Igreja cheia com fiéis por todos os lados para receber a Padroeira e assistir a coroação da Santa.

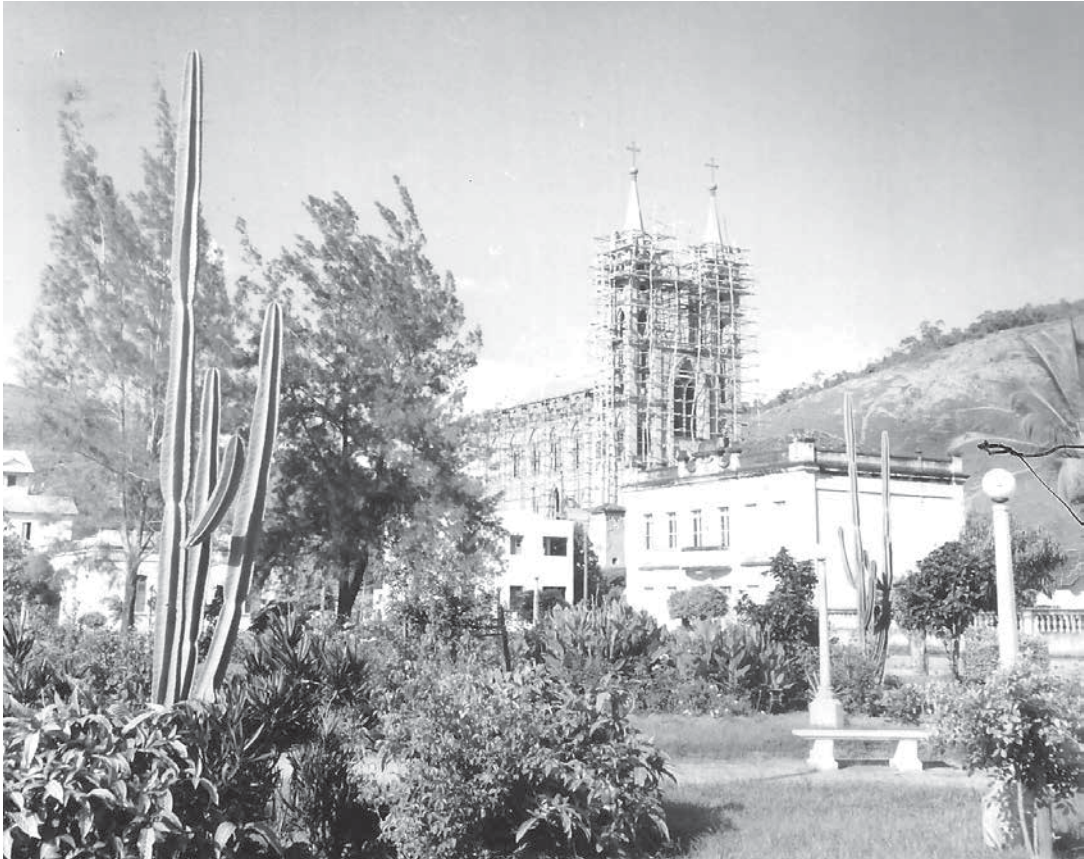
Crianças vestidas de anjos entram em procissão. Nas mãos levam muitas flores para ornar os pés da Santa.

Sob os olhares dos fiéis e com muita devoção um grande manto azul cobrindo a multidão. E os fiéis contritos, em oração, cobertos pelo manto azul da cor do manto da Santa em coroação.
- Festa de Santo Antônio e Festa das Paróquias e das Comunidades Evangélicas Luteranas de Paraju, Junho



Acervo amriasepulbecalli.jpg, enviado por Regina Salaroli

- O Concurso Leiteiro acontece anualmente entre os meses de junho e julho.
- Festa da Comunidade de Barro Preto e Festa de Santana, julho
- Festa Paroquial, Festa de São Roque e Festa da Colheita, agosto
- Festa de Nossa Senhora da Aparecida, e de São Francisco em Itaimbé, em outubro.
- Festa de Nossa Senhora de Fátima. Em Pontal, em maio.
- Festa de São Luiz.



No decorrer do ano, várias festas são realizadas no município, vários eventos culturais.

Os festivais de concertina, as celebrações ecumênicas, as apresentações diversas de alunos de escolas locais enriquecem o calendário cultural. A Tratoreta é um desfile das culturas sobre rodas, sobre tratores enfeitados ou em carros de bois puxados por animados boiadeiro, tudo, retratando e valorizando a riqueza cultural da região.

No período que precede o Carnaval, a comunidade mantém a tradição e o bloco carnavalesco do Zé Pereira, animado pela Banda de Música local, percorre as ruas da cidade. Tem como principais atrações o boi pintadinho, as mulinhas e os moradores fantasiados se divertem a som de marchinhas de antigos carnavais.

As festa juninas realizadas pelas escolas, igrejas e outras instituições, têm grande aceitação, pois, além das danças (quadrilhas, forró, dança das fitas) e o tradicional desafio do pau de sebo oferecem guloseimas características das culturas locais.

Por ser uma Igreja centenária, a Igreja de São Lázaro é visitada por peregrinos vindos de várias partes do Estado e até de outros estados. Sua festa acontece, anualmente, em fevereiro.

Muito religiosos, o município possuía dezenas de igrejinhas. Hoje elas estão abandonadas. Foram substituídas por grutas construídas em quase todas as fazendas.

Para preservar as tradições culturais dos povos que formaram a população de Itaguaçu (italianos, alemães, portugueses, africanos e indígenas) é realizada a Festa das Culturas – FITAC – com apresentação de grupos folclóricos locais e de outros municípios. Além das danças, barraquinhas com pratos típicos desses povos o Festival de Concertina atrai concorrentes de vários municípios capixabas. A FITAC está sendo considerada a maior festa da cidade.



Como forma de recuperar costumes e tradições grupos de danças formados por jovens se destacam. Alguns seguem costumes europeus e outros criam coreografias para homenagear a cultura afro. A África aparece no tom das danças do Hakunamattata e em ruas de paralelepípedos a sede do município a cultura prevalece em casarões e praças.



Itaguaçu enfeitada para a Festa das Culturas.

Eles têm mãos calejadas do trrato com a terra, elas em seus vestidos de chita e um lenço na cabeça desfilam pela cidades em seus carros puxados por bois.

Neste clima de festa desfilam com suas princesas para a escolha da rainha, trabição de longa data que não deixam morrer.

DAS IGREJAS E CAPITEIS



Primo Sepulcri, possuía uma olaria em sua fazenda. Foi ele quem forneceu todos os tijolos para a construção da Matriz.



O município possui capelas e pequenas igrejas cujas origens remontam do século XIX, construídas pelos imigrantes logo chegaram e organizaram suas fazendas. Em tais construções, apesar de recursos escassos, os primeiros habitantes que eram muitos religiosos dispensavam grande esforço na beleza da construção. Mesmo as construções mais simples o cuidado com a escolha do lugar, a proporcionalidade, o equilíbrio e a harmonia não foram esquecidos.

As capelas e igrejas de pequeno porte os “capitéis” como são chamados pelo povo, constituem grande riqueza cultural pela originalidade e pela importância para o ambiente social e político da época.

As festas ou encontros eram promovidos pela igrejas e realizadas sempre no pátio de uma delas



No início de 1925, lideranças de Sobreiro dirigiram-se às lideranças de Palmeiras solicitando que o pastor viesse quatro vezes por ano celebrar cultos e ministrar sacramentos na localidade. Em abril de 1925, foi celebrado o primeiro culto.

A capela, que também servia de escola, foi inaugurada no dia 29 de novembro de 1925



Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Sobreiro – 80 anos de história da Comunidade Luterana em Sobreiro – Itaguaçu





Divisa de Santa Teresa e Itaguaçu

O futebol de várzea, campinhos que toda comunidade patrocina, o jogo de bocha são atrações nas fazendas do município.

Muitos campos de futebol ainda estão em atividade mas as quadras esportivas nas escolas são os preferidos.

Símbolos de Itaguaçu

Bandeira



Hino



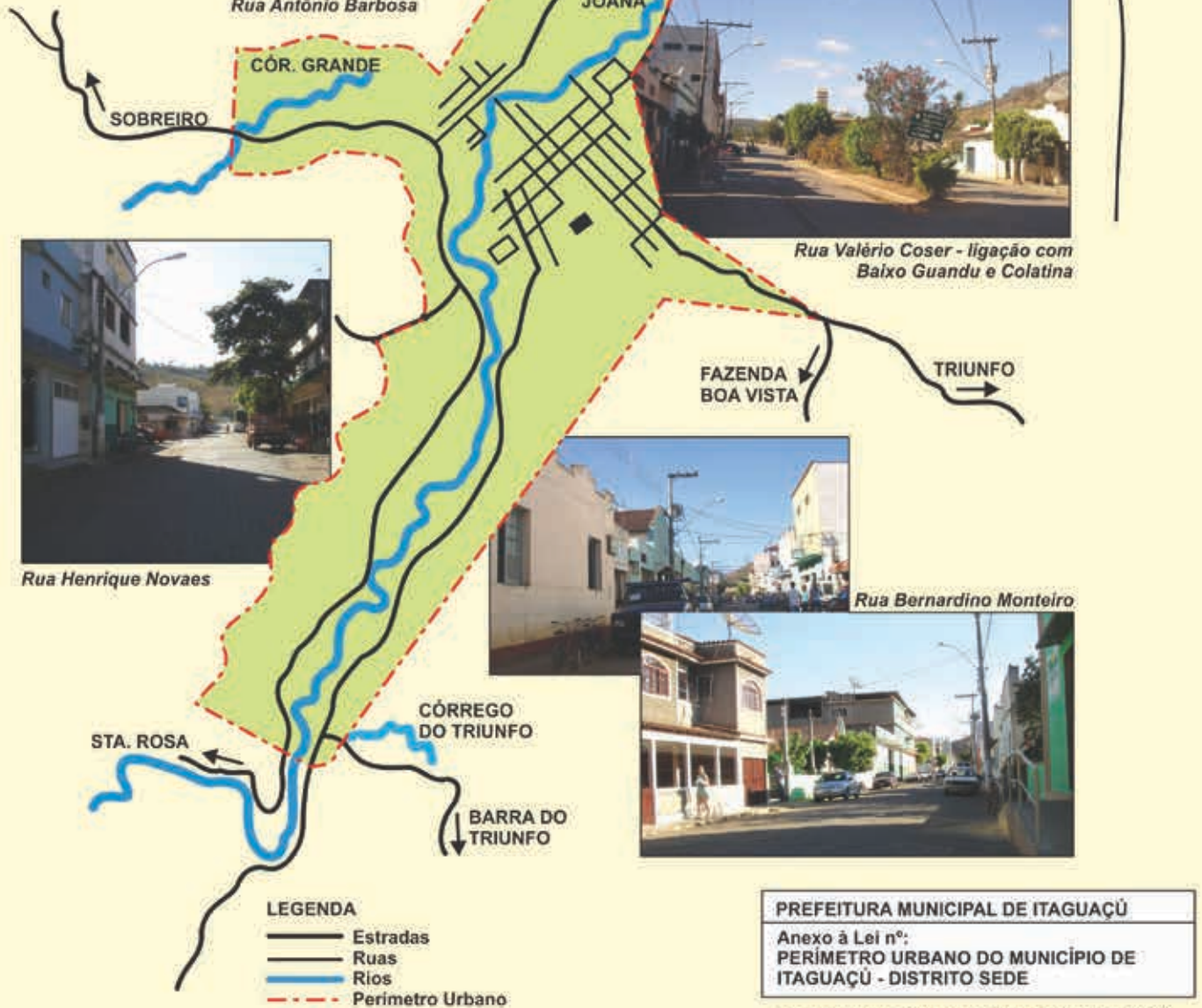
Avenida Bernardino Monteiro - Rodoviária



Avenida 17 de Fevereiro



Rua Antônio Barbosa



ITAIMBÉ

LAVRINHA

RIO SANTA JOANA

CÓR. GRANDE

SOBREIRO

Rua Valério Coser - ligação com Baixo Guandu e Colatina

FAZENDA BOA VISTA

TRIUNFO

Rua Henrique Novaes

Rua Bernardino Monteiro

STA. ROSA

CÓRREGO DO TRIUNFO

BARRA DO TRIUNFO

LEGENDA

- Estradas
- Ruas
- Rios
- Perímetro Urbano

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAGUAÇU

Anexo à Lei nº:
PERÍMETRO URBANO DO MUNICÍPIO DE
ITAGUAÇU - DISTRITO SEDE

Fonte: Equipe Técnica Núcleo Cidades/FCAA

Evolução Política do Município¹⁴

CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

Localização do município

Localização da Sede: Latitude de 19°48'10"S e Longitude de 40°51'24"W.

Dimensão: 522 km², que equivale a 1,14% do território estadual.

Limites: ao Norte com os municípios de Baixo Guandu e Colatina; ao Sul com Laranja da Terra e Itarana; a Leste com Santa Teresa e São Roque do Canaã e a Oeste com Baixo Guandu.

Altitudes: de 180 m na Sede, 1.220 m na região mais alta (Comunidade da Areia Branca) e 140 na região mais baixa (Pontal/Casa Branca).

Distância da Capital do Estado (Vitória): 137 km.

Aspectos históricos, populacional e fundiários

Histórico da colonização, etnia, costumes e tradições

Emancipação Política: Ato: Lei n° 978 de 28/01/1914. Desmembrado de Afonso Cláudio.

A colonização do município de Itaguaçu deu-se, principalmente, por alemães e italianos, com presença de africanos e portugueses.

¹⁴ Informações oferecidas pela Câmara de Itaguaçu em 20/02/2010.

Busquei diversas fontes verifica-se que o município inicialmente era conhecido como “Bôa Família” e foi criado pela lei municipal nº 1 de 16-03-1891, subordinado ao Município de Afonso Cláudio e assim aparece como divisão administrativa até 1911.

Em 1908, em documento do FIBGE, Itaguaçu era Boa Família e pertencia a Afonso Cláudio:

Nº	Nome do distrito	Sede	Número e data que foram criados
01	Afonso Cláudio	Cidade de Afonso Cláudio	Pela resolução nº 01 do Conselho Municipal de 16/03/1890
02	Figueira	Povoação de Figueira	Pela mesma resolução
03	Boa Família	Povoação de Boa Família	Pela mesma resolução
04	Laranja da Terra	Patrimônio de São Luiz	Pelo decreto Municipal nº 94, de 23/03/1901
05	Rio Peixe	Patrimônio de São José	Pelo mesmo decreto
06	Boa Sorte	Povoação de Boa Sorte	Pelo decreto Municipal nº 32 de 14/12/1896
07	Bom Jesus	Patrimônio de Bom Jesus	Pelo mesmo decreto
08	São Domingos	Patrimônio de São Domingos	Pelo decreto Municipal nº 80 de 18/03/1900

Doc. Fundação Jones Santos Neves.

Em 1911, o FIBGE divulgou os seguintes municípios de Afonso Cláudio:

1. Afonso Cláudio (sede)
2. Figueira de Santa Joana (Itarana)
3. Boa Família (Itaguaçu)
4. Laranja da Terra

Afonso Cláudio perdeu parte do distrito de Figueira de Santa Joana, do Distrito de Boa Família e de São Francisco pela Lei Estadual nº 978 de 28/11/1914.

Em 1914, a lei nº 978/14 cria o município de Boa Família, estabelece seus limites e autoriza a abertura de crédito para a respectiva instalação, com 3 distritos: Bôa Família, Figueira, e Paraju. Foi desmembrado de Afonso Cláudio em 1915.

Art. 1º – Fica criado um município que se denominará “Bôa Família”, com sede na povoação de Santa Joana, desmembrada do município de Afonso Cláudio.

Art. 2º – partindo da serra “Pellada”, no limite do districto da Cidade de Afonso Cláudio com districto de “Figueira”, por uma linha recta que vá até a mais alta cachoeira do Rio Santa Joana, acima da situação dos herdeiros de Manoel Pereira da Silva (vulgo Manoel Ilhéu) e dahi siga com a mesma direcção em linha recta até as divisas do município de Cachoeiro de Santa Leopoldina, ficando pertencendo ao novo município de Bôa Família todo o terreno por onde correm as águas do S. Joana da citada linha para baixo e ao de Afonso Cláudio todos os terrenos fora das linhas discriminadas.

Em 05-01-1917, é criado o distrito de Santana de Paraju.

Nos quadros de apuração do Recenseamento Geral IBGE de 01-09-1920 Itaguaçu é constituído de 4 distritos: Boa Família, Figueira, Santana de Paraju e São Francisco.

A lei nº 1307/21 dá novas denominações a diversas comarcas e alguns municípios do Estado:

*Art. 2º – Os municípios de Benevente, Linhares, **Boa Família**, Santa Izabel e Espírito Santo do Rio Pardo, passam a ter, respectivamente, a nova denominação de Anchieta, Collatina, Itaguassú, Domingos Martins e Moniz Freire.*

Em divisão administrativa de 1933, o município é constituído de 4 distritos: Itaguaçu, Figueira, Paraju ex-Santana de Paraju e São Francisco, assim permanecendo até em divisão territorial de 1937.

Pelo decreto estadual nº 9222 de 31 de março de 1938, o distrito de Paraju passou a denominar-se Santana de Queira Deus.

Pelo decreto-lei estadual nº 15.177, o distrito de São Francisco passou denominar-se Itaimbé. Sob mesmo decreto Figueira passou a Itarana e Santana de Queira Deus a denominar-se Itaçu ficando a vigorar até 1960, 4 distritos: Itaguaçu, Itaimbé, Itaçu e Itarana.

Em divisão territorial datada de 31-12-1960, Itaguaçu possui 3 distritos: Itaguaçu, Itaimbé e Itaçu.

Pela lei estadual nº 1910, de 13-10-1910, desmembra do município de Itaguaçu o distrito de Itarana, elevado à categoria de município.

O distrito de Palmeira é criado pela lei nº 533 de 15-12-1991, alterado pela lei municipal nº 758 de 28-08-1997, passando Itaguaçu a ter 4 distritos: Itaguaçu, Itaçu, Palmeira e Itaimbé, assim permanecendo.

O município de Itaguaçu possui uma área de 530 Km² dividida em quatro distritos: Sede, Itaimbé, Itaçu e Palmeira. Após a proclamação da República, o Espírito Santo fez sua primeira constituição estadual. O primeiro presidente de Estado eleito foi Muniz Freire que investiu na rede ferroviária e na infra-estrutura do Porto de Vitória.

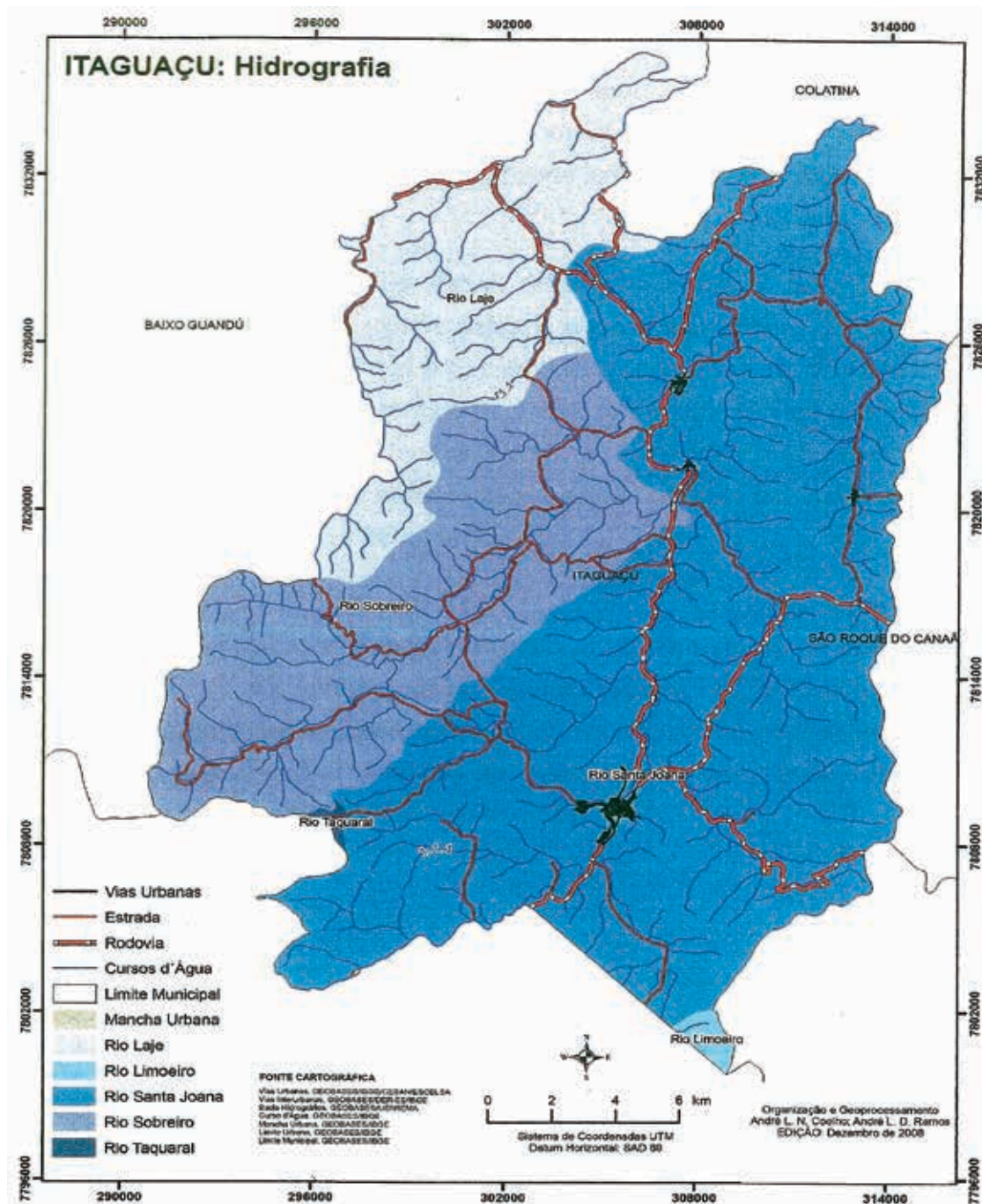
Caracterizado, predominantemente, por pequenas propriedades rurais em regime de agricultura familiar, onde é destacado o trabalho parcerias (meeiros) em lavouras de café.

A estrutura fundiária encontra-se assim distribuída:

Município	minifundio	pequena	grande		total
Itaguaçu	795	655	87	5	1.542

Fonte: Incra em janeiro de 2011

Mapa de Bacias, Sub-bacias e principais cursos d'água do município.



O regime fluvial dos rios que vertem no interior do território, de modo geral, acompanham a pluviosidade sendo marcado por dois períodos: um de cheia, com os níveis máximos ocorrendo nos meses de outubro a janeiro e um de vazante, a partir de julho, atingindo mínimas extremas nos meses de agosto e setembro (INCAPER, 2008).

Os rios da região, em Diagnóstico do Banco do Brasil, sobre Itaguaçu, servindo o Município com suas águas, temos: rio Santa Joana, rio Sobreiro, rio Laje, e córregos: Triunfo, Lajinha, das Flores, Paraju, Queira-Deus, Chaves, da Saudade, Pedra do Holandês, Arranca-Pau, Jetibá, Pontal,

São Francisco, Boa Esperança, Laranjal, Grande, Barro Preto, Santa Rosa, Bom Destino, Preguiça e seus incontáveis afluentes.

O bacia do rio Santa Joana irriga toda a região. Os vales do rio Santa Joana estão de 100 até 300 metros acima do nível do mar. Por toda a região desenvolve a exploração agrícola. O rio não é muito largo nem monstruoso, mas apresenta margens com vegetação abundante e o por do sol empresta-lhe beleza indescritível. Seus afluentes beneficiam as fazendas localizadas em suas margens O clima é tropical que se acentua no vale inferior do Santa Joana.

Os dez primeiros anos da República são descritos pelos historiadores como um período de acomodação ao novo regime, um período marcado pela ascensão oligárquica.

Até 1890, Itaguaçu pertencia a Santa Leopoldina. Santa Leopoldina foi o município de maior extensão territorial do Espírito Santo até 1890, quando parte de sua área foi desmembrada para chamada Comuna de Santa Teresa. Um ano depois, mais duas grandes áreas se desligaram para a formação dos municípios de Afonso Claudio e Itaguaçu.

Por volta de 1896, foi fundado o Diretório do Partido Republicano Federal no distrito de Boa Família sendo Antônio Martinho Barbosa o seu principal componente.

O Estado do Espírito Santo chegou ao século XX com poucas estradas, entretanto as vias férreas passaram a ser construídas em maior escala e o antigo sonho de ligação com Minas Gerais se fazia real com a estrada de ferro Vitória – Minas.

Itaguaçu continuava sem comunicação eficiente, mas com o início das atividades da estrada Vitória – Minas novas oportunidades surgiram e a estação do trem em Itapina colaborou com o progresso de toda a região

Em 28 de novembro de 1914 foi criado, pela lei estadual nº 978, o Município de Boa Família, estabelece seus limites e autoriza a abertura de crédito para a respectiva instalação que aconteceu oficialmente foi no dia 17 de fevereiro de 1915, ficando como Interventores nomeados, os Senhores Ernesto Martins Vieira e Francisco Barbosa de Souza. Era presidente do Estado o senhor Marcondes Alves de Souza¹⁵. Conforme consta em ata de instalação do município de 17 de fevereiro de 1915.

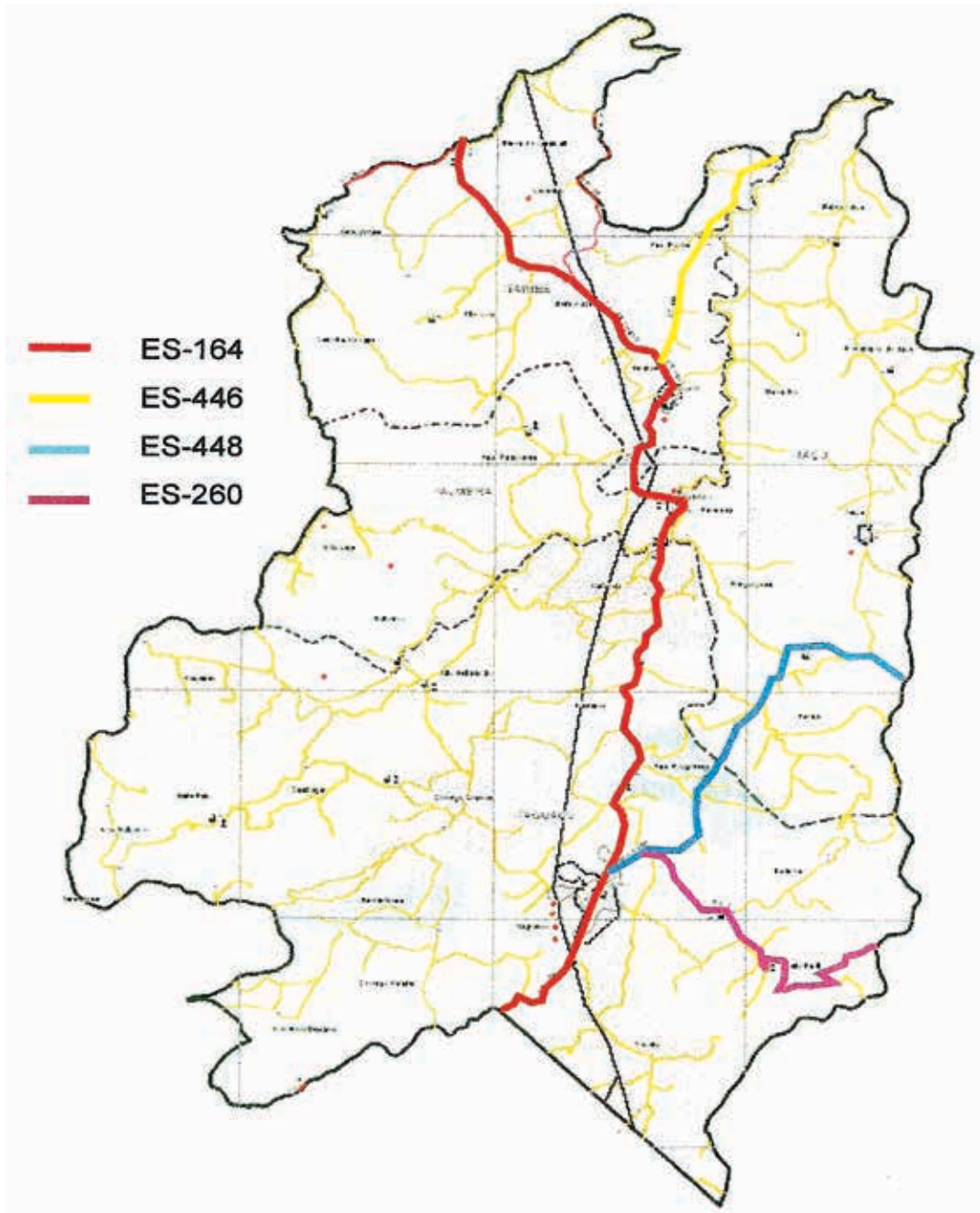
Segundo o artigo 2º desta mesma Lei, os limites do novo município são os seguinte: partindo da Serra Pellada, no limite do distrito da Cidade de Afonso Cláudio com o distrito de Figueira, por uma linha reta que vá até a mais alta cachoeira do Rio Santa Joana, acima da situação dos herdeiros de Manoel Pereira da Silva (vulgo Manoel Ilhéu) e daí siga como a mesma direção em linha reta até o município de Cachoeiro de Santa Leopoldina, ficando pertencendo ao novo município de Boa Família todo o terreno por onde correm as águas do Santa Joana da citada linha para baixo e ao de Afonso Cláudio todos os terrenos fora das linhas discriminadas.



Pinguela sobre o rio Sobreiro, afluente do Santa Joana.

¹⁵ Ata da Instalação do Município de Boa Família.

Principais Eixos Viários do município de Itaguaçu. Fonte: Equipe técnica do Núcleo Cidades / FCAA.



Como nasceram as cidade, do escritor Cícero Moaes, em 1954:

Passando por Santa Teresa, caminhando para o centro, encontramos, à margem do rio Santa Joana, a cidade de Itaguaçu, nascida em 1879, em pleno reinado do café. No vale do rio surgiram outros pequenos povoados, de sorte que não houve concentração em um só lugar. A topografia do município favoreceu o estabelecimento de uma satisfatória rede de estradas e caminhos de rodagem e estes não favoreceram a concentração da população, antes a dispersão.

Prefeitos

VICENTE PEIXOTO DE MELLO

O primeiro prefeito de Itaguaçu foi nomeado pelo Governo do Estado e se chamava **Vicente Peixoto de Mello**. Permaneceu no cargo até a posse do primeiro prefeito eleito, Coronel Antonio Martino Barbosa.

Em 1908, começou a se cogitar a emancipação do Distrito de Boa Família, apoiando-se Marcondes Alves de Souza ao governo do Estado. Eleito, Marcondes Alves de Souza cumpriu a promessa de campanha e nomeou Ernesto Martins Vieira e Francisco Barbosa de Souza para procederem a instalação do novo Município, realizada em 17 de fevereiro de 1915. A lei nº 978/14 que cria o município de Boa Família, estabelece os seus limites e autoriza a abertura de crédito para a respectiva instalação, assim dispõe:

Artigo 4º. O novo município fica obrigado a pagar uma quota anual ao município de Affonso Cláudio, que for previamente convencionada, da divisa que tiver contrahido o município de Affonso Cláudio.

Artigo 5º. A dívida a que se refere o art. 4º subtende-se aquella que tiver sido contrahida antes da votação da presente lei.

Artigo 6º. Os interventores que forem nomeados para installar o novo município ficam obrigados a conhecer e reconhecer as dívidas do município de Affonso Cláudio e a estabelecer a quota que deverá ser paga pelo novo município.

Artigo 7º. O território de "Boa Família", desmembrado do município de Affonso Cláudio, se limitará com o município de Linhares pelas divisas traçadas pelo art. 2º da lei nº 700 de 24 de novembro de 1910.

CORONEL ANTONIO MARTINHO BARBOSA – 1925



1925 – Primeiro Prefeito eleito
 1935 – Numa eleição bastante agitada, em 1935, foi eleito.
 1942 – Volta o **Coronel Antonio Martinho Barbosa**

*Movimento pela
 emancipação do
 Município.*



Foi realizada a primeira eleição municipal em 28 de fevereiro de 1915, sendo eleito o **Coronel Antonio Martinho Barbosa**, primeiro prefeito. e vereadores os Srs. Lucas Raposo Câmara, primeiro presidente da câmara, Dr. Paulo Vespasiano Vieira de Carvalho, José Colnago, Joaquim Olímpio Fonseca da Cruz e Augusto Celestino Barbosa, que apresentou o projeto de lei nº 1, cuja finalidade era a criação de quatro escolas municipais. Antônio Martinho Barbosa, mineiro radicado no distrito de Boa Família, elege-se vereador e posteriormente Presidente da Câmara Municipal, fazendo a maioria dos Vereadores. Estavam ao seu lado: Paulo Vespasiano Vieira de Carvalho, José Colnago, Padre José

Ernesto Leduque e Antônio Pinheiro Lacerda. Na oposição: Serafim Tibúrcio e Antônio Fernandes. Antônio Matinho Barbosa foi quem desmembrou o Distrito de Boa Família do Município de Afonso Cláudio, dando origem ao Município de Itaguaçu.

O Coronel Antonio Martinho Barbosa nasceu em Capelinha, Minas Gerais, em 20 de março de 1875. Filho de Augusto Barbosa Senna e Anna Soares Barbosa de Figueiredo, saiu de casa com alguns colegas aos 15 anos para tentar a vida. Chegou a Bahia, conheceu alguns lugares e de lá partiram em um barco a velas, vindo aportar em Vitória, Espírito Santo. Presume-se ter chegado entre os anos de 1894/1890

Por influência de parentes que residiam em Boa Família¹⁶, veio visitá-los e não mais voltou.

Em 1896, começou a se projetar na política, fundando o Partido Republicano Federal, no Distrito de Boa Família. Como principal figura do partido liderou a oposição ao Governo Estadual¹⁷, passou a combater a política de Afonso Cláudio.

Em 27 de janeiro de 1897, recebeu a “PATENTE DA GUARDA NACIONAL” assinada pelo Presidente da República Dr. Prudente José de Moraes Barros. Neste mesmo ano, casou-se com Isabel Leal de Andrade¹⁸, filha de José Theodoro de Andrade, o maior proprietário de terras em Boa Família, fundador do núcleo de povoamento e doou as terras onde hoje é a sede do município.

Antonio Martinho Barbosa ocupou o cartório de Registro Civil.

Elegeu-se Presidente da Câmara Municipal, fazendo a maioria dos vereadores. A política municipal continuou na oposição ao candidato Governo Estadual. Próximo às eleições, Marcondes Alves de Souza propôs ao líder de Boa Família, a criação do município em troca do apoio político. A proposta foi aceita.

Eleito em 14 de dezembro de 1914, Marcondes Alves de Souza fez cumprir de imediato a sua promessa, nomeando Ernesto Martim Vieira e Francisco Barbosa para procederem a instalação do novo município. Conforme ato realizado em 17 de fevereiro de 1915, os distritos de Figueira de Santa Joana e Boa Família foram reunidos pelo decreto nº 978 para formarem o município de Boa Família¹⁹.



No governo de Antonio Martinho Barbosa, Maria Amélia Barbosa de Menezes foi nomeada professora estadual para Itaguaçu.

Em 1926, Martins Barbosa casa-se pela segunda vez com Maria Monteiro. Deste casamento nasceram três filhos: Martinho Barbosa Filho, João Luiz Barbosa e Ana Maria Barbosa.

Coronel Martinho Barbosa, natural de Santa Cruz do Chapadão, Minas Novas, Minas Gerais, filho de Augusto Barbosa Senna e de Anna Soares Barbosa de Figueiredo, em 1915, com a esposa, **Senhora Isabel Theodoro Leal**, natural de São Fidelis, Rio de Janeiro, filha de José Theodoro Leal e Rita Maria Leal.

¹⁶ O colega que o acompanhou era Dario Coelho, irmão de Augusto Coelho, rico fazendeiro em Boa Família de quem Matinho recebeu toda ajuda e apoio. Augusto Coelho morava num casarão que depois foi vendido para Franz Herzog, que depois construiu um sobrado onde morou Anita Gomes de Souza.

¹⁷ No governo do Estado estava o Presidente Graciano dos Santos Neves.

¹⁸ Isabel Leal de Andrade (25/25/1877 – 01/10/19220). O casal teve apenas um filho que viveu apenas três dias.

¹⁹ Figueira de Santa Joana passa a ser distrito do novo município.

Em 1945, Antonio Martinho Barbosa candidata-se a Deputado Estadual, pelo Partido Democrata Cristão (PDC), liderado por Hilário Toniato, Antônio Botelho e Manuel Francisco Soares, Não conseguiu ser eleito, afastou-se definitivamente da política.

Entre as inúmeras obras realizadas em gestões frente a Prefeitura de Itaguaçu, algumas deixaram marcas para os tempos:

- A emancipação do município (1915) Decreto n° 987 (28/12/1914).
(Dia de Itaguaçu – 02/06/1957 – APEES, n° 6418, 6511, 6576, 6640, 6410)
- Coronel Marcondes Alves de Souza;

ATRATIVO CULTURAL



Edificação – Arquitetura Civil, Prédio da Prefeitura Municipal de Itaguaçu Localizada na Praça central da cidade, com acesso rodoviário totalmente pavimentado, com boa sinalização. Localizada na parte central da área urbana, na entrada da cidade,. A fachada continua intacta, com nova pintura, resguardando sua arquitetura original. Referências/ Documentos consultados: in loco.



Grupo Escolar Thiêrs Velloso (1932) Decreto n° 2.378 de 16/04/1932. Diário Oficial de 17/04/1932.

- Construção da Usina Hidroelétrica de Jetiboca (1931);
- Escotismo – Tropa de escoteiros “Araribóia” (1931);
- Projeto da Praça Getúlio Vargas²⁰.

A primeira Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Itaguaçu foi realizada no dia 29 de março de 1915. Na ocasião foram instaladas as Comissões Permanentes e apresentado o relatório (período 17 de fevereiro a 28 de março de 1915) da gestão dos Interventores Municipais.

Em 10 de abril de 1915 foi apresentado o projeto de lei nº 01 de autoria do Vereador Augusto Celestino Barbosa propondo a criação de quatro escolas no Município. O projeto foi aprovado por unanimidade, com emenda do Vereador José Colnago, que solicitou a criação de uma escola no local Sossego, distrito de Figueira.



Prefeito, vereadores e autoridades na festa de instalação do Município de Itaguaçu, em 17 de fevereiro de 1915

NORBERTO ENGERT MILWARD DE AZEVEDO

Em 23 de maio de 1918 foi empossado o novo prefeito eleito, o farmacêutico Norberto Engert Milward de Azevedo, que permanece no cargo até 1919 é eleito prefeito. Morador do povoado desde 1912. Norberto nunca deixou de atender a sua vastíssima clientela, substituindo perfeitamente o médico, em milhares de casos, por falta desse profissional.

Entre os prefeitos que mais se interessaram pelo ensino do Município de Itaguaçu, pode-se citar Norberto Engert Milward de Azevedo, que incentivou a instrução.

²⁰ Trabalho de Amanda Helena Woelffel Ferreira publicado em ITAGUAÇU em revista de set/1990.

Como prefeito criou 17 escolas primárias mantidas pela prefeitura, mandou traçar o mapa geral da futura cidade. Traçou o corte do Rio Santa Joana ladeado de avenidas arborizadas para proteção da cidade contra as frequentes enchentes e melhorou o bairro de Niterói, aterrando poças de lama, tornando-o habitável.

Quis fundar um ginásio. Naquela época na Sede do Município havia muitos homens cultos que seriam ótimos professores. Não foi possível. Não conseguiu número suficiente de alunos.

Em 1914, foi nomeada a primeira professora estadual, na pessoa de Maria Amélia Barbosa de Menezes, esposa de Alípio Barbosa de Menezes, Coletor Estadual de Itaguaçu.

Em agosto de 1919, devido a forte política existente, Norberto Engert Milward de Azevedo se afastou da Prefeitura passando a direção municipal para o Presidente da Câmara Municipal, João Barbosa de Menezes.

JOÃO BARBOSA DE MENEZES

1917 / 1919 a 1922



Em 8 de fevereiro de 1917, Presidente da Câmara, assumiu a prefeitura, substituindo o prefeito Vicente Peixoto de Mello. João Barbosa, filho de Fortunato Barbosa de Menezes e de Porcina Vieira de Carvalho Barbosa de Menezes, era bisneto do Major José Vieira de Carvalho Milagres, um dos fluminenses que partiram de Cantagalo, Rio de Janeiro, considerado profundos de Itaguaçu.

Transcrevemos o discurso de João Barbosa feito por ocasião da reestruturação do Diretório Partido Social Democrático porque nos dá preciosas informações sobre a sua gestão como prefeito de Itaguaçu:

Exm^o Sr Presidente do Diretório do Partido Social Democrático do Município de Itaguassú

Dr. Adhemar Mirabeau da Fonseca.

Desde que me tornei eleitor sempre fui filiado ao partido S.D; em, 1916, por força maior das circunstâncias e por motivos que evito demonstrar, a convite do então Presidente do Estado, Dr. Bernardino de Souza Monteiro, assumi a direção política do Município de Boa Família, antigo distrito de Afonso Cláudio e desligado daquela no Governo do Cel. Marcondes de Souza; neste posto (apesar das dificuldades que tive de enfrentar oriundas da agitação política por que tinha passado o Estado) permaneci naquele posto até o ano de 1928, quando me retirei para a vida privada logo após ter inaugurado o serviço de Luz e Força, até agora existente; um dos meus primeiros atos foi a mudança do nome de Boa Família para Itaguassú cuja resolução encontrei completo apoio da parte dos nossos congressistas. Se pouco fiz pelo progresso do Município, duas razões se justificam. A primeira em razão da sua renda insignificante e a segunda talvez por minha incapacidade administrativa.

Devo no entanto salientar que ao assumir a diretriz do Município não havia n'elle nem um só palmo de estrada de rodagem sendo o transporte de sua produção feito por tropas em estradas ruins para Cachoeiro de Santa Leopoldina; verificando essas dificuldades e sendo a estação de Porto Belo o nosso único meio de transporte pela estrada de ferro, trabalhei junto aos diretores d'aquella via férrea para nos dar um desvio na Barra do Ribeirão do Lage, o que, com muita dificuldade e com o auxílio da Associação Comercial, consegui, obrigando-me no entanto, a fazer a primitiva casa para o encarregado e 6 Kilômetros de estrada de rodagem até a Fazenda de Carlos Follador, até onde as tropas podiam chegar, em estradas que só os muares podiam passar; atendendo aquelle desejo e submetendo a todas as exigências da CIA, inclusive cumprir o desvio caso não fizéssemos o devido movimento prometido,atendendo todas essas exigências e, diante do movimento feito no primeiro ano, foi o desvio elevado a Estação. A estação, tornando-se, naquela época Estação de Primeira Categoria, pois tornou-se o escoadôro de todo o Município e parte do de Afonso Cláudio: verificando o então governo do Estado a vantagem de prosseguir a construção da rodagem que só vinha até Cachoeiro, ativou o prosseguimento da mesma com destino à Estação de Lage entroncando n'aquela pequeno trecho por mim construído ficando assim, depois de saber de Dr. Bello que não cederia a área que precisávamos para outro estabelecimento com armazém de compra de café e que a estrada a construir para aquella estação seria muito difficil em virtude da enorme serra a atravessar, resolvido o nosso meio de transporte.

Quanto as estradas vicinais, foram construídas a de Sobreiro partindo da Fazenda Boa Sorte até à fazenda de Célio Castiglioni na estrada tronco, a de Santana do Parajú e a de Limoeiro de Santo Antonio, ficando assim o município servido suficientemente de boas vias de comunicação; foi também criado e inaugurado n'aquela época o distrito de Sant'anna de Parajú cuja instalação foi feita com a minha presença festejada por aquelle povo laborioso; foi também criado no referido período a agência do Correio de S. Francisco, hoje Itaimbé, a comarca de Itaguassú, a coletoria Federal que teve como coletor Arlindo Milagres Ferreira e escrivão Sizenando dos Reis Pechincha, além de outros melhoramentos que torna-se-hia fastidioso numerar. Há 8 anos passado no entanto por instâncias de alguns amigos concerta na indicação do meu nome para prefeito cuja indicação foi barrada pela pessoa, que pela sua posição política, achou-se com esse direito; perguntado, no entanto por Dr. C. Lindenberg, então presidente do Estado, qual o motivo da sua recluzo, respondeu que era simplesmente para evitar fazer logo após nova eleição para o cargo, uma vez que eu estava desenganado pelos médicos: aqui estou ainda graças a Deus tendo sido agora a 22 do corrente, pela ocasião da restauração do Diretório e pela gentileza de V. Excia. distinguido com o posto de Presidente de Honra do mesmo.

Penhorado com tal distinção apresento minhas felicitações pela acertada escolha d'aquelles que eleitos irão gerir os destinos do município no próximo quadriênio. Despeço-me pois dos valorosos amigos depositando nas mãos de V.Excia o honroso posto que tão generosamente me distinguiu, querendo somente permanecer como simples eleitor do vosso partido, muito embora por lei tenha o direito de afastar-me também desse dever cívico. Reafirmo desejo é irrevogável.

Fazendeiro do Município de Itaguaçu, João Barbosa de Menezes era homem das letras e da cultura e foi ele quem construiu o cinema de Itaguaçu.

Transcrevemos uma peça teatral de dois personagens, a ele atribuída:

ELLA

*Eu tenho um certo capricho
Que não te posso ocultar
Gostei das tuas loucuras
O que me dá s'eu te amar?*

ELLE

*Dou-te o lugar que meu anjo
Lá no céu me prometeu
N'esta vida dou-te tudo
Mas, por Amôr de poeta
Irei feras combater.*

ELLA

*Não quero
No céu já tenho lugar
Responde mancebo louco
O que me dás s'eu te amar?*

ELLE

*Se mil vidas
Todas te dava em penhor
Hei de adorar-te prostado
Como se adora o senhor
Dar-te mil beijos por dia
Em paga do teu amor.*

ELLA

*Não quero d'esses presentes
Que me queres ofertar
Vê se acertas e responde
O que me dás s'eu te amar?*

ELLE

Dou-te a vida d'esta vida
 Dou-te o passado o porvir
 Ficarei qual servo humilde
 Toda a vida a te servir
 Seri um anjo na terra
 Sempre a te sorrir.

ELLA

Mancebo agóra que sei
 O que podes me ofertar
 Serei tua e só tua
 Toda vida te hei de amar.

Em sua mensagem de Governo, o Dr. Bernadino de Souza Monteiro, em 13 de setembro de 1917, se expressa sobre a Estrada do Lage:

Louvável tentativa do município de Boa Família para abrir uma estrada carroçável ligando a povoação de Figueira à sede do município e à Estrada de Ferro Vitória a Minas, encontrou embargos nos seus reduzidos recursos e na falta de amparo que esperava ter por parte do município de Linhares, que ia receber em seu território o maior percurso desta estrada e o benefício do desenvolvimento que a mesma lhe traria.

A Companhia da Estrada de Ferro Vitória a Minas, convicta das vantagens desta estrada, resolveu indenizar o município de Boa Família da quantia de 7:000\$000, que o mesmo havia despendido com a construção do edifício para a nossa estação da Barra do Lage.

Utilizando da autorização expressa da Lei nº 1.143, de 13/12/1917, despendeu o governo de 15:000\$000 com a aquisição de material telefônico para uma primeira linha ligando Santa Leopoldina, Santa Teresa, Boa família, Figueira e Afonso Cláudio.

Os anos 20 transformaram-se em um caldeirão em que ferviam revoltas anunciadoras de um novo Brasil que surgiria com a Revolução de trinta.

De agosto de 1919 a 1922 o Município esteve um período sob a direção de João Barbosa de Menezes presidente da câmara municipal.

No dia 30 de dezembro de 1921, por força da lei estadual nº 1307, o município passou à denominação de Itaguaçu.

O município permaneceu dividido administrativamente em quatro distritos até o ano de 1963, quando o distrito de Itarana obteve sua emancipação política.

Em relatório de Governo, Nestor Gomes, em 07/09/1922, relata que “... a grande baixa do café – nossa riqueza clássica [...] os preços atuais não compensam os sacrifícios dos agricultores.”

Ainda numa avaliação da carência de escolas no interior do Estado, afirma que “... o nosso mecanismo de educação, embora ainda não distribuído convenientemente [...] pelo número de escolas vagos no interior, a aversão do nosso professorado em exercê-la, seja pela dificuldade que elas apresentam, seja pela exiguidade dos vencimentos que percebem os

professores do magistério das zonas rurais... as escolas isoladas do interior são comumente mal localizadas e nunca podem ser submetidas a uma fiscalização regular e constante."

Numa avaliação otimista sobre a instalação de imigrantes em terras capixabas, diz "... a imigração que entrar, já encaminhada para as lavouras de café existentes nas muitas fazendas do Estado, conseguirá resultado melhor pois encontrará casa comida, uma lavoura de café para colher à meia e a porção de terreno que quiser para o plantio de cereais, independentemente de qualquer divisão do produto... ao fim de dois ou três anos o colono estará habilitado a comprar um lote de terras.

AUGUSTO CELESTINO BARBOSA – 1922

Augusto Celestino Barbosa era também Presidente da Câmara Municipal e governou o município em 1922.

Desde 1916, a jurisdição do município era na Comarca de Afonso Cláudio em 17 de março de 1923, foi criada pela lei nº 1363, a Comarca do Município de Itaguaçu, festivamente instalada em 20 de setembro do mesmo ano. O primeiro Juiz de Direito o Dr. Cassiano Cardoso Castelo, removido da comarca de Afonso Cláudio, pelo decreto nº 5623.

THOMAZ CÉGLIAS ABBADE – 1922 a 1924

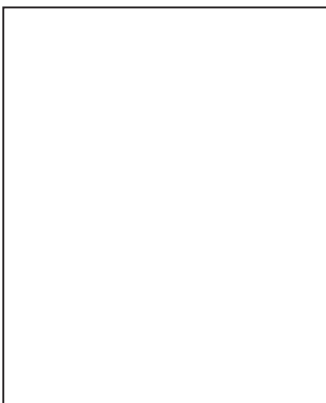


Em 1922 foi eleito Thomaz Céglia Abbade que governou até 1924.

Quando o Senhor Sebastião Egydio Martins assumiu a Prefeitura de Itaguaçu, era presidente do Estado o Dr. Florentino Avidos que tratou preferencialmente da exportação do café, e investiu na diminuição da influência do Rio de Janeiro nas exportações de café que o Estado produzia. Orientou a construção e conservação das estradas que faziam parte do projeto de aparelhamento do Porto de Vitória.

De 1924 a 1928, o Governo Municipal ficou nas mãos de diversos Presidentes da Câmara Municipal:

SEBASTIÃO EGYDIO MARTINS -1924



A religião sempre desempenhou papel decisivo na formação dos jovens como também foi decisiva para a integração dos membros da comunidade. A construção de Igreja de Itaimbé (ex São Francisco) no município de Itaguaçu (ex Boa Família) dedicada a São Francisco teve início em 1924, graças ao empenho e dedicação da Sociedade formada pelos habitantes da localidade que promoveram festas, leilões de prendas.

DR. ROSENDO SERAPIÃO FILHO – 1924 / 1926



Por volta de 1926, abriu-se a estrada entre Figueira de Santa Joana e Santa Teresa, ampliando assim o movimento rodoviário.

DR. ROSENDO SERAPIÃO FILHO – 1927

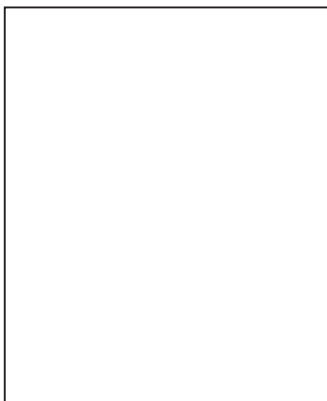
Realizações:

Por volta de 1926, abriu-se a estrada entre Figueira de Santa Joana e Santa Teresa, ampliando assim o movimento rodoviário.



Em 1928, com as Professoras Amanda Leite da Cunha e Maria Amélia Barbosa de Menezes, começou a funcionar a Escola Isolada “Thières Velloso”

JOÃO SCÁRDUA PRIMO – 1926 a 1927



THOMAZ CÉGLIAS ABBADE – 1928 a 1930

A partir da vigência da República, em 1889, a associação entre liberalismo e os costumes oligárquicos deu livre curso no Brasil às fraudes eleitorais, destacando-se a pequena participação da população.

Em 1912, o governo de Jerônimo Monteiro editou uma carta geográfica que vigorou até 1930 porque a tentativa de nova carta geográfica elaborada posteriormente foi engavetada devido à qualidade deplorável dos dados coletados. Constava nela a expressão terrenos desconhecidos para as terras que cobriam toda a superfície que abrange o noroeste do Estado.

Nesta época, quanto à mão de obra existente no campo, suas relações de trabalho foram mantidas intocadas e as escolhas políticas eram feitas por grupos restritos. Facções políticas oligárquicas lutavam entre si pelo controle dos respectivos aparelhos regionais.

Em 1928 é eleito para Prefeito Municipal, Thomaz Céglia Abbade que governou até 1930.

Os anos 1930 foram marcados por forte instabilidade e acalorados debates políticos.

Em 15 de julho de 1933, com grande pompa e a presença de autoridades local, foi fundado o Nacional Futebol Clube. Com estrutura planejada e executada por equipe de alto gabarito e integrada por cidadãos da comunidade, o Nacional se desenvolveu atividades esportivas e sociais de grande importância para a vida da cidade.

Devido à política em torno da eleição para Presidente da República, se formaram duas correntes no Município. A do governo compostas por João Barbosa de Menezes, Manoel Monteiro de Souza, Dr. Rosendo Serapião Filho, Franz Herzog, Joaquim Gomes Ferreira, Antônio Domingos dos Reis, Antônio Epaminondas Barbosa. A oposição era formada por Antônio Ribeiro Venâncio, Arlindo Milagres Ferreira, Cisenando dos Reis Pechincha, Lino Paoliello, João de Oliveira Cunha, Antônio Gomes Ferreira, Thomas Espiuca Cardoso, Tobias Farias Leite, Antônio Martim Barbosa, Cícero Melo e outros.

A revolução de trinta, a “Grande Depressão”, iniciada com a falência da Bolsa de Valores de Wall Street, se disseminou pelo mundo provocando uma queda substancial no comércio internacional. Pressionado pela crise, o preço do café despencou e a economia brasileira sentiu toda a extensão da crise.

A história política do município relativa ao período está por ser escrita. Sem expressão na esfera estadual e a falta de representatividade nas esferas de poder a política municipal girava em torno dos interesses das oligarquias locais.

O Espírito Santo, fiel ao Governo Central, é invadido por três colunas revolucionárias: a de Magalhães Barata, pelo sul, a de Campos do Amaral e a de João do Calhau, que penetrariam por Minas Gerais. Depois de um combate no Guandu, as tropas capixabas refluem para Vitória, para melhor defendê-la

Coube a vitória ao Governo, Antônio Martinho Barbosa declarou adesão ao Governo fato que o levou novamente à Prefeitura de Itaguaçu, em 1931 e permaneceu até 1935.

Em 1932, em 14 de maio, o Dr. Luiz Thiers Velloso cria a escola que leva o seu nome.

Em 1957, o ginásio de Itaguaçu foi transformado em Colégio Estadual e Escola Normal Itaguaçu. (foto a seguir)



Nesta época a vida política passou a agitar-se, infiltrando-se no Município novos partidos. Antônio Venâncio organizou o Diretório do Partido de Aliança Libertadora sendo seus principais elementos Antônio Ribeiro Venâncio, Antônio Rodrigues dos Reis, Procópio Rodrigues dos Reis, Joaquim Leal, Joaquim Gomes Ferreira.

Devido a rivalidades entre Ricardo Bucher e Antônio Martinho Barbosa, foi organizado, em Pontal (distrito de Itaimbé), o diretório do Partido Integralista, cujo chefe era o farmacêutico João Rebuzzi. As reuniões eram realizadas no pátio da residência de Ricardo Bucher.

Ao mesmo tempo surgiu o Diretório Municipal do Partido da Lavoura, representado por João Barbosa de Menezes, José Corrêa Netto, Dr. Adhemar Mirabeau da Fonseca, Dr. Odilon Castelo Borges e Joaquim Gomes Ferreira.

Em 1939, Itaguaçu tinha 19.476 habitantes distribuídos em uma superfície de 800 Km². Mas ainda era real o vazio demográfico em toda a bacia do Santa Joana.

Fernando Achiamé em **O Espírito Santo na Era Vargas** – elites políticas e reformismos autoritário:

No que se refere à apropriação e uso da terra, o Estado desenvolveu uma política que facilitava a legalização da posse. Em todo Estado, nas grandes fazendas, predominava a agricultura familiar.

11 de dezembro de 1938 – O distrito de Santana de Queira Deus é elevado à categoria de vila com o nome de Itaçu.

Não houve eleições durante o governo de Getúlio Vargas, Antônio Martinho Barbosa ficou na Prefeitura até 1941 quando entregou o governo a seu cunhado, Manoel Monteiro de Souza.

MANOEL MONTEIRO DE SOUZA



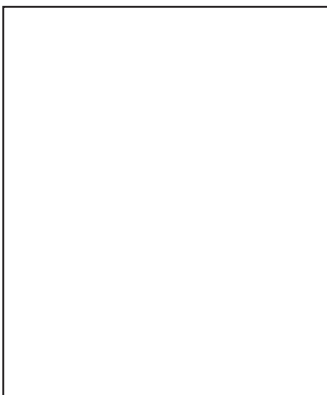
Era casado com a Sr^a Mariazinha, nasceu a 22 de novembro de 1903, em Alfredo Chaves – ES e veio para Itaguaçu por intermédio de Cel. Antônio Martinho Barbosa, ocupando um cargo na oficina do mesmo.

Foi vereador, vice-presidente da Câmara Municipal de Itaguaçu. Em 1941, ocupou, por três meses, a Prefeitura Municipal de Itaguaçu e substituiu a seu cunhado, Cel. Afonso Martinho Barbosa

Construiu a praça jardim de Itaguaçu. Depois deste período como prefeito, voltou às suas atividades como Tabelião do Cartório do Primeiro Ofício, função que exerceu até se aposentar. Organizou e implantou a Cooperativa de Laticínios dos Produtores de Leite de Itaguaçu Ltda.

Na festa Concurso Leiteiro de 1979 foi agraciado com título de Cidadão Itaguaçuense.

ÁLVARO DA MATTA



Em 1943, Martinho Barbosa foi substituído pelo farmacêutico Álvaro da Matta que é nomeado e que por motivo de residência, se afastou em 1944.

DR. ADHEMAR MIRABEAU DA FONSECA



Com o afastamento de Álvaro da Matta, foi nomeado o Dr. Adhemar Mirabeau da Fonseca que governou o Município até 1947, com algumas interrupções (no governo Linhares a administração do município permaneceu sob a direção de Juízes de Direito.

Dr. Adhemar Mirabeau da Fonseca foi excelente administrador e deixou a Prefeitura Municipal em ótimas condições financeiras.

EPAMINONDAS PIMENTEL

Em 1946, Dr. Adhemar Mirabeau da Fonseca foi substituído por Epaminondas Pimentel.

JOÃO DE OLIVEIRA CUNHA



Consta em Ata da Câmara Municipal de Itaguaçu, livro 16, de 31 de janeiro de 1948, posse no cargo de prefeito.

Presente o M.M. Juiz Eleitoral desta Zona Dr. Carlos Soares Pinto Aboudib que anunciou, que de acordo com o parágrafo 1º do artigo 2º da Resolução nº 15, 09/12/1947, do Egrégio TER, o Senhor Ademar Mirabeau da Fonseca, para na qualidade de vereador mais votado prestar compromisso: “Prometo cumprir a Constituição Federal e a Estadual, as leis e desempenharei o mandato que me foi confiado no interesse do bem comum, comprometendo-se, cada um dos vereadores.

João de Oliveira Cunha, prefeito eleito, em 19 de janeiro de 1947 pelo PSD, presente à solenidade, proferiu juramento:

Prometo amor e dedicação ao meu município, ao seu bem estar, manter sua autonomia Constitucional esforçando para que ele contribua com a sua prosperidade para o engrandecimento do Estado e da República e devolvendo minhas funções ao povo, logo que não puder desempenhá-las condignamente.

Secretariou e lavrou a Ata de Posse dos Vereadores municipal de Itaguaçu, o Senhor Hilário Toniato (livro 16, pg. 3).

No seu mandato foi iniciado o Serviço de Água, instalado o telégrafo, na sede e em Itarana. Melhorada a Usina Hidroelétrica, estendida a rede de Força e Luz para Toniato & Cia em Socêgo. Construiu 35 pontes e as estradas de Alto Limoeiro, Alto Taboca, Franz Stuhr, Bom Destino, Paraju e Sobreiro (Davizinho Zanotti). Foi melhorado o jardim da Sede com a colocação de bancos em feita a praça da Igreja Matriz de Itarana e feitos os muros dos cemitérios da Sede e de Itarana.



Em Itaguaçu a Empresa Tristão representou grande avanço no desenvolvimento do município e se une à história do Café no Brasil. O grupo empresarial foi fundado no município de Afonso Cláudio, no dia 23 de fevereiro de 1935 por José Ribeiro Tristão, pai do empresário Jônice Tristão, atual presidente do Conselho de Administração. No ano seguinte A Casas Misael

de Itaguacu era estabelecimento comercial onde José e sua esposa, Eunice, aceitavam sacas de café como moeda de troca na comercialização de alimentos, implementos agrícolas e até tecidos e produtos de armarinho – é um símbolo do empreendedorismo e da responsabilidade social.



Assinatura de convênio APEES. À esquerda, João de Oliveira Cunha, Prefeito de Itaguacu. Ao centro, Hilário Donato (Deputado Estadual).

Em 1949, Vitôr Zamprogno e seu filho José, ambos cirurgiões dentistas, organizaram o diretório do Partido de Representação Popular. Na reunião de 05 de novembro de 1949, ficou assim constituído:

Presidente – Dr. Luiz de Sá Rêgo
 Vice presidente – João Rebuzzi
 Secretário – José Zamprogno

O partido Trabalhista do Brasil ficou assim representado: Dr. Lauro Calmon Nogueira da Gama, Antônio Botelho, Antônio Bicalho de Souza, João Bento de Aquino e Souza, Clemente Baldotto, Waldemar Delboni, José Bergamo, Neris Trento, Adalberto Gonçalves, João Camilo Gerlim, Geraldo Herzog, Dario Barbosa Cestari.

Outras melhorias:



Escola Pública Paulo Binda



Escola Rural Paulo Binda



(Escola Rural "Pontal" – 16/06/1950 – APEES, nº 1729)



(Escola Rural "Córrego Grande - Itaimbé" – 14/06/1950 – APEES, nº 1730)



(Escola Rural "Itaçu" – 18/06/1950 – APEES 1731) na propriedade de Valério Frechiani, importante político e agropecuarista.

JOÃO DE OLIVEIRA CUNHA – 31/01/1959

Algumas Melhorias:

- Iniciou o Serviço de Água;
- Instalação do telégrafo em Itaguaçu e Itarana;
- melhorias na Usina Hidroelétrica;
- extensão da rede de Força e Luz para Toniato & Cia, em Sossego;
- construção de 35 pontes;
- estradas para Alto Limoeiro, Alto da Taboca, Franz, Bom Destino, Paraju e Sobreiro;

Melhorias nos jardins da sede:

- construção da praça da Matriz;
- muros nos cemitérios de Itaguaçu e Itarana.



Assinatura do Convênio para a construção do Serviço de Água em diversos distritos de Itaguaçu – 27/05/1960 – APEES nº 9568



Vista do prédio do Ginásio de Itaguaçu (em construção) 15/01/1961 – APEES, nº 671, série A

Em 1960, o Estado promoveu a erradicação dos cafezais. 180 milhões de pés de café foram sacrificados.



Ginásio de Itaguaçu em 18/12/1961 – Eurico Sales – APEES – nº 5807

DR. EMÍLIO ROBERTO ZANOTTI



O Doutor Emílio Zanotti, nasceu em 30 de agosto de 1911. Filho de David Zanotti (o7/05/1879) e de Bárbara Delleprani (1881, na Itália).

Em 03 de outubro de 1951, a UDN elegeu para prefeito o **Dr. Emílio Roberto Zanotti**²¹. No seu mandato foi construído o Posto de Higiene de Itaguaçu, terminado o Serviço de Água das sede e de Itarana. Foi melhorado o serviço de água de Itaimbé e instalada a luz a motor de Itaguaçu. O jardim da Sede foi embelezado com novos postes de cimento para a iluminação. foram abertas as ruas nos fundos do Grupo Escolar Thiers Veloso e aumentadas as estradas de Alto Jatiboca e Alto Limoeiro e feitas a do Córrego Grande a Cinco Pontões, Alto Sobreiro, Recreio, Laranjal, a Baixo Guandu e Pontal a Colatina. Criou diversas escolas primárias.

Ata da Câmara Municipal de Itaguaçu, 03 de fevereiro de 1951, posse do prefeito Municipal Senhor Emílio Roberto Zanotti para o quadriênio 1951/1954:

Com a palavra o prefeito recém empossado traçou em linhas gerais o programa de sua administração, tendo também palavras sobre a lisura do pleito ultimado, assim como da situação mundial ameaçada no momento pelos elementos antidemocráticos, lembrando ainda aos novos vereadores da casa o encargo que lhes pesam na administração municipal, tendo, ainda palavras de congratulações com a Justiça eleitoral pela lisura das eleições, terminando agradecendo ao povo em geral a sua posse, de cujos compromissos prometeu desobrigar-se com carinho e zelo.

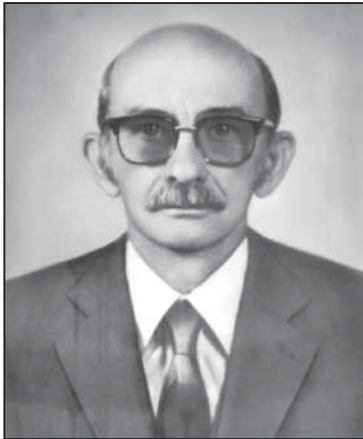
Em 21 de setembro de 1952 foi fundado o Ginásio Itaguaçu por um grupo de abnegados que organizaram, zelaram pelo funcionamento e se responsabilizaram pela manutenção moral e financeiro da instituição²²

²¹ Em 1928, Emílio Zanotti ingressou no Ginásio São Vicente de Paulo. Terminado o curso secundário em 1931, Emílio Zanotti seguiu para o Rio de Janeiro, onde conseguiu obter classificação para se matricular na Escola de Medicina.

²² Em 1957, sendo nomeado para Secretário de Educação e Cultura Emílio Roberto Zanotti conseguiu transformar o Ginásio Itaguaçu no Colégio Estadual e Escola Normal de Itaguaçu.

HUMBERTO BIASUTTI

31 de janeiro de 1954



Humberto Biasutti, filho Leopoldo Biasutti e de Assumpta Tauffer, imigrantes italianos, nasceu em Santa Tereza, Estado do Espírito Santo, em 14 de julho de 1921.

Em 1951, já casado com Cléa Soares Biasutti, foi transferido de Afonso Cláudio para Itaguaçu onde ocupou o cargo de Gerente da Casa Misael de José Ribeiro Tristão.

Em 1954, foi convidado pelo então prefeito o médico Dr. Emílio Roberto Zanotti para concorrer como candidato a prefeito de Itaguaçu.

Em 31 de janeiro de 1954, a UDN elegeu Humberto Biasutti para prefeito. Foi empossado no cargo no dia 08 de novembro do mesmo ano.

Incansável na sua administração aterrou ruas e abriu outras na Sede e nos distritos. Calçou grande trecho da principal rua de Itaguaçu e mandou preparar paralelepípedos para fazer o calçamento em Itarana. Construiu e recuperou pontes e estradas. Terminou o serviço do novo cemitério na Sede. Surgiu grande número de novas construções, entre as quais se destaca a Igreja Matriz de Itaguaçu.

Nesta época, segundo o Decreto Lei nº 18, o município de Itaguaçu era constituído dos distritos de Itaimbé, Itarana, e Itaçu.

Na administração Humberto Biasutti houve pavimentação com paralelepípedos das duas ruas principais de Itaguaçu e da principal rua de Itarana.

Uma das preocupações do novo prefeito com a saúde pública e o atendimento médico hospitalar gratuito adotou a distribuição de remédios à população mais carente.

A Praça Getúlio Vargas, praça central de Itaguaçu, foi reestruturada com instalação de bancos em concreto, arborização dos jardins, melhoria na iluminação e instalação de bombas. Muitas pontes foram construídas em todo o município.

Nesta época a coleta de lixo era feita em carroça puxada por burro e passou a ser feita diariamente, de casa em casa estendendo o serviço também para Itarana.

O serviço de saneamento básico e o de iluminação pública foram ampliados. Em Itaguaçu e em Itarana os postes de iluminação das ruas foram substituídos por outros mais altos que permitiam uma iluminação mais eficiente.

A nova cadeia foi construída, um prédio com instalações seguras e dentro das normas de segurança vigente na época.

A administração Municipal sempre esteve presente e participava de empreendimentos promovidos pela comunidade

Em 15 de junho de 1956, foi inaugurado o Cine Esperança de propriedade do Sr. João Barbosa de Menezes, cujo edifício está situado em frente ao jardim da praça central de Itaguaçu. Funcionava com dois projetores fixos e possuía luz própria movida a motor.

No dia 05 de maio de 1956, jogo inaugural do Estádio Aniceto Frizzera com capacidade para 3.000 espectadores. O estádio pertence ao Nacional Futebol Clube fundado em 1933.



Construção do campo de futebol do Nacional Campo de futebol visto do morro da caixa d'água

O Teatro Paroquial de Itaguaçu, fundado em 15 de novembro de 1957, tem por finalidade despertar e divulgar a cultura da região e participar das festividades do município.

Outras melhorias:

(Escola Rural "Paulo Binda" – 12/06/1956 – APEES – nº 1728)

Em 1958, o Sr. Salomão Índio do Brasil iniciou a Escola Dominical de Orientação Presbiteriana do Brasil.

DEMÓCRATES FRIZZERA COELHO

31/01/1963

A lei nº1919/64, anexo 2 do artigo 2º, registra as divisas do município de Itaguaçu:

1) Com o município de Colatina:

Começa na foz do córrego Chaves no rio Laje; sobe por este até a sua cabeceira; segue por divisor de águas até a pedra do Holandês; segue em linha reta até o ponto mais próximo do rio Santa Jopana; segue por este até a foz do córrego da Onça; segue pelo Dior de águas da margem direita do córrego da Onça até encontrar o divisor de águas entre as bacias dos rios Santa Joana e Santa Maria do Rio Doce, na divisa com o município de Santa Tereza.



2) Com o município de Santa Tereza:

Começa onde termina a divisa com o município de Colatina; segue pelo divisor de águas entre bacias dos rios Santa Joana e Santa Maria do Rio Doce, denominado sucessivamente serra do Queira Deus, serra de Santa Joana e serra do Limoeiro, até o pico denominado Pedra do Alegre, na divisa com o município de Itarana.

3) Com o município de Itarana:

Começa onde termina a divisa com o município de Santa Tereza; segue por uma linha reta a com do córrego Bom Destino, no rio Santa Joana; sobe pelo córrego Bom Destino até a sua cabeceira, na serra dos Pontões na divisa com o município de Afonso Cláudio.

- 4) Com o município de Afonso Cláudio:
Começa na cabeceira do córrego Bom Destino, onde termina a divisa com o município de Itarana; segue pelo divisor de águas entre as bacias dos rios Santa Joana e Guandu, denominado serra do Bananal e serra de Santa Joana, até o ponto onde entronca o espigão que divide as águas dos Pontões e Santa Rosa (ambos afluentes do rio Guandu), na divisa com o município de Baixo Guandu.
- 5) Com o município de Baixo Guandu:
Começa no ponto onde termina a divisa com o município de Afonso Cláudio; segue pelo divisor de águas entre as bacias dos rios Guandu e Santa Joana, denominado serra do Sobreiro, até a nascente do rio Laje; desce por este a foz do córrego Chaves, na divisa com o município de Colatina.

Em 06/05/1988 foi criado o município de Laranja da Terra desmembrado do município de Afonso Cláudio. A publicação em Diário Oficial do Estado aconteceu no dia 10/05/1988.

DEMOCRATES FRIZZERA COELHO

31/01/1977

Dr. Demócrates era Clínico Geral, Cirurgião, com especializações em ginecologia e obstetrícia. Doutor Domócrates Frizzera Coelho (CRM-ES 112), muito humano, atendia no Hospital Nossa Senhora da Boa Família, em Itaguaçu.



Casarão em Palmeira, onde nasceu Dr. Demócrates Frizzera. É fundador da Revista de Itaguaçu e participou de todas as edições da revista.

Ruas de Palmeira, onde nasceu Demócrates Frizzera





Inauguração do telefone em Itaguaçu. Mario Sarnaglia, prefeito de Itaguaçu ao lado do governador Cristiano Dias Lopes. Na mesma foto Geraldo Cestari (o Lalá) era funcionário público. Possuía grande cultura, mesmo tendo cursado apenas o curso primário.

Em terreno, bem no alto, atrás da igreja matriz e que foi cedido por D. Natinha Herzog, graças ao prestígio do Dr. Demócrates, prefeito da cidade, foi construído um campo de aviação aonde era possível receber pouso de aviões de pequeno porte.

MÁRIO SARNÁGLIA

31/01/1967 / 31/01/1973



Segundo relatos, nesta época Itaguaçu já possuía 13 empresas de comércio em geral, dos quais um era de compra de café, 2 compradores de café, 6 bares dos quais dois estão associados a uma padaria, 2 açougues, 1 armazém de tecidos, 1 de produtos veterinários, 1 bomba de gasolina, duas serrarias e um alambique.

Em 3 de março de 1968, com apoio do Senhor Mário Sarnágliã, prefeito municipal de Itaguaçu, a Fundação José Theodoro de Andrade foi criada com o objetivo de angariar benefícios para a coletividade em geral, por iniciativa do deputado Henrique Gustavo Bucher.



WALMIR NOGUEIRA CAMPOS

Walmir Monteiro de Souza, filho de Acrísio Nogueira Campos e Maria Rossoni Nogueira, nasceu em Laginha, município de Itaguaçu, foi eleito em 1980 pelo MDB.

Seu primeiro emprego foi na Prefeitura Municipal de Itaguaçu como protocolista.

Exerceu o mandato de dois anos para o qual foi eleito em (1970/1972). Seu desafio como administrador do município foi administrar o município por curto período e a limitada arrecadação. Como realizações de sua gestão podemos citar reformas e ampliações, calçamentos, entre elas o da Avenida 17 de fevereiro, implantação do Programa MOBREAL, incentivo e apoio à formação da Banda Musical de Itaguaçu.

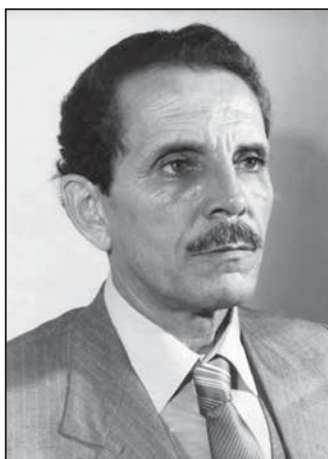




Outras melhorias:

(Inauguração do Telefone em Itaguaçu - 02/05/1970 – APEES n°s 478, 477, 473, 482).

NELSON ALVES



31/01/1977

O projeto de drenagem e pavimentação, documento do IJSN, consta que, em abril de 1982, Projeto de Drenagem Pluvial e Pavimentação das ruas Santa Fé e Via Sobreiro, a serem implantados no Município de Itaguaçu, são de suma importância para esta cidade, uma vez que essas ruas vem causando grandes transtornos à população que por ali transita.

A Administração Municipal tem se preocupado com a infraestrutura da cidade e com o bem estar da população, dando prioridade a essas duas ruas, devido a elas se encontrarem em situação bem mais precárias que as demais. A existência de variações acentuadas do terreno e a caixa dessas ruas se encontram bastante irregulares, e em períodos de *chuva*, elas se transformam em verdadeiros lamaçais, ficando praticamente intransitáveis, *devido* ao grande *volume* de terra que nelas se deposita, trazido junto com as águas que escoam das encostas.

A pavimentação dessas ruas é de uma grande importância à população, sendo que a rua Santa Fé é o principal acesso ao conjunto habitacional da COHAB, e a Via Sobreiro e aonde se dão escoamento de toda a produção do interior do município.

31/01/1989

Nelson Alves, eleito pelo pleito de 15 de novembro de 1976 com 2118 votos, tendo como vice Mélico Zanetti. Foi enquadrado na prorrogação dos mandatos perfazendo um governo de seis anos.

Entra em vigor a Lei Municipal nº 347 que criou a Diretoria de Esportes e Turismo de Itaguaçu – DIRESTUR – com o objetivo de apoiar as atividades escolares, esportivas, folclóricas, religiosas do município. Tem realizado cursos para a formação de árbitros de futebol de campo, salão e voleibol.

Com 576m², até o momento, a economia de Itaguaçu é relativamente pequena. Produz de quase tudo um pouco e, em face disso os lucros das famílias são pequenos e a receita orçamentária da Municipalidade mal basta para suprir as necessidades mais urgentes. A situação do Município começou a melhorar quando foi lançada a semente da cafeicultura em Itaguaçu, tendo como idealizador, incentivador e executor o ex-vereador e ex-prefeito Municipal o Sr. Mario Sarnaglia. O cultivo do café gerou trabalho e recursos financeiros para milhares de pessoas gerando elevada soma para os cofres da Prefeitura. Em 1982, a produção de café foi calculada em mais de 130 mil sacas.

O primeiro concurso Leiteiro de Itaguaçu, uma iniciativa do Escritório Local da EMATER-ES, foi realizado no período de 30/09 a 02/10/1977, com apoio da Prefeitura Municipal de Itaguaçu, sendo Prefeito da época o Sr. Nelson Alves.

Lançamento do primeiro número da revista ITAGUAÇU EM REVISTA, uma iniciativa de Zilá da Penha Lopes Rocon, junto aos Corpos Docente, Discente e Técnico Administrativo e Comissão de AEC, da Escola Thièrs Velloso, que completou 50 anos no mês de junho de 1982, teve o incentivo da população e do prefeito.

Palavras do prefeito

Administrar Itaguaçu, para mim, não foi fácil, mas nunca fugi ao grande princípio de que povo sem governo e governo sem povo nada faz. Assim é que estou conseguindo chegar ao final de minha administração, junto com o povo e o mais important4e, sentindo o povo junto de mim.

MANOEL EDGAR BENEVIDES

31/01/1983 – Manoel Edgar Benevides

- Em 20 de janeiro de 1984, o Hospital “Nossa Senhora da Boa Família” da Fundação José Theodoro de Andrade, iniciou as atividades. A Prefeitura Municipal de Itaguaçu, através do Prefeito Manoel Edgar Benevides, colocou à disposição do Hospital cinco funcionários.

No período de 1985/86, foram realizadas as seguintes atividades:

- Criação das escolas: Córrego Alemão, em Cachoeirão e Santa Joana, no Km 12. Ambas as Escolas atendem 30 crianças da zona rural, na faixa etária de 7 a 14 anos.
- Lei Municipal nº 347, de 14 de dezembro de 1987, cria a diretoria de Esportes e Turismo.

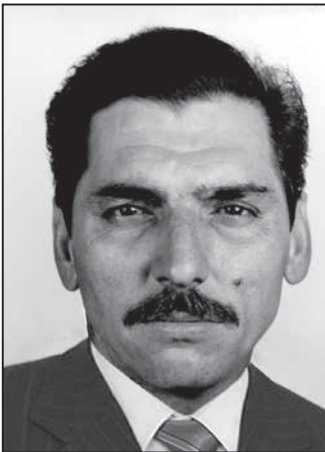


- Através de convênio da Prefeitura Municipal de Itaguaçu e Secretaria Estadual de Educação foram adquiridos materiais didáticos e equipamentos para distribuição gratuita às Escolas do município e foram reformadas 3 escolas Municipais e 14 Estaduais.
- Foi celebrado convênio com PEAE para distribuição de merenda nas escolas;
- O sistema de esgoto na Av. Henrique Frizzera e Rua José Theodoro de Andrade;
- Calçamento da rua Henrique Novais e avenida Henrique Frizzera;
- Foram construídas 30 pontes de madeira e recuperação de 50 pontes;
- Também foi investido na reabertura e drenagem de estradas;
- Através do convênio com o Governo foram procedidas as eletrificações no Município;
- A saúde foi atendida com distribuição de medicamentos, pagamento de diversos servidores que prestam serviços ao Hospital Nossa Senhora da Boa Família.

ALBERTO MEIRELES GUERZET

01/01/1993

LUIZ CARLOS BINDA



Luiz Carlos Binda foi vereador e vice-prefeito no mandato de Alberto Meireles Guerzet. Em 1993, foi eleito prefeito.

Exerceu o cargo voltado à população, sendo o prefeito que mais investiu em benefício à população carente.

Melhorou o atendimento na saúde, à educação e principalmente valorizou o homem do campo.

Na saúde o Turco, como é carinhosamente reconhecido, priorizou o atendimento ao cidadão contratando profissionais e empregando toda a verba destinada à saúde em especialidades médicas para hospital da cidade. Atendeu pessoas com necessidades especiais. Adquiriu terreno e construiu espaços alternativos para este fim.





No esporte construiu e ampliou campos e colocou alambrados de proteção em 16 campos de futebol. Oferecia transporte e material esportivo como forma de incentivar o esporte municipal. Participou e deu apoio para a realização das cavalgadas.



Foi implementado pela Prefeitura Municipal de Itaguaçu o “Projeto Sítio Esperança para implementar um programa de Assistência às Crianças e Adolescentes, na faixa de 07 a 14 anos, principalmente os oriundos das famílias de baixa renda.

Em 1995, foi criada a EMEF “Amanda Leite Cunha” que iniciou com atendimento a alunos de 1ª a 4ª séries. A partir deste ano as crianças passaram a ficar em horário integral no Sítio Esperança.



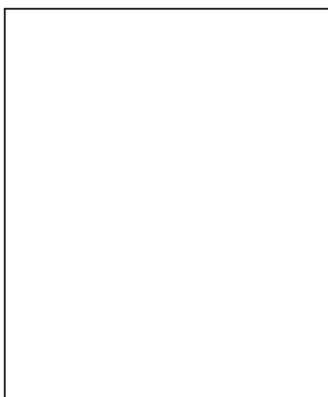
Adquiriu o primeiro carro pipa da cidade para irrigar jardim e fazer a limpeza da cidade.

Durante seu mandato, Itaguaçu recebeu a visita de Dom Geraldo Lírio Rocha que visitou a creche da Prefeitura.

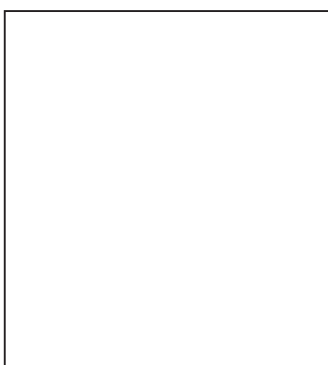
Realizou o Concurso Leiteiro realizado anualmente. Asfaltou ruas e construiu o barracão para o evento.

Foi prefeito amigo do povo e muito humano em suas decisões

1999 – Em divisão territorial datada de 15-VII-1999, o município é constituído de quatro distritos: Itaguaçu, Itaçu, Itambé e Palmeira. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2003. Fonte: Biblioteca IBGE www.citybrazil.com.br/es/itaguacu/administração.

**JOSÉ BORTOLINI**

31/12/2000

**JOSÉ HANSTENREITER**

01/01/2001

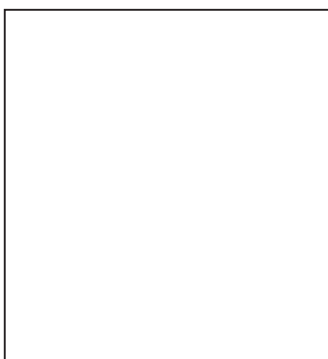
Primeiro prefeito do século, mais conhecido como Lírio, elegeu-se prefeito pelo Partido Liberal, em outubro de 2000

Já foi diretor de Esportes e Turismo e Secretário do Bem-Estar-Social.

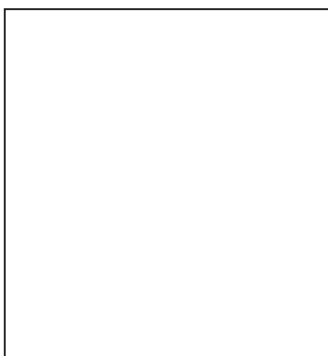
Aprendeu a profissão de fotógrafo, como aprendiz em 1961, com o tio e oito anos depois abriu seus estúdios em Vitória. Mudou-se para Itaguaçu em 1976. Em 1976, mudou-se para

Itaguaçu e continuou trabalhando como repórter-fotógrafo.

Uma das prioridades de seu mandato foi garantir os direitos individuais e coletivos, investir em educação, saúde e segurança e de fomentar a agricultura e o comércio local. Ações culturais também são prioridades de seu governo.

**JOÃO BAPTISTA BOTOLINI**

31/12/2004

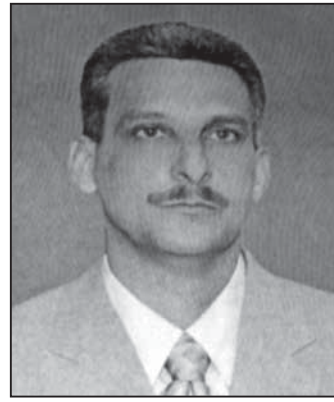
**JOÃO CARLOS ZIETZ**

31/12/2008

ROMÁRIO CELSO BAZÍLIO DE SOUZA

01/01/2009 / 01/01/2005

Nascido em 4 de novembro de 1961, Romário Celso Basílio de Souza é filho de Orlando Bazílio de Souza (falecido) e de Júlia Demoner de Souza, é casado com Sônia Zanetti Bazílio de Souza



Representação Política 2004 – ELEIÇÃO MUNICIPAL

Nome do candidato eleito	Romário Celso Bazílio de Souza
Partido do candidato eleito	45
Número de votos do candidato eleito	5.559
Nome do candidato segundo colocado	Demócrates Frizzera Coelho
Partido do candidato segundo colocado	25
Número de votos do candidato segundo colocado	3.907
Votos válidos	10.226
Número de eleitores	11.895

Fontes: Tribunal Superior Eleitoral, Registros Administrativos 2004 – Rio de Janeiro: IBGE, 2006.



Cine Esperança, ao lado do jardim, praça principal de Itaguaçu, propriedade do Sr. João Barbosa de Menezes. Inaugurado em 15 de junho de 1956



Cine Esperança totalmente remodelado e reinaugurado, em 7 de fevereiro de 2012, com o nome de teatro Municipal Geraldo Cesari. Agora, Itaguaçu conta com um belo e moderno teatro, todo remodelado, com ótima acústica, onde são realizadas frequentemente apresentações artísticas.



pt. wikipedia. org/wiki/Itagua%C3%A7u – 39k – em 11/04/2011



Câmara Municipal de Itaguaçu – ES (Foto: Sergio Falcetti)

Itaguaçu é constituída de um belo patrimônio natural, no qual merecem destaque as cachoeiras, as serras, vales e as formações rochosas como o Pico dos 5 Pontões, a Pedra do Barro Preto e a Pedra Paulista, obras da natureza sem comparações. Recebem incentivos da Prefeitura para incrementar o turismo e para a prática do Ecoturismo e Turismo Aventura.



Prefeitura de Itaguaçu – ES (Foto: Frizzera)

DARLY DETTMANN

2012



Idade: 59 anos (15/06/1954)
Naturalidade: Afonso Claudio/ES
Estado Civil: Casado
Ocupação: Advogado

População estimada 2013	14.844
População 2010	14.134
Área da unidade territorial (km ²)	531,499
Densidade demográfica (hab/km ²)	26,59
Código do Município	3202702
Gentílico	Itaguaçuense

Darly é Prefeito em Itaguaçu pelo PSB na coligação Rumo Novo, Ouvindo o Povo.
Eleito com **3.739 votos** (39,50%).

Calendário

- 1857 – “Iniciada a derrubada de matas” na barra do Guandu (1.000x200) braças destinadas a nacionais vindos de Minas. – “os prazos distribuídos a um pequeno número de mineiros, que os solicitaram, foram logo deixados em abandono”
- 1860 – Por aviso de 6 de outubro desse ano mandou o Governo Imperial (Lei de 14 de setembro de 1859) se desse a cada um dos ex-praças de linha um lote de terra de 22.500 braças quadradas – “o que não se realizou visto que nem uma só se apresentou fazendo valer o seu direito”.
- 1866 – José Vieira de Carvalho Milagres, conhecido como Major, vem a Espírito Santo para reconhecimento das terras do rio Doce.
- 1870 – Francisco Vieira de Carvalho Milagres, irmão do Major José Vieira de Carvalho Milagres, de Cantagalo para Guandu, veio se encontrar com o Major para fixar seus negócios em terra capixaba.
- 1872 – Francisco Vieira de Carvalho Milagres, tendo cultivado a terra e construído residências e armazéns, chega com sua família e escravos.
- 1873 – Fundação do Partido Republicano Paulista esteve diretamente ligada à questão da expansão da lavoura cafeeira e a falta de mão de obra para trabalhar na lavoura.
- 1875/1880 – *José Theodoro (ou Teodoro) de Andrade abre a fazenda Boa Sorte, no Córrego Sobreiro, afluente do Santa Joana, e deixa seu cunhado Antonio Coelho para administrá-la. Hoje a Fazenda Boa Sorte, adquirida pelos pais de David Zanotti, permaneceu com ele por longos anos. Atualmente pertence aos descendentes de David Zanotti.*
- 21/01/1877 – *Falece, no Espírito Santo, José Vieira de Carvalho Milagres*
- 27/02/1879 – *Chegada de Fortunato Barbosa de Menezes e família, de Cantagalo para a Fazenda Portela.*
- 1886 – Chegada dos primeiros emigrantes no Brasil.

- 1888 – É criado o distrito de Afonso Cláudio pela Lei nº 24 de 20/09/1888 e pela lei provincial nº 01 de 16/01/1888, subordinado a Santa Leopoldina.
- 1889 – Na República Velha houve incentivo para o do povoamento do interior do Espírito Santo, com melhoramentos em infraestrutura e modernização da economia com instalação de indústrias e urbanização da capital.
- 1890 – Afonso Cláudio é elevado a vila pela lei estadual nº 52 de 20/11/1890, desmembrado de Santa Leopoldina. O decreto 57 de 25/11/1890 estabelece as sedes dos novos municípios criados pelo art. nº 08 das disposições transitórias da Constituição do Estado do Espírito Santo que cita o Município de Alto Guandu, que passa a se chamar Afonso Cláudio constituído das freguesias de Guandu e cria Nossa Senhora de Boa Família
- 1891 – Em 15/03/1890 foi criado o distrito de Figueira de Santa Joana e em 16/03/1891, foi criado o distrito de Boa Família, pela lei municipal nº 1, de 16-03-1891, subordinado ao município de Afonso Cláudio.
- 1892 – Em 29/08/1892, foi criado o Cartório de Registro Civil de Boa Família e em 14/10 do mesmo ano, foi criada a primeira Agência dos Correios.
- 1896 – Fundado o Diretório do Partido Republicano Federal no Distrito de Boa Família sendo Antônio Matinho Barbosa seu principal componente.
- 1901 – Em dezembro de 1901, chegou o primeiro pastor para ajudar na edificação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Palmeira de Santa Joana.
- 1906 – Falece José Theodoro de Andrade e é sepultado no antigo cemitério de Itaguaçu.
- 1914 – Em 28/11/1914, a lei estadual nº 978 os distritos de Boa Família e Figueira são desmembrados de Afonso Cláudio.
- 1914 – Foi nomeada a primeira professora estadual para Itaguaçu, a famosa D. Maria Amélia Barbosa de Menezes



*Professora Maria Amélia com
esposo Alípio Barbosa de Menezes*

- 1915 – Em 17/02/1914, instalação oficial do Município, como interventores os Srs. Ernesto Martins Vieira e Francisco Barbosa de Souza. Presidente do Estado o Sr. Marcondes Alves de Souza.

- 1915 – Em 28 de fevereiro de 1915, foi realizada a primeira eleição no município sendo eleito para prefeito o Sr. Antonio Martinho Barbosa, com 244 votos. Para vereadores: Dr. José Lucas Raposo da Câmara, Sr. Augusto Celestino Barbosa, Sr. José Colnago, Sr. Sebastião Egydio Martins, o Sr. Joaquim Olympio da Fonseca Cruz. Para suplentes o Sr. Américo Barbosa de Menezes, o Sr. Pedro Giuseppe Gobbo e o Sr. João Felipe Raulino.
- 1915 – Constituído de 3 distritos: Boa Família, Figueira e Itaçu. Desmembrado de Afonso Cláudio. Instalado em 17-02-1915.
- 1917 – Pela lei estadual nº 1093, de 05-01-1917, é criado o distrito de Santana do Paraju e anexado ao município de Boa Família.
- 1920 – Nos quadros de apuração do Recenseamento Geral de I-IX-1920, o município é constituído de 4 distritos: Boa Família, Figueira (hoje Itarana), Santana de Paraju e São Francisco.
- 1921 – A denominação Itaguaçu, com a instalação da Comarca além da elevação da sede à categoria de cidade. Pela lei estadual nº 1307, de 30-12-1921, o município de Boa Família passou a denominar-se Itaguaçu.
- 1932 – Em 14 de maio de 1932, o Dr. Luiz Adolfo Thièrs Velloso cria a escola que leva o seu nome.
- 1933 – Fundado o Nacional Futebol Clube de Itaguaçu.
- 1933 – Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído de 4 distritos: Itaguaçu, Figueira, Paraju ex-Santana de Paraju e São Francisco. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 31-XII-1936 e 31-XII-1937. Pelo decreto lei estadual nº 9222, de 31-03-1938, o distrito de Paraju passou denominar-se Santana de Queira Deus.
- 1939 – No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 4 distritos: Itaguaçu, Figueira, Santana de Queira Deus e São Francisco.
- 1943 – Pelo decreto-lei estadual nº 15177, de 31-12-1943, o distrito de São Francisco passou denominar-se Itaimbé. Sob o mesmo decreto o distrito de Figueira passou a denominar-se Itarana e o distrito de Santana de Queira Deus a denominar-se Itaçu.
- 1944 – No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o município é constituído de 4 distritos: Itaguaçu, Itaimbé, Itaçu e Itarana.



*Francisco de Almeida Loureiro,
diretor Grupo Escolar Thièrs Velloso,
nesta data.*

- 1955 – Em divisão territorial datada de 1-VII-1955, o município é constituído de 4 distritos: Itaguaçu, Itaimbé, Itaçu e Itarana. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.
- 1955 – Em 24 de abril de 1955, foi eleito o Dr. Emílio Roberto Zanotti, então prefeito de Itaguaçu, Presidente do Diretório Municipal de Itaguaçu.
- 1957 – O ginásio de Itaguaçu foi transformado em Colégio Estadual e escola Normal Itaguaçu.
- 1958 – O Sr. Salomão Índio do Brasil iniciou a Escola Dominical de orientação Presbiteriana do Brasil.
- 1960 – O Estado promoveu a erradicação dos cafezais – 180 milhões de pés de café foram sacrificados.
- 1968 – Em 08 de março de 1968, foi criada a Fundação José Theodoro de Andrade.
- 1963 – Pela lei estadual nº 1910, de 13-12-1963, desmembra do município de Itaguaçu o distrito de Itarana. Elevado à categoria de município.
Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 3 distritos: Itaguaçu, Itaçu e Itaimbé.
- 1982 – Foi lançada a Revista de Itaguaçu em comemoração aos 50 anos da Escola de 1º Grau “Thièrs Velloso”.
- 1984 – Em 20 de janeiro de 1984, o Hospital “Nossa Senhora da Boa Família”, da Fundação José Theodoro de Andrade, começou a atender a população de toda região.
- 1991 – Pela lei municipal nº 533 de 09-12-1991, alterado pela lei municipal nº 758, de 28-08-1997, é criado o distrito de Palmeira e anexado ao município de Itaguaçu.
- 1993 – Foi adquirido o espaço para abrigar o Projeto Sítio Esperança, programa de apoio à criança e ao adolescente.
- 1999 – Em divisão territorial datada de 15-VII-1999, o município é constituído de 4 distritos: Itaguaçu, Itaçu, Itaimbé e Palmeira. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2003.
- 2000 – Em 07 de janeiro de 2000, começa a funcionar a escola particular Brunow Centro Educacional

Itaguaçu no Centenário

Regina Menezes Loureiro

*Eis aqui, digo eu, o lugar onde o povo
é sempre encontrado a festejar.*

*E tem a beleza e o fulgor da poesia na
suprema arte de bem tratar.*

Itaguaçu, tem gente alegre e criativa, disposta a participar.

De onde eles trazem tanta beleza, afinal?

de longe, muito além das fronteiras...

Aqui plantou amor em terra bruta,

Criou raízes no distante País,

falou a língua nacional,

estrofes verdadeiras,

sotaque especial

*Se estou muito encantada, assim também um tanto
afobada,*

é por estar nesta terra bem no seu político centenário.

Minha vinda aqui, com certeza, se explica, favor:

Cativada pela história escrita com graça

pelos índios, negros, portugueses,

*e imigrantes de toda raça
recriei
aprisionei
sensibilizei.
com imenso fervor,
coração e novas asas;
ansiosa por mais novidade;
estudei a razão da conquista;
contemplei a beleza dos templos
com vitrais celestiais do NOSSO LAR.
Pela felicidade deste apreço
encontro significados e iluminada escrevo
histórias e respostas marcadas com sabor eterno;
revelo o vivido e o inventado, num livro de sua história;*

*Parabéns ITAGUAÇU!
Neste momento de alegria e glória.
Receba o meu troféu e o sentimento verdadeiro
que nasceu e renasceu da riqueza de sua cultura
E deixará nas almas a imagem com indeléveis impressões.*

Andei escarafunchando arquivos para apresentar a história, no Ano do Centenário de Emancipação política de Itaguaçu. Espero apresentar valioso estudo, com revelações interessantes sobre esta Terra Capixaba em crescente progresso, Terra que liga o hoje ao ontem e ao amanhã para lembrar e enaltecer seus valores culturais e de personalidades que deram orgulho à Terra onde nasceram. Mestres da arte de valorizar sua gente, a força da sua cultura e a beleza de sua história, ao ler o meu livro, os itaguaçuenses possam estudá-lo com deleite e curiosidade.

Referências

- KILL, Miguel A. **Terra Capixaba – geografia e história**, Vitória, ES, 2005,
- ROCHA, Levy. **Viajantes estrangeiros no Espírito Santo** Ed. De Brasília S/A, 1971.
- ROCHE, Jean. **A colonização Alemã no Espírito Santo**: São Paulo, Difusão Europeia do Livro Editora da Universidade de São Paulo, 1968 – Tradução de Joel Rufino dos Santos.
- SBARDELOTTI, **Aristeu Bellia Duque Y Mirò. BUONA FAMIGLIA**, Gráfica e Editora São José, Fundação Gercino Coser, Vitória, ES, Ed. 1, 1991
- TALLON, Miguel Depes. **História do Espírito Santo – ensaio sobre sua formação histórica e econômica**, Ed. IHGES, 1999.
- WAGEMANN, Ernest. **Colonização alemã no Espírito Santo**, Trad. Reginaldo Sant’Ana, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, RJ, 1949
(Dicionário Histórico, Geográfico e Estatístico da Província do Espírito Santo – 1875).
- Itaguaçu em revista, ano I – 2, setembro /82, 03 de dezembro/82**
- Introdução à História de Itaguaçu** – 1958 Material fornecido pela Câmara Municipal de Itaguaçu em 21 de fevereiro de 2010.
- www.famigliacasotti.kit.net/origem.htm 01/03/2010
- em www.portalitalia.com.br/historia/es/itaguaçu.asp - Acesso em 12/mar/2010
- Spazioinwind.libero.it/.../storia/emigraz2.html 01/03/2010
- Relatório Final das atividades desenvolvidas pelo GAPEC NO MUNICÍPIO DE Itaguaçu - Instituto Jones Santos Neves*
- Assentamentos pessoais.*
- Conversas e trocas de ideias com pessoas idosas*
- Pesquisas outras*
- Biblioteca IBGE www.citybrazil.com.br/es/itaguacu/administracao

ARQUIVO PÚBLICO ES

1. CATÁLOGO PROVISÓRIO ACCIOLY

- 234 – Itaguaçu, 1915/1921;
- 321 – Santa Leopoldina, assuntos eclesiásticos [Câmara Municipal de] 1865/1865/1815/1870/1875/1885/1887/1921;
- 330 – Santa Teresa, assuntos eclesiásticos e outros 1891/1892/1894/1912^a1921;

2. FUNDO GOVERNADORIA

- LIVRO 11
 - Avisos recebidos pelo Presidente de Província;
 - Doação de terras para ex-voluntários da Pátria;
 - Pedidos privilégio para estabelecimento de linha da navegação a vapor no rio Doca.
- Livro 13
 - Informações à Colônia Santos Leopoldina;
 - Informações sobre índios Botocudos que se acham no sul do rio Doce... rio Guandu.
- LIVRO 33
 - Alistamento dos cidadãos para o serviço do Exército e da Armada;
- LIVRO 61
 - Edital sobre os socorros prestados aos retirantes cearenses;
- LIVRO 78
 - Juízes de Direito de diversas comarcas – 1885 a 1895
- LIVRO 95
 - Mesas eleitorais.
- LIVRO 26
 - (compra de terras devolutas no Rio Santa Joana) 43 (1885), 298 (1887), 304 (1886), 316 (1887), 275 (1888);

3. INVENTÁRIO DO FUNDO TER – 1932/1937

- Cx. 111, 112, 116;
- Cx. 117 e 118 - listagem de eleitores 1933/1934;
- Atas de instalação e encerramento.

4. FUNDO POLÍCIA – 1833/1908

- Polícia marítima, relação de passageiro:
 - FP. GPM. S 24 cx. 732 e 733.

5. PROCESSOS DE TERRAS – 2ª série

- Cx. 114 e 115 – Itaguaçu, Procópio Botelho;
- Cx. 117, 173, 179, 199 – Fortunato Barbosa de Menezes;
- Cx. 120 e 305 – João Rissi;
- 124, 411, 413 – Ricardo Bucher;
- Cx. 136 e 700 – Alberto Bucher.

6. PROCESSOS DE TERRAS – cx. 01 a 111

- Cx. 39 – 1898 – Francisco Vieira Milagres Júnior;

- Cx. 49 – 1899 – *Henrique de Paula Mascarenhas*;
- Cx. 68 – 1895 – *José Barbosa de Menezes*;
- Cx. 68 – 1985 – *João Barbosa de Menezes*.

7. MAPAS – CATÁLOGO DE PLANTAS

- Santa Leopoldina – planta de limites. . . cx. 085-CI-33116016;
- Afonso Cláudio – planta da região. . . cx. 171 CI01224336;
- Itaguaçu – mapa rodoviário. . . CX 100 CI21212390;
- Espírito Santo . código ES 003. 3

8. LEGISLAÇÃO CIVIL

- Cx. 545. – óbito de Itaguaçu (1929 – 46/54, 57/65, 66;
- Cx. 542 – casamento (1929-56), 543(08D) casamento Itaguaçu (58);
<http://www.estacaocapixaba.com.br/temas/imigracao/colonizacao-alema-no-espírito-santo-2/> em 20/10/2013

9. FUNDAÇÃO CECILIANO ABEL DE ALMEIDA – UFES

10. FUNDAÇÃO JONES DO SANTOS NEVES

11. BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESPÍRITO SANTO

